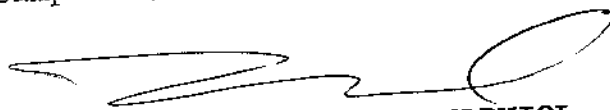


Este exemplar corresponde à versão final da Tese de "Doutorado", apresentada ao Curso de Pós Graduação em Medicina / Medicina Interna da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, para obtenção do título de Doutor.

Campinas, 01 de julho de 1994.



Prof. Dr. ISAC GERMANO KARNIOL

- Orientador -

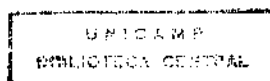
MARIA JOSÉ FRANKLIN MOREIRA

**"APRENDENDO COM A EXPERIÊNCIA"
DOS DROGADOS**

Tese apresentada à Faculdade
de Ciências Médicas da Uni-
versidade Estadual de Campi-
nas, para a obtenção do Tí-
tulo de Doutor em Medicina,
área de Saúde Mental.

Orientador: Prof.Dr.Isac Germano, Karniol

CAMPINAS, 1994.



UNIDADE	BC
2ª DIVISÃO	
T/UNICAMP	
M813a	
CLASS. DEC	17.936
NUM.	286/94
	Y
VALOR	R\$ 11,00
DATA	19/08/94
DE CPO	

CM-00055374-3

FICHA CATALOGRAFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL - UNICAMP

Moreira, Maria Jose Franklin

"Aprendendo com a experiencia" dos drogados / Maria Jose
M813a Franklin Moreira. -- Campinas, SP : [s.n.], 1994.

Orientador : Isac Germano Karniol.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Ciencias Medicas.

1. Toxicomanos. 2. Psicanalise. 3. Mitologia. I. Karniol,
Isac Germano. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Ciencias Medicas. III. Titulo.

20. CDD- 362.293

-616.891 7

-301.21

Indices para catalogo sistematico:

1. Toxicomanos 362.293
2. Psicanalise 616.891 7
3. Mitologia 301.21

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

À vida, "que me tem dado tanto", por mais esta realização.

Ao Prof. Dr. Isac Germano Karniol, por sua amizade, apoio e estímulo e pela sugestão e orientação deste trabalho e de outros que já publiquei, na área de Psiquiatria.

Ao Prof. Dr. Antônio Muniz de Rezende que me acompanhou na elaboração da Tese. Foi sua a sugestão metodológica de Bion e a idéia de fazer a redação sob a forma literária. Ele foi um continente perfeito, um porto seguro aonde me dirigia sempre que necessitava.

Ao Prof. Dr. Dorgival Caetano, chefe do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria; à Profª. Dra. Rachel Vilela Fávero e ao Prof. Dr. Evandro Gomes de Matos pela amizade, apoio e estímulo em momentos importantes deste trabalho e de minha vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Rubem Alves que está sempre a me lembrar que a vida é bem maior que qualquer coisa que se faça.

Aos meus professores de Pós-Graduação, Psiquiatria,

Medicina, Cursinho, Colégio, Ginásio, Primário e a todos que, algum dia, me ensinaram alguma coisa.

Aos amigos, colegas e funcionários do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria, pelo convívio nestes anos todos. Em especial àqueles com quem trabalho no Setor de Saúde Mental Infantil: Profª. Eloisa Helena R.V. Celeri, Profª. Dra. Lídia Straus, Prof. Dr. Sérgio Luiz Saboya Arruda e Profª. Sônia Novaes de Rezende.

Aos meus alunos de Medicina e de Enfermagem, aos Residentes de Psiquiatria e às alunas do curso de Especialização em Psicoterapias na Infância, que me estimulam a estudar e conhecer cada vez mais o aspecto mental da condição humana.

Aos meus pacientes, crianças e adultos, verdadeiros textos vivos da arte e do risco de viver.

Aos Professores Dr. Cláudio Fernandes, Dr. Joel Sales Giglio, Dra. Lídia Straus e Dr. Sérgio Luiz Saboya Arruda pelo empréstimo de livros utilizados neste trabalho.

Ao Prof. Dr. Egberto Ribeiro Turato, Coordenador da Sub-comissão de Pós-Graduação em Saúde Mental e à Profª. Dra. Maria Marluce dos Santos Vilela, Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas, pelo estímulo e apoio a este trabalho.

À Sandra Aparecida Moreno, secretária da S.C.P.G.S.M., pelo auxílio nas questões burocráticas.

À Marisabel Regina Rodrigues do Amaral, bibliotecária da F.C.M., pela correção da bibliografia.

À Profª. Ana Maria Melo Negrão, pela correção do texto.

Aos meus entrevistados, por tudo que me ensinaram e a todos

aqueles que, na instituição, me permitiram fazer observações e realizar as entrevistas.

Aos pensadores que me têm inspirado e ajudado pela vida afora e, neste trabalho, especialmente a Antônio Muniz de Rezende, Fernando Pessoa, Joseph Campbell e Wilfred Ruprecht Bion.

À Eliana Maria Silveira Cyriaco que, pacientemente, digitou e imprimiu este trabalho.

À Carolina, Gustavo e André que dão mais sentido a tudo que faço e ao Franklin por sua paciência nestes tempos de Tese e por ter cuidado de nossos filhos em muitos finais de semana.

Aos meus pais, Dulce (in memoriam) e Joaquim, sem os quais nada disto teria acontecido.

Os objetos psicanalíticos são as associações e as interpretações, com seus prolongamentos nos domínios dos sentidos, dos mitos e das paixões.

Objetos psicanalíticos se refere àquilo que é objeto de estudo da psicanálise.

(Bion, 1966)

S U M Á R I O

	Pág.
Resumo.....	
Abstract.....	
Introdução - Objetivo.....	1
1. Aprendendo com os Sentidos.....	5
1.1. No contato com a instituição e com os drogados...	6
1.2. Na leitura das entrevistas.....	23
2. Aprendendo com as Paixões.....	51
3. Aprendendo com os Mitos.....	63
4. Aprendendo com a teoria Psicanalítica.....	95
5. Repensando (Second Thoughts) - "Conclusões".....	113
6. O Método.....	128
7. Bibliografia.....	171

R E S U M O

Neste trabalho descrevo a minha experiência de contato com uma instituição que trata de drogados, situada na região de Campinas, estado de São Paulo, Brasil. Cincoenta e três indivíduos drogados, que lá estavam em tratamento, foram entrevistados, no período de fevereiro a outubro de 1985.

Como objetivo, propus-me a pensar e a fazer pensar acerca do que aconteceu a esses indivíduos drogados e por que não conseguimos ajudá-los.

Metodologicamente, adotei as idéias de Bion que, ao falar do objeto psicanalítico, aponta a sua extensão ao domínio dos sentidos, dos mitos, das paixões e da teoria psicanalítica.

Levantei a hipótese de que o mito de Baco é o que melhor nos serve de referencial para analisar o desenvolvimento mental e os conflitos do drogado, em toda a dimensão de sua tragédia. Como complemento à compreensão do mito de Baco, fiz um breve "passeio semântico" pelos mitos de Apolo, Eros e Édipo e pelos personagens bíblicos de João e de Jesus.

Reuni algumas hipóteses da moderna física que, junto com os mitos e os personagens bíblicos, ajudam a pensar que cada ser humano parece fazer e receber "interações psíquicas" desde o início, desde a concepção e, provavelmente, antes disso, através do desejo e da aceitação daquele filho, nas mentes dos pais.

Percorri algumas idéias psicanalíticas, principalmente de Bion e de Rezende, que ajudam a compreender a experiência de aprender, que vivenciei ao estar em contato com a instituição e com os drogados, e também o desenvolvimento mental e os conflitos dos meus entrevistados. Chamei de "Complexo de Baco" a esse desenvolvimento mental que leva o indivíduo a sentir-se psiquicamente órfão, a não se sentir como objeto do desejo dos pais, a "viajar" de um lado para outro, sem rumo, até à última "viagem", a morte, que geralmente ocorre por overdose, suicídio, acidente fatal ou homicídio, ligados ao uso e efeitos das drogas. Ilustrei essa "teoria" sobre os drogados com os exemplos de Christiane F. e Michel Frank. Citei também Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Modigliani, como exemplos. De Freud, o pai da Psicanálise, apresentei alguns aspectos de sua biografia que ajudam a compreender por que, apesar de entrar em contato com a droga (cocaina), não se tornou um drogado.

A seguir, fiz uma breve reflexão acerca da maneira como alguns especialistas e Governantes de países estão lidando com o problema da drogadicção no mundo.

Por fim, apresento o método, o caminho que percorri, incluindo um "atalho" que fiz no início, e o modelo de entrevista que utilizei.

Na última parte, a bibliografia.

A B S T R A C T

This work describes my experience with an institution dealing with drug-addicts, located near Campinas, in the State of São Paulo, Brasil. Fifty-three drug-addicts in treatment were interviewed between February and October 1985.

My aim was to think and make people think about what happened to these individuals and why we can't help them.

Methodologically, I adopted Bion's ideas who talking about the psychoanalytic object, points it to the domain of the senses, of the myths, of the passions and of the psychoanalytic theory.

My hypothesis is that the myth of Bacchus is which suits best to analyse the drug-addict's mental development and his conflicts within whole dimension of his tragedy. Complementing the understanding of the Bacchus myth I made a brief "semantic promenade" around the myths of Apollo, Eros and Oedipus and the biblical characters of John and Jesus.

I gathered some hypothesis from modern physics that, together with the myths and biblical characters help us to realize

that every human being seems to make and receive "psychic interactions" since the beginning of conception and probably, before this, through the desire and acceptance of that child, in the parent's mind.

I went through some psychoanalytic ideas chiefly Bion's and Rezende's, which help to understand the experience of learning which I went through in having been in touch with the drug-addicts and the institution as well as the mental development and conflicts of the addicts interviewed. I named "Bacchus Complex" this mental development that makes the individual feel psychically, an orphan as well as not the object of his parent's desire, so he "travels" from one side to the other, without aim till the "last trip" - death - that generally occurs by overdose, suicide, a fatal accident or homicide, linked to the use and effects of dope. I illustrated this "theory" about the drug-addicts with the examples of Christiane F. and Michel Frank. I named also Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro and Modigliani, as examples. From Freud, the father of Psychoanalysis I presented some aspects of his biography that help to understand why, in spite of having got in touch with the drug (cocaine) hasn't become an addict.

After this, I made a brief commentary about the way some specialists and Country Presidents are dealing with the problem of drug-addiction in the world.

Finally I present the method, the path I went through, including a short cut that I made at the beginning and the model of interview I used.

In the last part a bibliography is included.

INTRODUÇÃO

Esta obra começa com espanto,...

Andava eu a perguntar-me sobre um bom assunto de tese, quando, aos 12 de Janeiro de 1985, um colega sugeriu-me que estudasse a drogadicção. "Drogadicção?"*, perguntei, entre surpresa e espantada. "Sim", respondeu ele. E acrescentou: "Pense uns dias...".

Pensando, foi que me lembrei de um senhor alcoólatra, que acompanhei quando ainda era residente em psiquiatria. Chamou-me, particularmente, a atenção o fato de que ele não queria ter alta hospitalar. Foi muito marcante quando lhe perguntei: "O que o senhor vai fazer quando melhorar?". Ele não soube responder e pareceu estranhar minha pergunta. Ficou a repeti-la consigo mesmo: "Quando melhorar ... o que vou fazer... o que eu vou fazer?". Apesar de repetir, a pergunta ficava sem resposta. Parecia nunca ter pensado no assunto antes. Parecia não ter vínculo algum com o futuro. Veio ao ambulatório algumas vezes, e não voltou mais!

Lembrei-me também de uma jovem que acompanhei durante algum tempo em psicoterapia de orientação psicanalítica. Ela fazia uso de muitas e variadas drogas. Fizera algumas tentativas de tratamento, mas sem dar prosseguimento a nenhuma delas. E tentara o suicídio, algumas vezes, como se pretendesse pôr fim a uma vida sem continuidade e sem perspectiva. Chamava-me a atenção sua convicção de nunca ter sido amada pelos pais. E era evidente sua dificuldade em estabelecer ou manter qualquer espécie de vínculo -

* Há na literatura diversos nomes para designar uma mesma entidade clínica: Adição às drogas; drogadicção; farmacodependência; toxicomania; abuso de drogas; dependência de drogas e etc. Utilizarei neste trabalho drogadicção, drogas e drogados, que vêm-se tornando nomes difundidos em nosso meio e referem-se aqui tanto a drogas lícitas quanto proibidas.

quer fosse no trabalho, no estudo, ou no namoro.

Certa ocasião, em que havia risco de suicídio, pedi-lhe que trouxesse os pais para conversarem comigo. Veio primeiro o pai que, inacreditavelmente, me falou assim: "A senhora sabe qual a solução para ela? É atirar-se do prédio da Prefeitura". A mãe veio algum tempo depois e não modificou em nada a impressão deixada pelo pai. Como ele, também ela era indiferente ao destino da filha.

A paciente morreu de câncer no seio, pouco tempo depois. Tivera uma sessão de psicoterapia alguns dias antes. Seus pais não me informaram a respeito de sua morte, nem me procuraram para pagar as últimas sessões. Era como se achassem inútil fazer qualquer coisa por ela. Viva ou morta.

Numa aproximação informal, conversei com alguns colegas psiquiatras, psicólogos e psicanalistas e lhes perguntei a respeito de suas experiências em relação ao tratamento de drogados. As respostas não eram diferentes e, antes, reforçavam minha própria percepção. "Eles não ficam em tratamento. Começam e vão embora depois de um certo tempo". Em relação aos pais, os colegas comentavam: "A família tenta, mas eles abandonam o tratamento". Um psicanalista me disse: "Tenho um único caso que acompanho há uns seis anos, fazendo supervisão com um analista didata. Nas minhas últimas férias, o paciente voltou a fazer uso de drogas". Um psiquiatra comentava: "Tentei fazer psicoterapia de grupo com alcoólatras. Na empresa onde trabalhavam, ou participavam do grupo ou eram demitidos. A maioria deles acabava sendo demitida". Um outro colega observou com pessimismo: "A experiência é sempre negativa. O drogado não tem possibilidade de manter o pacto analítico, nem de observar

a regra fundamental. A próxima dose desfaz o pacto". Finalmente, de uma psicóloga ouvi: "Em um ano e meio em que trabalhei na Fazenda, só um deixou de usar a droga. Mas continuou com a bebida".

Tendo pensado muito, depois de meditar sobre minhas lembranças e o testemunho de meus colegas, resolvi topar. Resolvi enfrentar o desafio de um trabalho com os drogados que estavam em tratamento numa instituição em Campinas. Neste sentido, antes de tudo, deixei-me impregnar pelo conselho de Hipócrates: "é mais importante saber que espécie de pessoa tem uma doença, do que saber que espécie de doença a pessoa tem". Com toda honestidade, passei a perguntar-me: "O que aconteceu a estes indivíduos? Por que não conseguimos ajudá-los?". Foi assim que comecei a trabalhar na redação desta tese - que hoje submeto à aprovação da banca examinadora.

Este trabalho tem como objetivo pensar e fazer pensar acerca das questões que levantei. Metodologicamente, adotei as sugestões de Bion(1966) que, ao falar do objeto psicanalítico, aponta a sua extensão ao domínio dos sentidos, dos mitos e das paixões. Levantei a hipótese de que o mito de Baco é o que melhor nos serve de referencial para analisar o desenvolvimento mental e os conflitos do drogado, em toda a dimensão de sua tragédia. Se compreendermos o que se passa com os drogados, talvez possamos pensar também em como ajudá-los.

1. APRENDENDO COM OS SENTIDOS.

Nihil in intellectu quod prius
non fuerit in sensu.
(Nada há no intelecto que primeiro
não tenha estado nos sentidos.)

NO CONTATO COM A INSTITUIÇÃO E COM OS DROGADOS

"... aquilo que se interpreta deve representar, além de outras características, o objeto dos sentidos.

... algo audível, visível, palpável, ou o-lente, no momento."

(Bion, 1966)

"O essencial é saber ver.

Saber ver sem estar a pensar,

Saber ver quando se vê,

E nem pensar quando se vê

Nem ver quando se pensa."

(Pessoa, 1914)

Naquele pedaço de papel estava tudo o que eu tinha para co-meçar meu trabalho: um nome e um número de telefone. Por várias vezes, marquei um encontro que por vários motivos eles desmarca-ram. Até que um dia, finalmente, fui recebida no NAED* por Elias**, um funcionário que me conduziu a um pátio interno, uma espécie de sala de espera.

Ali, três rapazes conversavam e, enquanto esperava, pus-me a observá-los com atenção. Um tinha os olhos muito vermelhos e, pela conversa, percebi que fôra submetido a uma cirurgia ocular; outro estava em tratamento dentário e o terceiro ... apoiava os dois em tudo que diziam. Todos fumavam muito.

Depois de algum tempo, chegou outro indivíduo, um pouco mais velho na aparência, também fumando. Dizia ele:

- Escorreguei... pisei no tomate... caí de novo. Assim num dá não...

* Núcleo de Apoio aos Ex-Dependentes.

** Por questões de ética este e os demais nomes usados neste trabalho são fictícios.

- Não acho que você caiu!, falou o que apoiava os outros em tudo.

E ele continuava:

- Num é fácil... dinheiro o meu pai me dá o que eu quiser, mas num adianta. Duas esposas, dois filhos e não tenho ninguém. Moro em quarto de hotel... sózinho... o que eu faço? Bebo. Saio e já vou beber. Quero ver se consigo algum apoio. Queria falar com o Ariel. Ele entende a gente melhor. A psicóloga, sabe como é... não entende a gente tão bem...

O diálogo, quase monólogo, em tom queixoso, prosseguia. Os três tentavam confortar o colega, conhecido. Davam-se notícias de outros: alguns tinham caído de novo, outros estavam bem. O da dor de dentes foi deitar no quarto ao lado. O dos olhos operados levantava, a intervalos curtos, para pingar colírio; ardiam muito os seus olhos.

- A senhora pode entrar. Avisou-me Elias.

- Desculpe-me tê-la feito esperar. A entrevista demorou mais do que eu pensava..., disse a psicóloga, estendendo-me a mão.

Apresentamo-nos. Diva era uma mulher ainda jovem, solteira e pareceu-me que gostava do que fazia. Não era bonita.

- Trabalhei em sexualidade em São Paulo. Fui convidada para trabalhar com o padre Gregório, há uns dois anos.

Explicou-me, em seguida, o funcionamento da instituição e eu ia anotando:

- Geralmente a família telefona, ou algum amigo do drogado. Dificilmente é a própria pessoa. Trabalhamos com a faixa etária de dezessete a quarenta e cinco anos. Se o recuperando é de Campinas,

propõe-se acompanhamento ambulatorial no NATA*. A segunda entrevista é o próprio recuperando que liga. O tratamento dura nove meses. Vão pra chácara em Sousas e ficam em reflexão e adaptação. Trabalham três horas e meia por dia, de manhã. À tarde, têm reunião com psicóloga, assistente social e ex-dependentes. Na fazenda são acompanhados pela psicóloga por oito meses. Trabalho e oração é a filosofia básica. Nos primeiros três meses, o trabalho é no setor um, no campo; no segundo trimestre, no setor dois: cozinha, estufa e jardim; no último trimestre, no setor três, que pode ser na marcenaria ou onde escolher. À tarde vai ter Supletivo pra estimular, mas não para diplomar; vai ter também educação física e reuniões. Às terças, às dezenove e trinta, tem a reunião do NATA. A equipe atual tem três psicólogas, e uma assistente social. Na chácara, ficam em torno de dez recuperandos e, na fazenda, cerca de quarenta. Cincoenta e cinco é o limite máximo. Todos os que podem, pagam de cento e cinquenta a trezentos mil por mês**. A instituição funciona há cinco ou seis anos.

Antes de me despedir, marquei uma visita à chácara. Ficou tudo acertado para as nove horas da manhã seguinte.

- Bom dia! Marquei com o senhor Ariel.

- Ele saiu, mas disse que volta logo. Pra senhora esperar...

Reconheci aquele rapaz: era o dos olhos operados que estava no pátio do NAED na tarde anterior.

- Oi!... melhorou? como é o seu nome!

- Ismail. Como vai a senhora?

* Núcleo de Apoio ao Toxicômano e Alcoólatra.

** Para comparação, o salário mínimo era de Cr\$ 166.560,00, nessa época.

Ele também me reconheceu. Depois de me acompanhar até a varanda, Ismail entrou.

Sentei, e fiz anotações enquanto esperava. Um jovem, que acabara de sair da casa perguntou-me:

- A senhora quer conhecer a chácara? O Ismail pode mostrar pra senhora.

Demos uma volta por tudo. Solicito, o guia ia mostrando e eu ia-me impressionando cada vez mais. O lugar é muito bonito. Um rio passa ao lado e estava cheio. Observei os recuperandos: alguns trabalhavam na cozinha; um cortava capim; outro, bambu. Pareceu-me um fazer por fazer - uma espécie de passatempo. Na horta, pude ver algumas cebolinhas e alfaces mirradas na terra seca. No galinheiro, algumas poucas galinhas ciscavam na terra nua. Tanto uns quanto outros pareciam-me esquecidos, abandonados. Ao passarmos ao lado do tanque, vi uma sacola vermelha, de molho, no meio de outras roupas.

- Vão manchar essas roupas, disse eu.

- A gente não sabe lavar direito..., respondeu Ismail.

Agora eu observava as árvores. Procurei, com o olhar, alguma fruta nelas. Afinal, era tempo de manga. Achei algumas, mas... pequenas, feias, defeituosas. Nos pés de jabuticaba, algumas furadas, mirradas e grudadas nos galhos.

A seguir, entramos na casa. Podia-se ver que estava limpa; pelo menos o chão brilhava e percebia-se o excesso de cera vermelha. O sofá, encardido, mostrava as "vísceras" em grandes rasgos. Ismail convidou-me a sentar e trouxe um quadro pirogravado, imundo de pó e teia de aranha. Ali, tudo parecia resto antigo de alguma coisa.

Uma cadela dalmata, bonita e bem cuidada, vinda não sei de onde, aninhou-se perto dos recuperandos. Parecia acostumada a receber carinhos. Disseram-me que a mãe dela também morava lá, na chácara.

- A senhora aceita um café? perguntou-me um deles.

Foi um grande problema. Todos os que estavam por perto envolveram-se em me servir. Um procurou bandeja; outro, xícara; outro, bolacha. Afinal, chegaram com uma garrafa térmica enorme, uma xícara apenas e uma bandeja cheia de bolachas.

- Só eu? perguntei, espantada.

- Já tomei lá dentro, respondeu o que ia enchendo a xícara.

Senti algo esquisito mas tomei um pouco de café.

Ismail, você gostaria de participar de um estudo que quero fazer? Uma entrevista pra ter uma idéia de como são as pessoas que usam drogas?

- Claro, quero sim.

Mal anotei o nome chegou o Ariel apressado, esbaforido e mandou-me esperar enquanto atravessava a sala e entrava num aposento ao lado. Saiu logo e estendendo-me a mão:

- Prazer em conhecê-la ... tive que sair. Você é ...

- Maria José.

- A Diva me falou. Você já conheceu aqui?

- Já, o Ismail me mostrou.

Estávamos sentados frente a frente e sem que eu perguntasse qualquer coisa ele começou:

- Eu sou ex-dependente...há dois anos trabalho aqui... o padre Gregório me convidou e eu aceitei. Eu mesmo tive muitos problemas: Aos cinco anos de idade, vi minha irmã se suicidar...

Ariel contou sua estória. Falava tudo depressa, como num monólogo já inúmeras vezes repetido. E fumava muito.

Era chegada a hora do almoço.

- Quer almoçar com a gente? Convidou Ariel.

- Não, muito obrigada.

Ao sair pela sala, pude ver os recuperandos que ali estavam. A maioria fumava muito. Era uma situação diferente. Não havia tristeza nem alegria ...

Era de novo uma voz gravada que me atendia. Deixei recado e esperei uns dias. Tentei outra vez e a secretária, agora humana, disse que a entrevista com o padre só era viável na segunda de carnaval.

- Ele viaja muito, justificou.

Sem outra alternativa, decidi ir, de qualquer jeito.

- Você precisa falar logo com o padre. O Tadeu foi enrolado durante um ano e desistiu da pesquisa. Se não começar logo eles fecham as portas e a gente perde essa oportunidade. Foi a orientação decidida que recebi.

Telefonei antes de ir:

- Pode vir que eu atendo. Estou às suas ordens, disse-me o padre Gregório.

Cheguei cedo à Vila mas já se viam muitos carros estacionados e uma pequena multidão de rapazes e moças em grupos de todos os tamanhos. Alguns estavam sozinhos. Havia uma alegria no ar, mas bem diferente da que se via no povo naqueles dias de carnaval.

- Você espera um pouco que eu lhe chamo, disse-me o padre Gregório.

Sentei-me numa tora de madeira que funcionava como banco e fazia anotações, enquanto esperava e observava. Vi um ou outro jovem absorto, lendo a bíblia. Lembrava-me um pouco o paciente solitário de hospital psiquiátrico. Aqueles jovens, soube mais tarde, estavam em retiro ali, nos dias de carnaval. O "consultório" do padre, um carro novo, estava com as três portas escancaradas. Ali o padre sentava ao volante e o convidado ao lado. Pareceu-me que os jovens se confessavam com o padre.

Agora era a minha vez.

- É confortável o seu consultório!... disse-lhe eu.

O contato foi fácil, muito fácil. Pareceu-me um homem de hábitos simples: sandálias, calça jeans suja de terra, camisa aberta e uma corrente com crucifixo de metal prateado.

Expliquei-lhe o trabalho que pretendia desenvolver.

- É tese? perguntou-me.

- Sim, pretendo.

- Abro todas as portas. Pode ser que tenha dificuldades com a equipe, mas eu vou conversar com eles depois de amanhã. Se precisar, ligue pra mim. Acho que devemos facilitar qualquer pesquisa que nos traga idéias. Você pode fazer sim.

Ao me despedir, elogiei o trabalho e aquela reunião de jovens.

- Fazemos o possível..., disse-me com humildade.

Dez horas da manhã. Finalmente consegui falar ao telefone com Débora no NAED. Falava muito e apressada. Deixou claro que era com ela que eu tinha que falar:

- Padre Gregório me incumbiu de ver essa parte da pesquisa.

Os meninos não são objetos raros pra ser observados. Estamos tentando organizar tudo...

- Mas eu...

- Não é má vontade...é que a equipe precisa decidir...etc...

Fiquei até onze horas e trinta minutos ao telefone, explicando e tentando marcar com ela uma entrevista à tarde. Uma hora e meia tentando. Elias, o funcionário ex-dependente que lá trabalhava e, entre outras coisas, atendia o telefone, ficou de ligar às catorze horas para confirmar. Liguei às dezesseis horas. Débora não poderia me atender. Ligariam outro dia. Não ligaram.

Tentei em outros dias e só dava ocupado. Fui pessoalmente sem avisar. Raquel, funcionária do DPMP*, da UNICAMP, foi comigo para conhecer o lugar e fazer as entrevistas lá, no NAED. Por um bom tempo tomamos um "chá de cadeira", ou melhor, de banco, no pátio de espera.

Finalmente chegou a nossa vez. Débora falava muito. Parecia não querer ouvir. Queixou-se da equipe anterior. Da falta de liberdade para os técnicos que têm que se submeter à diretoria, formada por leigos, na sua maioria. Mostrei-lhe a entrevista e entreguei o CID-9**, que a outra psicóloga me havia pedido. Resistiu o quanto pôde à nossa ida à fazenda. Liguei para Diva na chácara. Tentaram enrolar-me. Decidi que iria na quarta, de qualquer jeito. Raquel iria com eles na kombi. E iniciaria as entrevistas no NAED, no dia seguinte.

- Não temos sala aqui, foi logo dizendo.

- Só precisamos de dois daqueles bancos do pátio de espera,

* Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria.

** Classificação Internacional de Doenças.

respon-di.

Apareceu a assistente social. Falava com dengo, não era bonita e era solteira também.

No outro dia Raquel foi com o meu carro pro NAED. Voltou brava:

- Fiquei até dezessete e trinta e não entrevistei ninguém. A psicóloga me disse que o primeiro paciente não queria ser entrevistado. O segundo ainda ficou lá com ela. Fiquei conversando com o Elias. Me contou toda sua vida. Acho que vai ser difícil fazer as entrevistas lá.

A esta altura tive uma explosão de raiva. Dois ou três palavras saíram sem querer. Respirei fundo e continuei anotando ... Pensei: "Por que esta proteção exagerada com os 'meninos'? Por que dificultam tanto a minha observação? Por que não atendem as minhas ligações? Conseguiram que lhes arranjassem um colega para um caso 'complicado' que não sabiam o que fazer. Também levei um CID-9 que não tinham e, portanto, não usavam."

- Pra entender os diagnósticos dos encaminhamentos que a gente recebe, justificou a Diva quando mo pediu.

Pareceu-me que não encaravam o drogado como doente.

- Nenhum remédio é permitido, só cigarro, disse-me da primeira vez que conversamos.

Em casa, havia um recado para mim, anotado pela empregada: "Diva da fazenda que o pessoal quer vai mas só pra explicar primeiro a pesquisa amanhã poderá ficar uns vinte minutos com o grupo."

- É demais! pensei comigo mesma.

Cheguei ao amanhecer ao local onde encontraria a kombi. Na estrada, havia pouco movimento nesse horário. Passou um carro cheio de gente e senti medo. A estrada que liga a rodovia à fazenda estava péssima. Choveu de noite e eu tinha que dirigir com os olhos nos buracos e na lama.

Assim que chegamos, Diva trancou-me com a Raquel numa sala.

- É preciso falar antes com Ariel e depois com o grupo. Eles querem explicações, justificou-se ao deixar-nos.

Enquanto esperávamos, Raquel comentou comigo a recepção "bastante agressiva" que teve na kombi.

Pouco depois, entrava Ariel, esbaforido, como na chácara, acompanhado da Diva. Procurando transmitir calma e segurança, disse-lhes:

- Minha gente, no ano passado o Dr. Tadeu fez todos os contatos necessários pra iniciar a pesquisa, como vocês sabem. O momento agora é o de realizar as entrevistas. Deixo uma cópia com vocês pra saberem do que se trata. E vim hoje pra iniciar essas entrevistas.

Surpresos, entreolharam-se.

- Você pode deixar um xerox das respostas com a gente?, perguntou Ariel.

- Não posso. É sigiloso. O resultado da pesquisa vocês vão ter depois. Mas as respostas ficam comigo.

- Então você vai lá explicar pra eles antes e os que quiserem participar dão o nome pra mim, depois eu deixo com a Elisa, que vai chamando pra você, orientou-nos Ariel, enquanto nos conduzia ao salão.

Naquela sala enorme, cerca de quarenta pessoas estavam sen-

tadas em duas filas paralelas, encostadas às janelas. Ariel me apresentou e me passou a palavra.

- Bom dia pra todos. Meu nome é Maria José. Sou médica, psiquiatra e estou trabalhando numa pesquisa científica com drogados. Venho aqui pra aprender com vocês, que têm a vivência, a experiência do uso de drogas, dos efeitos, das conseqüências. Queremos aprender com vocês pra pensarmos em maneiras de ajudá-los e pra prevenir que outras pessoas venham a se tornar dependentes de drogas. Trabalho com crianças e pais na UNICAMP e tenho interesse em estudar as origens da drogadicção pra pensar em maneiras de preveni-la. Em resumo era isso... se tiverem perguntas...

Alguém perguntou:

- A gente vai poder saber o resultado?

Esclareci-lhes que o estudo seria demorado e talvez para eles, que lá ficavam nove meses, não chegassem os resultados. Mas a instituição saberia e poderíamos juntos tentar melhorar o tratamento que lhes era oferecido. As respostas ficariam apenas comigo e não se usavam nomes na análise dos resultados. Cerca de vinte aceitaram de imediato.

Procurei um lugar na varanda, afastado das janelas e iniciei as entrevistas. Fiz duas completas e ajudei a Raquel na última. Conseguimos entrevistar quatro. Combinei voltar no sábado e na quarta seguintes. Eram os dias melhores para eles.

Dois dias depois, Raquel me ligou. Não iria mais comigo. Deu as suas justificativas e eu tentei convencê-la.

- Não dá mesmo, disse-me decidida.

"O que deu nela? Angústia insuportável?" perguntei a mim mesma.

O fato é que Raquel desistiu logo na primeira vez. Fizera uma entrevista e meia.*

Estava só. Pensei em alguém que pelo menos fosse comigo, no sábado. Consegui uma amiga que achou "bom conhecer essas coisas diferentes..."

Chegamos cedo. Orientei a Elza para ir com roupas simples, como eu fora orientada. Raquel tinha ido de minissaia e a psicóloga não deixou de avisar que "lá não é bom ir assim. Os meninos estão acostumados a nós sempre de jeans e camiseta..."

Procurei pela Elisa. Não estava na sala dela. Perguntei alto para os recuperandos, que estavam no salão, sentados nas mesmas posições da primeira vez:

- A Elisa já chegou?

Eu não havia percebido a música suave nem a meditação que faziam. Um apontou o canto e ela mesma levantou o braço. Sentei na cadeira mais próxima e esperei. Podia observar o grupo: a maioria estava de olhos fechados; outros, como eu, observando e nos olhamos algumas vezes.

Acabou a música e começou uma reza. Deram-se as mãos e me convidaram a participar. Abri os braços e dei as mãos naquela ponta. Rezei junto. Imediatamente me ocorreu uma frase de Paulo Freire, quando um colaborador lhe disse que naquela comunidade eles só rezavam. "Reze junto. Depois de algumas vezes você diz: será que só rezar adianta?"

Já passavam das 12:30 horas quando terminei as entrevistas. A essa altura, Elza e Elisa já tinham almoçado e guardaram uma refeição para mim. Serviram-me o que poderia ser um banquete: bolo

* Antes de mim dois colegas iniciaram e abandonaram a pesquisa.

de carne moída, arroz, torta de bananas e suco de frutas. Mas a visão dos alimentos diminuiu logo a minha vontade de comer. No bolo, dava para distinguir o que era carne moída e pão velho; a torta não era visualmente apetitosa; mas o suco de frutas é que estava difícil para engolir. A presença da casca de maçã moída e talvez a falta de maior equilíbrio entre as proporções de frutas e o pouco tempo de liquidificador davam-lhe um aspecto pouco convidativo. Não dava para sentir prazer em comer.

Elisa ficou conversando com a Elza o tempo todo. À despedida pediu-me:

- Traga a Elza sempre. A gente fica aqui isolada sem ter com quem conversar de outras coisas. Traga ela que eu arranjo um serviço aqui, como voluntária.

Elisa era irmã de Ariel, ex-dependente e agora funcionário. Solteira, fumando muito, era a única mulher que dormia na fazenda. Parecia ter uma personalidade frágil e parecia gostar de cuidar dos "meninos". Seu trabalho era mais administrativo e rezava junto.

Terça pela manhã, véspera de ir novamente, recebi um telefonema. Era a Débora:

- Desculpe-me incomodá-la, mas domingo estive na fazenda e houve problema. Você levou uma pessoa estranha que não a Raquel que toda a equipe já conhece. E não pode!

- Mas... eu tentava explicar e sem me deixar falar ela continuava:

- Foi uma guerra comigo. Você não esclareceu direito! A Elisa passou por cima da Diva. O caso do Maurício já foi avaliado. Ela não tem nada que pedir avaliação...

- Mas eu não avaliei. Só repeti que a assistente social tinha os horários do Dr. Pedro para esses casos*.

Débora falou muito da dificuldade da equipe, do esforço em organizar a equipe, etc... Pareceu-me que havia disputa de território na instituição. Os próprios recuperandos falavam da instituição como se fosse deles: "aqui nós vamos plantar três palmeiras, ali..."; eles, por sua vez era com se fossem da equipe.

" Por que se escondem tanto? Pensava eu. E, por que tanto tabu cercando os drogados? Por que tanto empecilho à minha observação? " Continuava a pensar. Então decidi: " De agora em diante vou sozinha ".

"O gênio é um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração." Procurei encorajar-me com essa frase famosa de Thomas Edison.

Desta vez era a Diva que tentava me enrolar: "uns estão aqui; outros, lá longe, na horta." Pensei rápido: se tem três lá, vou já fazer um daqui. Fazia as entrevistas dentro do meu velho fusca. Este foi o "consultório" usado até o final. Seguia o exemplo do Padre.

Quase todos fumavam muito. Podia sentir o cheiro forte do tabaco, podia ver os dentes amarelados e alguns tinham até dedos queimados pelo uso constante de cigarros. Os dados que ia recolhendo me impressionavam fortemente. "O que teria levado estes indivíduos a tal ponto de auto-destruição?" perguntáva-me.

Noutro dia cheguei cedo. Havia várias pessoas junto ao

* Fazia parte da minha técnica não atender os pedidos e sim encaminhá-los para outro colega.

Ariel. Eram seminaristas em visita. Dessa vez, consegui fazer cinco entrevistas. A lista estava no fim e precisava de mais colaboradores. Pedi ajuda ao Ariel.

- Na reza da noite eu vou lembrá-los. No sábado que vem vai ter o grupo de oração. Sexta, sábado e domingo. A gente gostaria que não saísse ninguém..., foi a resposta que me deu.

Um sábado sem poder ir.

Pensei que a única maneira de conseguir fazer as entrevistas no NAED seria incluir a psicóloga que lá atendia nesse trabalho. Tentaria e faria o mesmo em relação à Diva, na fazenda.

- Gostaria sim... dá licença, vou ver pra onde eles vão.

Diva voltou com uma lista de seis. Todos daquele grupo concordaram.

Noutro dia, ela me recebeu cordialmente. Pedi-lhe que me deixasse perguntar diretamente aos recuperandos se aceitavam participar. Todos concordaram. Pelas minhas contas, sete ainda não tinham dado o nome. Pedi à Elisa que me fizesse a lista. Queria saber se eles não iam mesmo colaborar e por quê? Tinha vinte e cinco entrevistas completas.

Nova ida. Diva me disse que tinham saído alguns recuperandos. Não quis esclarecer os motivos. Elisa também desconversou sobre os motivos de tantos sumirem. Um dos entrevistados me disse que "alguns tiveram problemas de homossexuais. Pegaram eles e mandaram pra fora; outros, por briga e um por beber desodorante." O castigo, para quem desobedecesse era a expulsão, sem possibilidade de retorno.

No NAED, nada. Levei três semanas para conseguir falar com Débora. Disse-lhe da idéia dela participar da pesquisa. Alegou que

teria trabalho extra, que a equipe precisaria opinar, que não tinha mais tempo para nada.

Pedi-lhe que pensasse. Se quisesse fazer, teria algum trabalho, sem dúvida, mas algo temporário. Dois ou três meses em que entrevistaria todos os que procurassem o NAED, que era a porta de entrada para o tratamento na fazenda.

- Às vezes vale mais uma análise científica do que se faz, do que apenas ir fazendo sem reflexão alguma, insisti eu.

- Eu dou uma resposta, prometeu ela.

Até hoje, nada.

Na chácara: "ele não está. Só chega à noite...; ela está atendendo, pediu pra senhora deixar recado..."

Por fim, disse-me Diva:

- Não dá pra você ir. Chegaram alguns novos e eles tiveram uma atitude inadequada. Perguntaram se era mulher e se podiam falar de outras coisas e todos deram risada.

Novas viagens à fazenda. Devia atingir cinquenta entrevistas "antes que nos fechem as portas", como fui orientada. Numa das idas, não consegui fazer nenhuma. Diva quis certificar-se se eu estava desejando trabalhar na instituição. Sentiu-se ameaçada. Mais segura, desabafou que estava insatisfeita, sentindo-se de escanteio. Havia rivalidade com a outra psicóloga. Chorou. Pediu nomes de terapeutas para procurar ajuda. Estava muito triste. Senti-me útil a ela nesse dia, por escutá-la.

Em outra ocasião em que tentei entrevistar alguém na cozinha, pude ver na entrada panelas enormes semi-cheias de alimentos, colocadas abertas para os cachorros comerem. Na despensa havia alimentos em deterioração. Um lugar daqueles poderia ser maravi-

lhoso, mas não sentia vontade de lá permanecer ou voltar.

"Que diabo estou fazendo aqui?" perguntei-me numa das vindas. Já tinha estado com ladrões, traficantes, assassinos... Uma onda de medo percorreu-me o corpo e a mente.

Fui só mais uma vez para chegar nas cinquenta e três entrevistas. Um pouco a mais para evitar retornos.

Deveria agora pensar e procurar compreender o que estes encontros provocaram em mim. O que havia aprendido desta experiência. O que poderia transmitir a outros.

NA LEITURA DAS ENTREVISTAS

"O processo todo depende da atenção relaxada. Esta é a matriz da abstração e da identificação do fato selecionado."

"A seleção e a combinação de elementos não é fortuita, mas visa a "explicar" ou elucidar o problema da abstração."

(Bion, 1966)

"O que interessa não são apenas as palavras, mas as palavras das pessoas."

(Rezende, 1988)

A seguir, apresento as falas selecionadas nas entrevistas, procurando fazer uma leitura a partir de minhas associações livres como se, sendo falas de cada um, representassem a todos. São comentários espontâneos ou respostas às perguntas que eu fazia. Inspirada em Barthes*, eu diria: são "fragmentos do discurso de drogados."

Consoante Barthes, "dis-cursus é, originalmente, a ação de correr para todo lado, são idas e vindas,... através de lufadas de linguagem, que lhe vêm no decorrer de circunstâncias ínfimas, aleatórias. Podemos chamar essas frações de discurso de figuras... Uma figura é fundada se pelo menos alguém puder dizer: 'como isso é verdade!'. ... Nenhuma lógica liga as figuras nem determina sua contigüidade: as figuras estão fora do sintagma, fora da narrativa; se agitam, se chocam, se acalmam, voltam, se afastam sem

* Roland Barthes, Fragmentos de um discurso amoroso. 1991

nenhuma ordem como um vôo de mosquitos".

Submeti a sucessão de falas à mesma ordem em que foram pronunciadas, seguindo o número da pergunta que eu fazia. Além disso empreguei alguns versos de Fernando Pessoa*, um alcoólatra**, entremeando as falas que selecionei, e adotei alguns títulos, ora usados na entrevista, ora modificados, visando tornar a leitura mais agradável e verdadeira. O "clima" da entrevista, deixo-o livre à imaginação do leitor para que vá experimentando, ao ler, as suas próprias emoções.

Notar-se-á que o discurso do drogado é repetitivo, cansativo, longo. Procurei transmitir ao leitor, um pouco da sensação que também dava a mim: sentia-me extremamente cansada quando me punha a ler todas as respostas (2.650). Por vezes, não conseguia prosseguir no meu trabalho.

"É antes do ópio que a minh'alma é doente". Fernando Pessoa.

Este verso me fez pensar neste entrevistando que quando lhe perguntei "e a sua mãe?", ele respondeu:

- Não conheci minha mãe. Fui criado por meu pai. Minha mãe-deira era uma garrafa.

... e neste outro que me disse:

- Sou um filho que não fui desejado. Houve tentativas homéricas até três meses, combatendo com quinino - minha mãe sempre falava. (Ele se referia às tentativas de aborto.)

* Opiário, Fernando Pessoa

** Como ler Fernando Pessoa, Nicola e Infante, 1988.

- E o seu pai? perguntava eu.

Ele respondeu assim:

- Meu pai é desaparecido. Eu não conheci.

E este outro, falando dos pais:

- Eles eram hippies. Tive simioto, fiquei internado, quase morri. Foi um milagre, me salvei.

- E os seus irmãos? perguntava eu agora.

E este respondeu:

- Eu fui criado por uma tia materna. Nunca mais tive contato com eles, desde os dois anos.

- Por quem foi criado?

Um disse:

- Por tias maternas, avó materna, várias casas...

E um outro:

- Pela mãe, pela avó materna, pelo pai e pela rua.

- Com quem mora atualmente?

- Não tenho para onde ir. Responderam alguns.

E me fizeram lembrar deste verso de F. Pessoa:

"Não posso estar em parte alguma a minha
Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco."

E este disse:

- Moro com um colega. Ele também é drogado. Bem mais do que eu.

E este outro:

- Moro com a esposa. Mas tenho uma filha de mãe solteira. Tem cinco anos. Nunca vi.

A seguir, eu perguntava sobre modelos com quem o entrevistando conviveu até os dezoito anos. Eis alguns relatos:

- Havia muita briga em casa, porque faltou a mãe. A gente não se entendia. O pai era muito simples, não "tava" nem aí.

E outro comentou:

- Os colegas usavam drogas. Em casa eu ficava sozinho. Me criei na rua.

E ainda outro:

- Meu pai era alcoólatra. Me contaram. É desaparecido. Mãe e tias falaram dele. Contam que deram sumiço nele na época de 64. Era do Partido Comunista.

E mais um, referindo-se aos pais:

- Eles tinham discussões sempre. Não se entendiam.

Este outro falou dos irmãos:

- Todos eram muito agressivos. Um irmão usou Perventin vinte ampolas e ficou louco aos vinte anos. Morreu aos trinta e cinco.

Agora, eu queria saber em que situação o entrevistando teve o primeiro contato com droga. Selecionei algumas respostas:

- Eu estudava com ele, ele apareceu primeiro com as bolinhas. "Vamo tomar isso aí pra gente ficar legal". Depois de duas horas "fomo" fumar.

- Ganhei a droga de um hippie na Bahia. Fui tomar sozinho.

- Pra ir a baile e ficar mais atirado. Senão, não tinha sentido.

- Na escola. Numa festa de fim de ano.

- Curtindo quermesse. Um do grupo cedeu um "pacau" pra oito ou dez.

- Quando fui apresentar no exército e não servi. Amarrei um foguinho.

- Peguei do meu pai. Ele usa. É drogado.

- Quando trabalhava na farmácia.

- Eu tava numa festa na minha casa. Fui pro meu quarto e fechei a porta.

- No colégio interno.

- Minha mãe estudava, à noite, e tomava desbutal pra ficar acordada, e eu troquei desbutal por maconha.

- Fui muito livre desde pequeno. A mãe não ficava ali, ficava pra rua. Mesmo que ela proibisse eu falava: deixa eu. Nunca se impôs.

- De "zuar", de curtir. A gente ia procurar o que ia fazer de legal.

Perguntei a seguir:

- E o que sentiu quando usou a primeira vez?

Eis o que alguns disseram:

- Um sufoco muito grande. Fiquei ruim, drogado, de fogo, todo mole.

- Senti uma sensação gostosa de liberação, riso, marcação.

- Assustei. Não sabia o que estava acontecendo, deu medo.

- Não sei dizer. Devo ter gostado.

- Pra desbaratinar mais à vontade, viajando com mais lucidez.

- Senti aquelas viagenszinhas, besteira, colorido.

- Não chegou a me atingir. Achei ruim. Não gostei.

- Fiquei de fogo. Eu gostei e ficou contínuo.

- Senti muito forte. Tava disposto a resolver tudo. Tinha mais facilidade de me comunicar com as pessoas.

- "Senti que ficou louco". Sentamo num aterro, eu olhava pras luzes e via piscando tudo colorido. O som dos grilos parecia

uma orquestra.

- Um delírio constante, tontura, ânsia. Fiquei completamente mal.

- Achei que foi bom. Conversei muito. Mudou a minha cabeça.

- Senti tudo voando, chão mole, árvores mexendo. Foi engraçado.

- Me senti como um herói.

- Não senti muita coisa. Fiquei no estado normal.

- Realizado, por conseguir alguma coisa que era proibido.

Uma pessoa de catorze anos não pode beber.

- Me senti muito leve, como se estivesse voando.

- Senti uma sensação de embalo, coragem. Eliminei a timidez.

- Achava bom. Não pensava que ia estragar tanto a gente.

Perguntei eu:

- E quando é que começou a sentir que a droga constituía-se num problema?

E um, de cada vez, ia respondendo:

- Aconteceu muita desgraça. Discussão. Queria bater na mãe, no pai. Era uma pessoa inútil. Só vivia para o tóxico. Me transformava numa pessoa má.

"Não tenho personalidade alguma." F. Pessoa.

E este entrevistando:

- Tinha perdido tudo. Até a honra. Levava o nome de bêbado, maconheiro. Era só maconha mesmo. Eu não fazia nada. Era desocupado.

Outro:

- Em casa comecei a ficar violento, bater na irmã mais nova. Cheguei a espancá-la. Tive até problemas com polícia. Uma vez dei

um murro na cara de um homem. Era delegado. Fiquei seis dias preso.

"Fumo. Canso." F. Pessoa.

Mais um:

- A gente pensa logo se vai ter outra depois. Ficava muito esquecido. Não ligava nas coisas.

E alguns:

- Comecei a me sentir um nada. Não passava de porcaria.

- Já tava em bola, picadas. O fumo tava direto. Eu senti que não conseguia ficar mais sem. Se faltava, ficava meio louco.

- Tava entrando no buraco. Comecei a roubar, até a matar.

- Começou... Não pude mais trabalhar. Perdi a família. Só queria morrer. Nem mais comia.

"Não fazer nada é a minha perdição", F. Pessoa.

E outros:

- Eu não tava fazendo mais nada. Ficava trancado. Perdi tudo: confiança, moral... Estava vegetando.

- Eu comecei a perceber que não conseguia mais ficar sem bola ou cocaína. Me sentia mal "pacas."

E F. Pessoa: "Hoje, afinal, não sou senão, aqui, num navio qualquer um passageiro."

E mais alguns:

- Eu era gerente de banco e achava que era o dono do mundo. Até as amizades perdi.

- Problemas em casa. Amizade, rejeição de todo mundo. Falta de ânimo pra tudo. Preguiça mental.

"Eu, que fui sempre um mau estudante", F. Pessoa.

E disse um:

- Deixei a faculdade. Não me preocupava mais com emprego. Não esquentava em progredir.

Usando a veia, a primeira vez ...

Dizia um:

- Ia na farmácia tomar. Eu conhecia o dono que também tomava.

E outros responderam:

- Dentro do quartel. Não tem revista nem nada. Fiquei na quarentena, os quarenta dias fumando maconha. Cheirava cocaína e injetava com seringa roubada na farmácia do quartel.

- Foi no mesmo dia que a minha mãe morreu. Eu tava a fim de cair de vez. Queria fazer uma viagem eterna sem regresso. Na mesma noite, tomei cinco na veia, a primeira vez.

Um disse apenas:

- Sozinho, no quarto.

Outro:

- Sozinho. No início, pegava do pai e depois roubava.

Este contou:

- Eu ia comprar na farmácia, morro, praia. Todo lugar tinha.

E este outro respondeu:

- No colégio interno.

Um deles comentou:

- A gente conheceu um gordo que tomava na veia, e aí não parei mais. Foi pior que comer batata frita.

Outro:

- Comprei e fiz num campo de futebol. Eu mesmo apliquei e tudo.

Este disse-me:

- Num carro. A gente tava programando um show.

Outro falou assim:

- Foi pra curtir mesmo. Depois a gente ia procurar o que fazer. Primeiro a gente se dopava.

Preparando a droga ...

Disse um:

- Com água destilada, água de chuva, do chão, cuspe - cuspi na mão, dissolvia com o dedo e injetava na veia.

Disseram outros:

- Direto na veia. Um fez no outro.

- Ampolas 2 a 3 por dia, e depois comprimidos: diluía com água destilada e aplicava na veia.

- Destilava o comprimido e injetava. Cheguei a usar água de torneira.

- Com água destilada a primeira vez. A segunda, foi no banheiro da minha casa. Diluí no próprio sangue.

Algumas respostas apresentavam semelhanças:

- Destilava. Comprava "arpão" de 20 (seringa). Até água de chuva...

- Pegava água da torneira e dissolvia num saco plástico, e colocava com seringa, e ia destilando ela, e injetava.

- Nós "destilamo" o comprimido e tomava na veia com uma seringa pra dois.

- Com água de torneira. Uma seringa pra 6 ou 7 caras.

- Comprava água destilada. Depois era água de torneira, mesma agulha, água de chuva, da calha...

"Quando tomava na veia ...", sensações ...

Disse este:

- Sai correndo. Pensa que tem alguém perseguindo, sobe nas árvores. Fica completamente diferente. Ruim demais. Só depois que passa o efeito acha bom. Usa de novo.

E outros:

- Eu só fumava. De repente, a viagem foi mais forte. Desde a primeira picada, foi uma dependência logo.

- Senti muito angustiado. Dá um pouco de depressão, ansiedade. A gente não tem preparação nenhuma pra receber a droga, o efeito.

- Qualquer problema, depressão, dor, eu já entrava no quarto e fazia a injeção. Já dormia.

- O coração disparou e, depois que passou, fiquei meio travado, quieto.

- Cruzes! Quando tomei o ketalar, senti que o corpo tinha virado isopor, perdido, não sabia o que tava acontecendo... Ficava mais ou menos duas horas.

- Senti que a maconha deixa a gente calmo, sonolento. O gluco deixa a gente ligado, não pára. Dá aquele agito total.

Uns falavam apenas:

- Ficava mais ligado.

- Não gostei.

- Não tinha efeito nenhum.

Outros, com mais detalhes:

- É estimulante. Maconha você curte a natureza. O estimulante deixa super disposto. Você fala como se fosse uma criança.

- Senti legal. Gostei. Dá mais sensação, meu! Ficava mais à pampa. Sentia melhor...

- O efeito é muito mais rápido, mas muito menos duradouro.

- Eu senti o cabelo. Eu era o rei. Como todo mundo tivesse olhando pra mim; pensava que tava abafando.

- Ela dá muito mais disposição. Faz-se tudo muito mais rápido. Tira o sono, tira o apetite, tira o sexo....

- Me senti um rei. Um deus quase!

- Nada de diferente. Parei.

Como passava o dia?...

F. Pessoa expressou-se assim:

"Levo o dia a fumar, a beber coisas,

Drogas americanas que entontecem,

E eu já tão bêbado sem nada! Deseem

Melhor cérebro aos meus nervos como rosas."

E o meu entrevistando relatava:

- Levantava, tomava um cafezinho, fumava um cigarro de maconha. Comprava optalidon, tomava oito a dez comprimidos. Ficava na cachoeira sózinho. Levava um livro pra ler. Vinha pra casa almoçar. A minha mãe já começava a falar. Saía pra rua, fumava maconha e tomava optalidon. Ficava até uma ou duas horas da manhã, sózinho. A vida do drogado é difícil. A família tenta, mas é difícil. Me sentia chateado e me drogava todo dia. Chegava a dormir no chão do quarto, com a seringa na veia, e amanhecia com o lençol ensaguentado. Quando discutia muito com meus irmãos... uma vez comprei uma caixa de algafan - se eu quisesse morrer, não morresse em casa - vou pro hospital e apliquei a caixa inteira. Joguei a seringa e as ampolas pela janela. Fiquei vinte e quatro horas dormindo.

E outro:

- Levantava, já ia direto no tubo de artane. Tomava de oito

a dez comprimidos. Tomava um banho, saía, queimava um fumo. Ia na casa de um amigo e ia atrás de picada, gluco, cocaína. Quando acabava, era obrigado a roubar. Não dormia. Não comia. De cocaína, já cheguei a enrolar a língua e levar muita pancada no peito. O olho virava. Muitas vezes isso...

Este disse-me:

- Levantava, não tinha hora, porque não tinha hora pra deitar. Tomava banho, não tomava café. Fugia e ia prum boteco e já começava a beber. Dependia do dinheiro: conhaques, cerveja, pinga pra fazer a cabeça. E quando tinha dinheiro, comprava a maconha. Ficava o dia e noite. Só ia na madrugada embora.

Este outro contou assim:

- Levantava, fumava maconha, dois a três cigarros. Depois a gente saía e ia comprar o provergil, na boca do fumo. Aplicava no mato em dois ou três. A gente ficava até duas ou três horas da tarde. Fumava mais maconha. Umas cinco horas eu ia pra casa. Tomava banho e voltava pra rua. Não dava barato de comer nada. Fumava mais maconha. Quando alguém oferecia droga, eu ia tomar mais. Ficava até três e meia ou quatro da manhã.

"E há só uma maneira de viver", F. Pessoa.

E eles continuavam os seus depoimentos.

Dizia este:

- Levantava, ia na farmácia ou já tinha de outro dia a sobra da noite: bolas. Não fumava muito quando usava bola. Tomava logo cedo. Saía...Andava bastante, encontrava com amigos...Tomava duas a três vezes por dia. Não comia, era difícil. Nós ficava na praça. Às vezes, amanhecia na praça. No dia, tomava muito optalidon - dez comprimidos, três vezes ao dia com xarope, panbenil, akineton oito

comprimidos. Controlava, conforme aparecia. Quando fumava, não tomava opitalidon. Cocaína foi de época, quando tinha dinheiro.

E este, apenas:

- Levantava, já bebia, no bar ou em casa. Dava um jeito de conseguir. Ultimamente era só pinga pura. As vezes, nem comia.

Outro falou assim:

- Levantava, fumava maconha. Se tivesse uma bola eu tomava com álcool. Fumava de novo. Ia roubar pra comprar drogas. Passava o dia fora de casa. Não comia. Tinha dia que ficava na rua, nos bailes. Nem dormia.

E outro:

- Levantava, fumava maconha. Logo depois, procurava uma coisa forte pra atingir um porquê maior da minha pessoa. Tomava um xarope - eritós, gotas - e passava o dia assim, fumando maconha.

Estes, com maiores detalhes:

- Levantava, fumava um baseado. Não tinha dinheiro, ia roubar em dois. Roubava mulheres, casa dos outros, besteira, jóias, e vendia no intrujão (joalheria que comprava). Com o dinheiro, a gente ia comprar coca. Começava a usar o dia todo, até acabar às quatro da manhã. Ia dormir, até acordar ao meio dia ou uma hora. Fumava baseado e voltava tudo de novo.

- Levantava, ia pra farmácia. Comprava glucoenergán, tomava quatro caixas num dia. Bebida por cima. Fumava maconha, xaropes, panbenil, bolas, mandrix, friorinal. Se for escrever um livro, não deve usar os nomes porque desperta atenção do próprio guri. Pode despertar atenção e usar. Eu mesmo descobri através de leitura de revistas, da própria Veja. Acho que não é bom citar. Até numa própria palestra, citar nomes é perigoso. Desperta atenção da gu-

rizada. São drogas fáceis de encontrar. Geralmente usava droga pra sair com garotas. Passava a noite fora em motel. Glucoenergan desperta muito o apetite sexual. Uma vez passei três dias sem comer fazendo sexo, só com droga. Ficava mal na aparência e fisicamente.

Este respondeu assim:

- No exército. Eu esperava as horas de folga. Ia correr atrás, batalhar. Muita depressão. Você usava, queria mais e não tinha dinheiro pra conseguir. Você ficava nervoso, tenso. É horrível. Uma dose de pó dava uma fileira. Chegava a tomar uma grama por dia de cocaína. Se não tinha dinheiro, você tomava bebida pra amortecer aquela depressão.

Estes outros:

- Levantava e muitas vezes não ia pra aula. Saía pra fumar com colegas. A tarde ia pra praia pegar onda e fumar maconha. A noite, cheirava cocaína.

- Levantava, fumava maconha e tomava ...; e saía pra buscar bola em Corumbá: preludin, fanta e histeramina. E tomava por veia. Ficava até quinze dias ou um mês, sem comer. Saía pra assaltar os outros, mais residência. Sozinho. Uma vez que fui junto, fui preso. "Sujou". Cheguei a matar uma pessoa que chegou na casa, e dois drogados que me devia. Levei dois tiros: um de polícia e outro de morador. A bala entrou e saiu sozinha.

Vida ameaçada por overdose?...

E, de novo, Pessoa:

"Ora! Eu cansava-me do mesmo modo.

Qu'ria outro ópio mais forte para ir de ali

Para sonhos que dessem cabo de mim

E pregassem comigo nalgum lodo."

Relataram-me alguns:

- Uma vez, tomei uma carga muito grande (trovão) de coca: seis "traços" numa seringa na veia. Fiquei igual pombo que apanhou um tiro. Fui no hospital. Dei nome errado. Dei grana ao médico do INPS; fiquei um dia. A segunda vez, faz seis meses, quando comecei a usar heroína. Tomei carga muito grande. Pensei que era igual à cocaína. Pensei que tinha polícia atrás. Me escondi num bueiro me batendo, me apaguei. Acordei no hospital. Dois dias, quase morri. Batia a cabeça na parede do bueiro. O médico disse que tinha que trocar de sangue, tava preto.

- Cheguei a ter cinco convulsões em locais diferentes: uma em frente à prefeitura; uma, dentro do Bierrenbach; uma, na reunião dos A.A.; a última foi aqui; uma foi em casa - bati a cabeça no bidê. Fui como morto no hospital. Fiquei inconsciente dois dias.

"Porque isto acaba mal e há de haver
(Olá!) Sangue e um revólver lá pro fim
Dêste desassossêgo que há em mim
E não há forma de se resolver." F. Pessoa.

E continuavam a dizer-me os entrevistandos:

- Tentei suicídio com algafan mas não consegui. Não senti nada porque a injeção dá muito sono.

- Eu me senti... A gente destilava. Veio aquela loucura em mim. A dose era muito elevada. Pensava que ia morrer.

Outro disse:

- Entrei em coma. Cheguei do serviço, tomando chimarrão e vodca, numa sexta à noite. Acordei domingo de manhã num hospital. Nas duas sextas seguidas.

"Talvez nem mesmo encontre ao pé da morte

Um lugar que me abrigue do meu frio." F. Pessoa.

E me lembrei deste entrevistando:

- Uma vez, eu acabei de me aplicar e eu caí pra trás. Na hora que voltei a mim, encontrei os dois colegas chorando a minha morte e bebendo um garrafão de pinga. Acabei bebendo com eles. Outra vez, caí debaixo do chuveiro. Voltei a mim no hospital.

"Minha impressão, quando estive internado?..."

Disse um:

- Negativa. É muito remédio. A gente vive mais dopado do que desintoxicado. A gente vivia impregnado. Não sabia que dia era. Mais ajuda pra continuar no álcool. Devia fechar esses hospitais.

E outro:

- No Servidor, a gente fica internado até sessenta dias em hospital psiquiátrico. Eu cheguei a passar até vinte dias bebendo lá dentro. Pulava o muro ou já tinha lá dentro. Tanto fazia estar dentro ou fora.

Este contou:

- Eu fugi de madrugada. A pior droga é a de hospital psiquiátrico. Briguei com os enfermeiros. Não era lugar pra mim. Excesso de droga eu já tava. A minha mãe pensou que eu tava louco.

Estes outros comentaram:

- Era a mesma coisa da rua. Tinha os mesmos comprimidos: Akineton, Tofranil...

- Pra mim não adiantou nada. Toma remédios, dorme o dia todo. Sai de lá e o primeiro bar, vai beber diariamente. Já cheguei em casa bêbado.

"Um dia faço escândalo cá a bordo,

Só para dar que falar de mim aos mais." F. Pessoa.

E este disse:

- Não acredito em hospital psiquiátrico. Não tem condição de internar o cara que usa droga. Na primeira vez, botei fogo nos colchões e fui expulso.

Outro:

- Um ano e meio em hospital-dia. Ia de manhã e saía de tarde. Usava droga do mesmo jeito. Tava mais lá pra conseguir as coisas do meu pai: dinheiro, carro... Ele acreditava que ia indo bem! Lá mesmo eu usava, quando ia comprar cigarro...

Este revelou-me:

- Eu ia por sacanagem. Eu traficava. Trafiquei em todos eles. Levava maconha e vendia - eu punha nos cigarros.

E este comentou:

- Foi mal. Eles é muito deficitário. Muita mistura de cara com diverso tipos de problema. E lá também tem as coisas. É só ter canais: o funcionário mesmo ou o próprio interno vive disso.

Consultas a médicos, dentistas ... não devidas à droga?

"E a minha mágoa de viver persiste", F. Pessoa.

Lembrei-me deste:

- Eu tinha muita depressão. Meu pai queria tirar eu desse mundo. Irmãos e irmãs frequentavam zona: sexo e droga como uma coisa só. Comecei a ter muito medo desse mundo... Fui criado sózinho. Comecei a me masturbar muito. Deu astenia crônica. Começava a sentir culpa, impotência...

E outro contou-me:

- Com vinte e um anos, dei três facadas em mim mesmo pra me matar por discussão com irmão. Tava embriagado. Fui internado um

dia e levei pontos. Nunca fiquei doente.

Este comentou:

- Nunca adoeci. Dentista com quarenta anos. Pai mandou num cara que não sabia nada. Meu pai fazia sempre pra me ver na pior...

Um outro:

- Tive hepatite. Tive desidratação umas quatro vezes. Tive cirurgia num dedo da mão direita (unha encravada).

Este lembrou:

- Dentista, quando sai do hospital psiquiátrico. Médico, ia por causa do fígado, por doenças venéreas - duas vezes gonorréia.

Disse este:

- Não tenho mais problema dental: eu extraí todos os dentes. Fiz cirurgias de fimose, maxilar e hemorróide.

E este outro:

- Devido à fraqueza de não comer. Aos 26 anos, peguei stafilococcus no pênis. Tive operação crista de galo no pênis e fimose.

Situações de abstinência de drogas.

- Quando tava preso, disse este.

- Não procurando, não comprando e me afastando de pessoas, contou este outro.

- Frequentando os A.A., dando palestra em presidio, sanatórios, hospitais..., comentou este entrevistando.

E este disse:

- Resolvi parar e parei mesmo. Na época que perdi a namorada, voltei de novo.

Contaram-me outros:

- Aqui consegui ficar sem o pico, um mês antes de entrar; mas, sem a maconha, não.

- Eu me liguei numa de formar família. O meu irmão parou e eu também achava que não era dependente demais.

- Quando fui pra casa de meu pai em Brasília.

E este respondeu assim:

- Não tinha no mercado pra comprar.

Quem mais quer o tratamento?

"Como! Quem mais quer o tratamento?", repetiram a minha pergunta.

E iam respondendo:

- A vizinha que me trouxe. Já não tá me importando com a família.

- Meu pai quer: minha esposa não quer, não confia. Pensa que isso aqui é uma zona. Isso aqui tá cheio de cogumelo.

- A família não se importa comigo. Sou eu mesmo.

Agora, eu perguntava:

- O que é mais importante neste tratamento?

E alguns responderam assim:

- Eu me encontrar. Saber o que eu quero e descobrir porque desencaminei. As causas psicológicas. Fiz muita psicanálise, relaxamento, especialista em bioenergia, tratamento com drogas - anafranil, librium, equilid, cafeína com triptofano. Acabou a depressão. Antes eu não ia pra droga por medo e depois porque estava muito confiante.

-Dois motivos: fazer meus pais felizes que eu nunca fiz e pra ser feliz tenho que me tratar. Queria que meu filho fosse feliz também. Meus pais nem conhecem. É com outra menina - não a que morei. Ela foi presa grávida comigo.

- É me encontrar. Encontrar as faltas que me levou ao uso do

tóxico no passado e a desintoxicação.

Este outro, entretanto, disse:

- Em primeiro lugar a pessoa tem que ter objetivo de mudar de vida. Tudo depende da gente. A porteira está aberta. Se não está satisfeito...

"Quando quero drogas?..."

Disse um:

- LSD no Brasil é impossível. Só se vier do estrangeiro. Acido, pedrinha azulzinha, vem no esparadrapo. A gente corta com gilete e põe debaixo da língua. É muito caro.

Disse outro:

- Qualquer farmácia que o cara conhece, que você não vai acusá-lo.

Um respondeu:

- É só chorar pro médico. Eles davam a receita.

Outro:

- Por intermédio de um amigo que tenha doença nervosa. Ele próprio compra.

E outros ainda revelaram:

- Através de canais. Qualquer calmante. Um usa: isso é legal - então a gente experimenta.

- Tenho até blocos de receita. A gente rouba dos psiquiatras. Já carimbava...

"Atualmente, tomo..."

E contaram:

- Nada. Café. Chego a tomar uns vinte por dia. Tomo escondido. A gente quebra o galho...

- Café direto. Seis ou sete por dia.

- Quando cheguei aqui, fumava menos.

- Café. Um litro por dia.

Outro falou assim:

- O café pra todos nós que éramos alcoólicos é uma saída. Principalmente pra quem fuma. Se tivesse oportunidade, eu tomaria até dois litros. Com os padrinhos a gente consegue.

Este revelou-me:

- Eu não gostava de café. Aqui eu tomo, mas não tomava lá fora. A família traz o pó e a gente faz.

"O que sinto?..."

"Escrevo estas linhas. Parece impossível

Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!" F. Pessoa.

E eles responderam:

- Desanima muito a mente. Sem fumar eu fico mais criativo. Escrevo uma carta. Se fumo tira a vontade. Interfere sexualmente. Fico muito cansado.

- Me sinto bem quando fumo. Quando vou escrever, fumo e aí vêm os pensamentos. Seria melhor pra mim e meus amigos ser proibido fumar aqui. Se fosse proibido, eu deixaria.

"Por isso eu tomo ópio. É um remédio." F. Pessoa.

E este disse:

- Não consigo parar. Não sei porque fumo. Já tentei parar e não consigo. Apenas distrai e acalma um pouquinho.

E outro expressou-se assim:

- Faz parte como respirar. Faz parte da minha vida, mesmo sabendo dos males. Em virtude da minha função, qualquer coisa seria muito fácil. Era só pedir transferência para a delegacia de entorpecentes.

Este disse apenas:

- Sinto uma bronca tremenda de usar essa porcaria.

E este desabafou:

- É mais tóxico que a maconha. Não é bom. Não consegui parar.

"Caio no ópio por fôrça. Lá querer

Que eu leve a limpo uma vida destas

Não se pode exigir." F. Pessoa.

Estes versos fizeram-me lembrar deste depoimento:

- Já é um vício. Somos escravo. Faz trinta anos. Já poluiu bem os pulmões. Um tio materno parou após trinta e dois anos de vício. Morreu um ano depois.

E destes outros:

- Tou-me preparando pra largar dele. Me atrapalha no físico. Aqui tou começando a aumentar a dose do café.

- Não sinto nada. Vem aquela vontade de fumar.

- É o que consegue me acalmar e estimular. Eu tou fumando muito.

"No serviço militar..."

E contavam:

- Fui expulso por causa de furto de automóvel dentro do quartel. Levei o carro com dinheiro junto. Eu tava drogado. Eu e outro rapaz. Meia hora depois tava preso.

- Eu saía e arranjava. As bolas eu arranjava lá dentro mesmo. Tinha acesso à enfermaria. Tinha colegas lá dentro que usavam principalmente quando ia fazer guerrilha simulada.

E este disse apenas:

- Foi bom. Não usava drogas. Gostei muito.

Outro deu uma resposta ainda mais curta.

- Foi ruim. Não gostei.

Este comentou:

- Os pais não viviam juntos. Os pais ficavam um tempo juntos e outro separados. Me dispensaram por ser o mais velho dos homens.

Outro disse:

- Até sair de lá foi tudo bom. Foi bebida que me tirou de lá - discussão com os superiores.

"Se eu gostaria de dizer mais alguma coisa?..."

Perguntavam repetindo a minha pergunta e iam dizendo:

- Ninguém prestava atenção em mim lá em casa. Ninguém pedia a conta dos meus atos: ele é homem que se vire. Quando pintava consequências, sobrava pra mim e me estimulava a fazer pior.

- O próprio mito faz com que haja interesse e curiosidade pela droga. Eu usei, passei mal e continuei usando. Não ter um filho se não tiver uma situação emocional boa, independente da financeira. Não ter filho só por ter...

Este confidenciou-me:

- Eu tive tratamento com psicólogos mas não conseguiram nada. Eu ia até drogado.

Outro disse apenas:

- Saía da terapia, com o próprio terapeuta, e íamos tomar chope.

Este comentava assim:

- Tenho um pai padrão, mas não tem tempo pra ficar com os filhos. Não é amigo. Deixou um buraco. A gente procura fazer um troço do nosso modo. Tem gente que tá aqui pra fugir da polícia. Outros, porque o pai vai dar um carro quando sair daqui.

Outro disse, abanando a cabeça:

- Eu não sei, nem quero saber. Vai me perturbar a cabeça.

E este comentou:

- Enquanto a pessoa não quer, nem Deus. Não adianta. Não tem jeito.

Outro disse apenas:

- Eu usava por falta de carinho dos pais. Muita revolta.

Este referiu-se aos pais:

- Sempre que estou com ele eu bebo junto. Ele me reprime muito. Mas até paga. Diz que nunca bebeu em jovem. Só com trinta e oito anos começou a beber. A minha mãe sempre fumou: parecia que tava beijando homem. Meu avô perdeu quase tudo por causa de bebida, jogo e mulher.

Um respondeu desta maneira:

- Sei lá. Depois que passou da bebida...parece que bêbado eu sentia melhor.

Este revelou-me:

- Bebo muito café. Até quatro litros por dia: frio ou gelado, com açúcar. Quando tou fora da cozinha até dois litros. A gente que tá na cozinha tem amizade. Os que tão fora nem sabem. Não é permitido.

E este expressou-se assim:

- Por trás de todo alcoólotra, sempre tem uma pessoa culpada. No meu caso, foi a minha mulher. Muita saída, não se portava como mãe de família.

"Um inútil. Mas é tão justo sê-lo." F. Pessoa.

E veio-me à lembrança este relato:

- No começo eu fumava mais pra aparecer. Achava que a pessoa

ficava mais respeitada. Depois casos especiais, festas: ficava mais bonito. Depois pra ter inspiração, sair do mundo, curtir a natureza. Achava mais bonito. Depois a bebida: quando tá triste, quando tá feliz, normal. Qualquer hora é hora. Cogumelo eu tinha que acampar. Nunca na cidade. Vou ficar lá no meio do pasto e comer. Cada coisa tem um lugar específico, é um ritual. Bolinha era surto: quando tinha era de montão. Nunca fui viciado em tóxico. Eu gostava de tomar tudo. Tudo era lucro. O que me aprofundei mais foi a bebida que era liberada.

"Nunca fiz mais do que fumar a vida." F. Pessoa.

Este assim desabafou:

- Quem já fuma ou fumou, nunca recusa.

E outros disseram:

- É pra fugir da realidade sobre a sociedade. Não tinha como enfrentar a sociedade. Tem a ver muito com a minha infância. Ficava na casa de um e de outro, não ficava bem. Sentia muito remorso.

- Acredito que seja por causa dos pais. Carreguei muito problema de família desde criança. Meus pais brigavam muito.

- Tomava por curiosidade, esporte. Pouco parava em casa. Havia desunião, brigas entre os pais. Sempre vivi fora de casa. Passava mais nas igrejas. Larguei a batina com dezessete anos, com um primo materno.

Este fez um comentário curto:

- Nada. Depende dos pais. Têm que ser bem orientados.

Este tinha mais a dizer:

- O que mais influi na vida que leva a pessoa a usar droga é a solidão. É a causadora de tudo. Por mais que você tenha pessoas, se você sente solidão, não vai preencher. É alguma coisa que exis-

te e cria a solidão. Quando pequeno, eu vi que todo mundo tinha pai. Eu vou sim. Os outros: não vou porque meu pai não deixa, minha mãe também não. Se eu fosse cobrado desde pequeno, não teria chegado onde cheguei. Depois de grande, casei com vinte e dois anos. Houve a separação que foi lógica: eu batia nela devido à droga e ofendia muito ela. Quando ela disse: sai com uma pessoa... Acabou o mundo pra mim. Eu vi o que era desprezo. Foi a solidão. Eu me via só, por mais que tinha pessoas ao meu redor. Pensei em me matar quando estava no hospital. Pensei em enforcar-me com um lençol. Foi angústia, por causa da solidão. Eu via meu pai brigar com a minha mãe. A gente vai recebendo muita coisa. Chega um dia, explode.

Este, em poucas palavras:

- Acho aqui o melhor lugar. As pessoas aqui não mentem. Em analista, a gente mente muito.

Um entrevistando, mostrando-me um chapéu com uma pena, disse:

- Troquei aqui dentro por cigarro: cinco maços de cigarro e uma camisa. Pra você ver o valor dele. Me sinto bem. Me lembra um pouco da vida de droga que eu levava.

Este contou uma situação que tinha vivido:

- Uma vez acabou o fumo. Eu tinha que procurar mais. Encontrei "bosta" de vaca esfarelada e todos fumaram, pensando que era maconha.

"A minha vida mude-a Deus ou finde-a..." F. Pessoa.

Outro, parecendo refletir:

- Já me convidaram pra ficar aqui. Mas eu vejo esses que ficam dois, quatro anos sem beber ou usar drogas... Mas eles se re-

fugiam aqui. Isto também não é vida. Aqui é um refúgio. O cara se esconde.

E do mesmo modo que iniciei, termino estes fragmentos do discurso de drogados, com F. Pessoa:

"E afinal o que quero é fé, é calma.

E não ter mais sensações confusas.

Deus que acabe com isto! Abra as eclusas

E basta de comédias na minha alma!"

O que é que se pode sentir ao ouvir estes relatos? Cada leitor terá tido pensamentos, lembranças, idéias, emoções, a partir do que leu. E terá imaginado um "clima" para a situação em que foi realizada a entrevista. Mas, para quem esteve com eles, sentada ao lado de cada um, olhando-os, ouvindo-os, tocando-os, respirando do mesmo ar, comendo da comida que prepararam, atenta e interessada em cada gesto, cada palavra, as sensações que os sentidos captam e as emoções que evocam, certamente, serão mais intensas e verdadeiras. Tudo o que pude registrar com os meus sentidos e a minha sensibilidade causou em mim impressões indeléveis e uma inquietude tal, que me vi, por muito tempo, vagando, entre as respostas que deram e as lembranças, que me deixaram, perdida, no labirinto de meus pensamentos, à procura de algum fio semântico que pudesse ajudar-me a sair, a compreender o que pudesse fazer sentido em tamanha tragédia humana. Sim, senti os meus entrevistados como vítimas de uma verdadeira tragédia. E assim, de atalho em atalho, nos meus pensamentos, cheguei aos mitos e, num momento de intuição, dirigi-me a Baco.

Na seqüência, por exigência do próprio texto, falarei primeiro das emoções, tanto as que os meus entrevistados me despertavam quanto as que ia percebendo neles. E depois, no capítulo seguinte, falarei de Baco e de aspectos de outros personagens míticos.

2. APRENDENDO COM AS PAIXÕES.

O problema dos dias de hoje (...), consiste em saber se a psicanálise vai poder aperceber-se que a realidade psíquica prevalece em duas formas principais, como se verifica na prática. A primeira é a dos cinco sentidos - essenciais à existência e sobrevivência humanas - , distinta da segunda, que é a forma que é vivida na mente do indivíduo, e só na mente dele ou dela. A prática de Bion revelou essa situação.

Frank Julian Philips (no Prefácio de Uma Memória do Futuro)

A psicanálise é um "conhecimento da mente que se caracteriza exatamente pelo papel de pathos, ou se quiserem, pelo papel da paixão, como fenômeno a partir do qual adquirimos conhecimento" (Rezende, 1991).

O nosso dia-a-dia, o nosso vivido, está impregnado de emoções básicas, emoções profundas, que interferem no nosso relacionamento e no conhecimento que temos uns dos outros. Diz Bion (1966): "por paixão ou ausência dela reconheço o componente derivado de amor, ódio e conhecimento". Há um elo, um vínculo entre as diversas paixões e o conhecimento.

A paixão, diz Rezende (1991), significa que estou sob o efeito da ação de alguém, ou de alguma coisa, que exerce uma influência sobre mim, pressupondo o conhecimento que tenho dela.(...) A paixão é, portanto, um movimento que o sujeito experimenta no contexto de um conhecimento sensível do objeto.

Escreve Lebrun (1987) em "Os sentidos da Paixão": "Paixão e razão são inseparáveis, assim como a matéria é inseparável da obra e o mármore da estátua". Ele fala da paixão como "vibração afetiva" e lembra Hegel: "Nada de grande se fez sem paixão".

"Para perceber a paixão não dependemos dos sentidos. De apenas uma mente se necessita para que os sentidos atuem. Já a paixão evidencia que duas mentes se ligaram e que, para haver paixão, não se poderá talvez contar com menos que duas mentes", diz Bion (1966). E, em outra parte: "Pretendo que o termo paixão represente emoção vivida com intensidade e calor ..."

Quais são as paixões? Amor, desejo, gozo, esperança, desespero, ódio, agressão, tristeza, cólera, audácia e temor. É o vocabulário de Tomás de Aquino e de Aristóteles, ensina Rezende

(1991), que Bion conhecia através do mestre Eckhart. Mas Bion diz que a intensidade e variedade dessas emoções são quase infinitas.

Após esta muito breve introdução, passo a falar sobre as emoções que percebia em mim e nos outros ao entrar em contato com a instituição e com os drogados com os quais fiz minhas observações. O que o observador sente também faz parte do resultado.

É importante dizer que procurei ocupar-me em observar os fatos com sensibilidade para perceber as suas qualidades. Lembro também que esta escrita corresponde a uma observação e uma escuta anteriores seguindo os modelos científico, artístico e religioso propostos por Bion (1973) e usados sempre juntos. Ele usa a expressão "At-one-ment" que significa comunhão com a mente: com a minha própria mente e com a mente do indivíduo que eu entrevistava. Não é identificação, é união, é "juntamente", é estar ao lado do entrevistando, à sua escuta para ir aprendendo com a minha e a sua própria experiência.

Citei alguns ambientes em que estive durante o período de contato: o NAED, a chácara, a Vila, a Fazenda. Aqueles lugares tinham para mim um ar de abandono e esquecimento. Eram ambientes vivos mas sem emoções. Não percebia ali sentimentos autênticos nem de amor, nem de ódio, nem de tristeza, nem de alegria. Era como se lá se representasse algo sem qualquer conotação afetiva. Era tudo muito estranho!

Vi árvores e plantas também com jeito de abandonadas. Não sei como interpretar isso. Faziam-me lembrar de um velho ditado: "onde não há amor, as plantas não medram". E essa frase parecia

ter ali uma significação real.

Descrevi os meus encontros com os funcionários e posso dizer que não me senti acolhida com calor humano. Pelo contrário, faziam-me sentir que era melhor não ir, não incomodá-los, não observar os "meninos". Também não posso dizer que fui totalmente rejeitada porque afinal, pelo menos na Fazenda, consegui chegar ao número desejado de entrevistas. Eu diria que foram indiferentes. Alguns daqueles funcionários eram, como já disse antes, "ex-dependentes" e os outros eram profissionais convidados a trabalhar ali. Nenhum deles disse ter procurado a instituição para oferecer seus serviços.

E quanto aos entrevistados? Aqui é que me pareceu ficarem mais claros os meus sentimentos. O que neles percebia, um após outro, era uma ausência de emoções, uma indiferença assustadora, uma espécie de orfandade.

Começo pelos corpos. "O corpo é o nosso meio mais concreto e imediato de inserção no mundo; meio de falar ao outro, de ser por ele aceito. O corpo é, antes de tudo, relação de mim para comigo mesmo", escreve Ferreira(1987) em "Os Sentidos da Paixão".

Sousa (1992), lembra, citando Merleau-Ponty, que há um corpo anatômico e um corpo vivido. O corpo anatômico é o físico, real, concreto. O corpo vivido é o corpo próprio - é o meu corpo, que me distingue dos outros e do mundo; é o corpo sujeito - meu corpo sou eu, ele remete à subjetividade; é o corpo fenomenal - é o que percebo e por seu intermédio me relaciono com o mundo, é o corpo da percepção da vida; é o corpo simbólico - diz o que estou sentindo, o que estou pensando, ele me representa e dá significado ao que faço e falo; e é, finalmente, o corpo humano, porque tem tudo isso

e, se faltar algum dos outros aspectos, não é um corpo humano. Para Rezende, também citado por Sousa(1992), "um corpo humano não é simplesmente um corpo animal, um corpo coisa, um corpo orgânico, mas um corpo próprio, sujeito, fenomenal, simbólico, humano". E ele cita ainda Rubem Alves: "E o que se descobriu é que o corpo, esta coisa que aparece como mistura de carne, sangue e nervos, não é feito destas coisas. O corpo é feito de palavras. Carne, sangue e nervos são apenas uma fina camada visível que envolve um segredo invisível, uma estória que mora em nós".

Os corpos dos drogados transmitiam-me algo difícil de traduzir: não eram feios ... nem bonitos. Não tinham, à observação direta, deficiências físicas. Mas então, o que é que lhes faltava?, perguntava-me eu. Encontrei em Barthes (1991), uma palavra que me ajudou: "Adorável, diz ele, não abriga nenhuma qualidade, a não ser o tudo do afeto. (...) adorável (...) é a lembrança de quê? Do que os gregos chamavam a charis: "o brilho dos olhos, a beleza luminosa do corpo, a irradiação do ser desejável". Não eram adoráveis, digo a mim mesma, não eram desejáveis. Não me davam vontade de tê-los como amigos, nem como pacientes. Naqueles corpos eu não via marcas de afeto. Eram como se nunca tivessem sido amados. Era como se fossem, com eles mesmos, indiferentes. O corpo anatômico estava lá mas parecia que não era habitado por um corpo verdadeiramente vivido. Parecia que no interior daqueles corpos não morava o verdadeiro dono mas um inquilino que se ausentava frequentemente. Nesse sentido tendiam a não ser humanos pois "ser homem é encarnar sentido" (Rezende, 1990) e aqueles seres que entrevistei pareciam não ter sentido algum para o uso de suas vidas.

O rosto, diz-nos Chevalier e Gheerbrant (1982), "é a parte

mais viva, mais sensível (sede dos órgãos dos sentidos) que, quer queiramos, quer não, apresentamos aos outros; é o eu íntimo parcialmente desnudado, infinitamente mais revelador do que o resto do corpo. O rosto, símbolo do mistério, é como uma porta para o invisível". Naqueles rostos eu não percebia nenhum sentimento, nenhuma pergunta, nenhuma esperança, nenhuma queixa. Havia indiferença e nada mais.

No olhar de todos os entrevistados em maior ou menor grau um ar de solidão, de orfandade, um olhar perdido ... Ao me encararem, logo desviavam os olhos e era como se à sua frente os objetos fossem transparentes. O olhar deles parecia não ver nada. Parecia que nunca tinha servido de espelho a alguém e, era como se o olhar daqueles indivíduos nunca antes se vira refletido em outros olhos.

Os apertos de mão - eu estendia a mão ao receber a cada entrevistando - eram frágeis, fugidios, às vezes, só encostando os dedos. Naquelas mãos, pensava eu, ninguém depositou beijos. Aqueles mãos, ninguém apertou com força, com carinho. Não transmitiam afeto nem qualquer outro sentimento. Apenas escapavam ao meu contato.

A voz era monótona como vinda de uma máquina, sem qualquer entonação afetiva. Era como se estivessem representando a si mesmos, indiferentes às próprias palavras e aos próprios gestos. Mesmo contando sobre tráfico de drogas, sobre roubos, sobre matanças ... não havia nenhuma emoção. Nada neles que me fizesse pensar em arrependimento, tristeza, sentimento de culpa. Nenhum sentimento, nem na linguagem verbal, nem na linguagem do corpo. E mesmo quando contavam sobre os momentos em que quase morreram, ainda assim pairava sempre uma indiferença tal, que eu me perguntava: como podem

ser assim? Era como se não tivessem capacidade de crítica. Era como se não fossem capazes de sentir culpa. Era como se não ouvissem o que acabavam de dizer, nem se importassem com o que falavam.

Sós ou em grupos, a impressão era sempre de abandono e de extrema solidão. E isso se repetia quando estavam sentados ao meu lado. Eu estava lá mas era como se continuassem sozinhos. Esse aspecto é manifestado claramente por um deles. Mas eu o percebia latente em todos. Era como se nada do que vissem, ouvissem ou tocassem, deixasse registro.

As atividades em que estavam envolvidos, no momento em que os convidava para participar da entrevista, apresentavam as mesmas características, era um fazer por fazer ... como numa brincadeira, sem seriedade. Na horta ou no jardim, tratavam as plantas como se elas fossem inertes. Na cozinha, já me referi aos alimentos que me serviram uma vez; pareciam ter apenas reunido os ingredientes e cozido sem serem trabalhados adequadamente. Faltava-lhes sabor, beleza ... Era como se ninguém lhes tivesse mostrado como fazer comida, lavar roupa, cuidar de plantas ou então era como se não tivessem compreendido satisfatoriamente esses afazeres. Parecia que não aprendiam com a sua própria experiência de vida.

E quanto aos conteúdos mentais, manifestados nas respostas ou nos comentários que fizeram?

Eles falavam da ausência do desejo dos pais, "não fui desejado", não se sentiam objetos do desejo dos pais. Diziam não conhecer os pais, sentiam-nos como tendo estado ausentes, como tendo sido abandonados por eles.

Contavam que foram criados por uns e por outros, e pela rua. Alguns não tinham para onde ir.

Mostravam como se desenvolveram em ambientes hostis, em ambientes familiares desestruturados.

Revelavam que, as situações, em que tiveram o primeiro contato com droga, eram as próprias do ambiente em que estavam vivendo: escola, festas, ambiente de trabalho, a própria casa; e envolviam a participação de outras crianças ou adolescentes com características semelhantes.

Falando do que sentiram ao usar a primeira vez, mostraram que, mesmo não tendo tido uma experiência agradável, eles continuaram a usar drogas.

Narraram, em seguida, as suas desgraças, a violência, a inutilidade de suas vidas, a dependência das drogas, a perseguição, o sentimento de vazio, o abandono.

Informaram como passavam a usar a veia e como isso não encontrava obstáculo. Em todo lugar havia droga e em todo lugar se podia aplicá-la: morro, praia, farmácia, quartel, colégio interno, campo de futebol, carro, a própria casa ...

A maneira como preparavam a droga, para injetar, mostra a desvalorização da própria vida, pela falta de cuidados de higiene, pela possibilidade de transmissão de doenças contagiosas, como AIDS, Hepatite, etc., devido ao uso de uma mesma seringa por vários. Mostra o risco constante, que os acompanha, de acabar com a sua vida. É interessante notar como alguns deles, ao usarem a droga, por via endovenosa, mesmo tendo experimentado sensações ruins, continuaram a usar.

Impressiona muito o modo como aqueles indivíduos passavam o dia, entregues à procura e aos efeitos da droga que tomavam. E tomavam de tudo o que tinham, de tudo o que ganhavam de outros, de

tudo o que podiam comprar. Quando não podiam comprar, roubavam para poder. Às vezes, matavam para roubar, às vezes, iam presos e, outras vezes, quase morreram. Mas, só importava poder conseguir mais drogas para tomar.

Sim, alguns já tiveram a vida ameaçada por overdose. Mas, que importa? Eles continuaram a usar drogas e a ter outras vezes a vida ameaçada, por overdose. Alguns até tentaram o suicídio, usando drogas. Chamou-me muito a atenção um relato em que o entrevistado tendo quase morrido, ao voltar a si, acabou "bebemorando" com os colegas que bebiam e choravam à sua morte.

Ninguém conseguiu ajudá-los com os tratamentos aos quais foram submetidos antes de ir para a Fazenda. Eles mostravam isso ao falar das suas impressões, quando estiveram, ou internados em hospital psiquiátrico, ou em hospital-dia, revelando como mesmo dentro de hospitais também usavam drogas, tanto as que eram utilizadas como tratamento quanto as que usavam fora do hospital. Alguns internavam-se para traficar drogas, lá dentro.

Na continuação, em seus comentários percebia-se, novamente, a solidão, o ambiente perturbado em que viviam, tentativas de suicídio, doenças de que sofreram, algumas das quais devidas ao uso de drogas e promiscuidade sexual.

Por breves períodos, alguns ficaram sem usar drogas: quando estavam presos; quando se dedicavam a dar palestras, para outros drogados; e quando algum estímulo externo os ajudava, como a namorada, o pai, etc. Mas, voltavam sempre a usar drogas, de novo.

Aquele tratamento, que ora se submetiam era, como outros tratamentos, geralmente procurado por familiares, ou amigos, como disse, quando descrevi o contato com a instituição e com os droga-

dos que lá estavam. Entretanto, aqui, alguns falavam do sentimento de abandono, pela família. E um, espontaneamente, comentou que ali estava cheio de cogumelo.

Na importância que davam àquele tratamento, eles diziam da sensação de estarem perdidos, confusos, sem saber o que queriam, e apontavam faltas que tentavam agora encontrar. Mas, embora essas falas denotassem alguma esperança, eram pronunciadas de um modo tal, que não percebia esperança alguma. Parecia um falar por falar, como, talvez, tantas outras vezes, já tivessem dito, a mesma coisa.

Foi revelador o modo como eles conseguiam facilmente drogas: diretamente em farmácias; usando receitas médicas; servindo-se de outros pacientes e de "canais" (de traficantes). Impressionou-me o fato de que eles tomavam qualquer coisa que alguém lhes oferecia, sem saberem de que substância se tratava. De algumas drogas, só conheciam o apelido.

Ali, na Fazenda, era permitido que recebessem pó de café e cigarros. Isto permitiu-me perceber como o consumo dessas "drogas" era elevado e como, sendo elas permitidas, criava-se uma espécie de tráfico de influência onde alguns conseguiam mais café, por exemplo, que outros. Alguns reconheciam que tinham aumentado o consumo de cigarros e café, ou até que passaram a fazer uso dessas "drogas" ali dentro.

E eles, "mesmo sabendo dos males" devidos ao uso exagerado de café e cigarros, continuavam a usá-los cada vez mais. Dizia um: "seria melhor ser proibido". A solução, eles esperavam que viesse de fora, do mundo exterior.

Surpreendeu-me o fato de que ao prestar o serviço militar,

mesmo dentro do quartel, eles "arranjassem" drogas e usassem.

"Gostaria de dizer mais alguma coisa?"

A essa questão, que introduzi ao final de cada entrevista, eles deram respostas, especialmente reveladoras, acerca dos seus conteúdos mentais. Nessas respostas, falavam do sentimento de abandono, da ausência de quem lhes impusesse limites, do estímulo que sentiam em "fazer pior", talvez como a única maneira de chamar a atenção. Um deu um conselho cheio de profunda sabedoria: "não ter um filho se não tiver uma situação emocional boa ... não ter filho só por ter". Esse percebia-se como sendo alguém que nasceu por nascer, sem que tivesse, no seu início, o desejo dos pais. Alguns comentavam dos tratamentos que "não conseguiram nada", onde iam até drogados ou saíam da terapia e iam tomar chope, com o terapeuta. Outro expressava de modo claro como tendo tido pai, sentia-se "psiquicamente órfão": "Tenho um pai padrão, mas não tem tempo pra ficar com os filhos. Deixou um buraco". Contaram-me que alguns estavam ali ou para fugir da polícia, ou para ganhar um carro do pai. De uma maneira ou de outra, percebia em suas respostas a orfandade psíquica, a solidão, o abandono, a falta de carinho com que foram criados, a dificuldade em pensar, a inutilidade da sua vida, o uso da droga, a qualquer momento em qualquer situação, a falta de esperança, em qualquer tratamento, mesmo naquele a que estavam agora se submetendo: "Isto também não é vida", disse um deles.

Todos esses aspectos de que falei, até agora, me perturbaram muito e me fizeram também sentir órfã em relação às teorias de desenvolvimento mental que eu conhecia. Os modelos de desenvolvimen-

to que vim a conhecer e usar para compreender as mais variadas situações de cada paciente que tratei têm, segundo Bion, como base o amor, o ódio e o conhecimento, que são os elos, os vínculos de uma relação. E aqui eu percebia indivíduos que pareciam não amar, não odiar, nem conhecer ... os próprios pais. Pareciam não ter tido experiência de vínculos verdadeiros, duradouros que lhes permitissem introjetá-los na mente. Viver ou morrer ... tanto fazia! É uma situação chocante demais, principalmente porque me parecia ser essa a falha fundamental de todos eles: não amo, não odeio, não "conheço" os meus pais. Como posso ligar-me a algo ou a alguém, se, na minha mente, não existe esse registro de vínculo? Se, na minha mente, ninguém se ligou a mim? Desconheço a experiência de vínculos afetivos. Como posso me ligar a algo ou a alguém para me tratar, para levar adiante um projeto (que projeto?) de vida, para me casar ou continuar casado? ... É como se não tivessem memória do passado, nem do futuro. Neste sentido, surpreenderam-me algumas respostas que diziam simplesmente, "não sei", quando lhes perguntei se usaram chupeta, quanto tempo usaram, e também se seu pai ou sua mãe estavam vivos ou mortos. "Não sei" era a resposta de alguns e percebia-se claramente a falta de registro, pois não faziam nenhum esforço para lembrar.

Então agora, eu precisava de um modelo de desenvolvimento mental, que contivesse esses aspectos que fui percebendo ao longo do tempo em que estive em contato com os drogados, com a instituição e com as respostas e comentários que me deram. O mito de Baco, como mostrarei a seguir, é o que melhor serve aqui, como modelo, no estilo sugerido por Bion.

3. APRENDENDO COM OS MITOS.

... prossegue com assombro...

Para aprender com os Mitos é necessário deixar-se livre de idéias e penetrar lentamente nos pensamentos desconhecidos que vão aflorando à mente de cada um. É importante ouvi-los como quem ouve uma sinfonia ou uma poesia; ou como quem sonha acordado. É útil colocar-se na atitude de quem vai iniciar uma viagem sem saber para onde ... e então, ao voltar-se, poderá descrever, maravilhado, o que sentiu, por onde andou. É bom lembrar que, ao final, não saberá tudo, mas terá aprendido um pouco mais, acerca de si mesmo.

Muitos autores escreveram sobre mitos. Selecionei fragmentos do discurso de alguns deles e servem aqui como um preâmbulo à caminhada semântica que farei através de alguns mitos e como suporte teórico à idéia que estou defendendo de que o mito de Baco ajuda a compreender o fenômeno da drogadicção.

"O que é Mito". Com este título, Rocha (1986) escreveu um livro. "O mito é um fenômeno de difícil definição", diz ele na primeira página. E, mais adiante: "O mito carrega consigo uma mensagem que não está dita diretamente (...). O mito precisa ser interpretado (...). E interpretações é o que não falta ao mundo dos mitos". Ao longo de sua obra, esse autor tenta responder à questão: o que é mito? E, sem chegar a uma resposta, ele faz uma interessante abordagem de alguns mitos e algumas de suas infinitas interpretações por áreas variadas do conhecimento humano. Cita as interpretações que fizeram do mito de Édipo: Sigmund Freud, na psicanálise; Michel Foucault, nas ciências humanas e Claude Lévi-Strauss, na antropologia social. Lembra ainda que os mitos estão todos numa região da mente humana, a mais profunda, a que Carl

Gustav Jung chamou inconsciente coletivo, e são um patrimônio comum da humanidade. O mito, diz ele, "há de ser sempre desafio, abertura, enigma. É livre e sábio o suficiente para não temer a morte, não se deixar escravizar por conceitos que o obriguem a ser isso ou aquilo e só". Com seu jeito espontâneo de escrever Rocha convida o leitor a adentrar o universo dos mitos e buscar na mitologia possibilidades de compreensão para a vida. Para a vida de cada um e de cada outro ou de qualquer situação que se esteja tentando compreender.

O professor Junito de Souza Brandão (1987) escreveu "Mitologia Grega", uma obra de fôlego, em três volumes. Pude testemunhar o entusiasmo e a dedicação com que ensinava mitologia, organizando (junto com Dr. Joel Sales Giglio) e frequentando um de seus cursos aqui, na UNICAMP, em 1985, quando estive como presidente do Centro de Estudos em Psiquiatria. Suas aulas eram um bálsamo para a mente. Foi marcante perceber que os mitos serviam como fonte inesgotável de inspiração em qualquer época, em qualquer área do conhecimento humano. "Até os filósofos, quando o raciocínio atingiu o seu limite, recorreram a ele (mito) como a um modo de conhecimento capaz de comunicar o incognoscível". Brandão (1987) define mito, consoante Mircea Eliade: "mito é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou tão somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie animal ou vegetal, um comportamento humano. Mito é, pois, a narrativa de uma criação; conta-nos, de que modo algo, que não era, começou a ser". Mais adian-

te, citando Maurice Leenhardt, diz: "O mito é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado". E, em outra parte ensina: " (...) conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas (...). E conhecer a origem das coisas - de um objeto, de um nome, de um animal ou planta - equivale a adquirir sobre as mesmas um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-las, multiplicá-las ou reproduzi-las à vontade". Entrar no universo mítico de que fala Brandão é o começo de uma busca que não terá fim pois estudar os mitos é revelar em cada leitura aspectos desconhecidos de si mesmo e do mundo que nos rodeia.

Gaston Bachelard (1884-1962) era um filósofo francês que escreveu sobre epistemologia da ciência moderna e sobre aplicação de psicanálise às manifestações literárias e artísticas (Grande Enciclopédia Delta Larousse). Do prólogo de "El Simbolismo En La Mitologia Grega", de Paul Diel (1976) selecionei algumas frases reveladoras de Bachelard, acerca dos mitos: "Todo mito é um drama humano condensado. E é por essa razão que todo mito pode facilmente servir de símbolo para uma situação dramática atual (...). O personagem mítico tem um superego, um ego e um subconsciente (...). Como diz Paul Diel: Os mitos falam do destino humano sob seu aspecto essencial, destino conseqüente ao funcionamento sadio ou doentio (evolutivo ou involutivo) do psiquismo". Em outra parte: "Um mito é então uma linha de vida, uma figura do futuro antes que uma fábula fóssil (...)". E mais adiante, citando Ortega e Gasset: "O homem não é uma coisa, senão um drama, um ato (...). A vida é um gerúndio, não um participio, é um fazendo, não um fato. O homem não tem natureza, tem história". São falas carregadas de sentido,

de muitos sentidos humanos. Que fazem pensar acerca das coisas essenciais da vida, do estar vivendo, do estar participando ativamente da sua própria história.

Usando frases bem feitas, às vezes poéticas, outros autores se referiram aos mitos. Como se pode ver em Mitologia (Abril Cultural, 1973): "O mito relata uma história verdadeira, na medida em que toca profundamente o homem. (...) é a história dos acontecimentos que são eternos porque se repetem". É o eterno retorno de que nos fala Mircea Eliade (1992). Diz ele: "os símbolos e os mitos vêm de longe: eles fazem parte do ser humano, e é impossível não os reencontrar em qualquer situação existencial do homem no Cosmos" (Eliade, 1991).

Joseph Campbell (1904-1987) dedicou toda sua vida ao estudo dos mitos e é considerado uma das maiores autoridades do século XX, no campo da mitologia. Ele afirmava que "os mitos passados nos ajudam a compreender o presente e a nós mesmos". No livro "O Poder do Mito", Campbell (1990) fala de verdades profundas, às vezes em frases simples: "Nossos computadores, nossas ferramentas, nossas máquinas não são suficientes. Temos que confiar em nossa intuição, em nosso verdadeiro ser". E ensina: "O objetivo último da busca não será nem evasão nem êxtase, para si mesmo, mas a conquista da sabedoria e do poder para servir aos outros". E, ainda: "Os fados guiam àquele que assim o deseje; aquele que não o deseje, eles arrastam". De certa forma, neste trabalho, deixei-me guiar pelos fados. São frases cheias de sabedoria, de alguém que viveu a vida plenamente. Para ele, "mitos são histórias de nossa busca da ver-

dade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. (...) os mitos oferecem modelos de vida. (...) mitos e sonhos vêm do mesmo lugar. Vêm de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica".

Campbell (1990) fascina ao falar do mito que está por vir: "É o único mito de que valerá a pena cogitar, no futuro imediato, é o que fala do planeta, não da cidade, não deste ou daquele povo, mas do planeta e de todas as pessoas que estão nele. E ele lidará exatamente com aquilo com que todos os mitos têm lidado - o amadurecimento do indivíduo, da dependência à idade adulta, depois à maturidade e à morte; e então com a questão de como se relacionar com esta sociedade e como relacionar esta sociedade com o mundo da natureza e com o cosmos. É disso que os mitos têm falado, desde sempre, e é disso que o novo mito terá de falar". Em outra fala, ele diz do poder do mito: "Uma coisa que se revela nos mitos é que, no fundo do abismo, desponta a voz da Salvação. O momento crucial é aquele em que a verdadeira mensagem de transformação está prestes a surgir. No momento mais sombrio surge a luz".

O que cativa na leitura de Campbell (1990) é que além de ensinamentos fecundos, além de fazer pensar, ele dá, em alguns momentos, verdadeiras injeções de ânimo e orientação a quem está produzindo um trabalho. Diz ele: "Qualquer um que se entregue a um trabalho de criação literária sabe que a gente se abre, se entrega, e o livro nos fala e se constrói a si mesmo. Até certo ponto, você se torna o portador de algo que lhe foi transmitido por aquilo que se chama as Musas, ou, em linguagem bíblica, "Deus". Sobre mitos, selecionei também estas falas de Campbell (1990): "Os mitos

são infinitos em sua revelação". E ainda: "Já se disse, e bem, que a mitologia é a penúltima verdade - penúltima porque a última não pode ser transposta em palavras."

São tantas e tão profundas as idéias de Campbell (1990) que coloco "O Poder do Mito" e outras obras suas entre aquelas leituras que naturalmente se repetem a intervalos curtos da existência. Acompanhar os pensamentos de Campbell faz-me entrar em sintonia comigo mesma e com o Universo inteiro. São leituras que têm o poder de fazer bem a quem as lê.

Os mitos falam da percepção e compreensão do mundo real. Como diz Scanlan (1986), (a tradução é minha): "Um mito indicará um modo de perceber e explicar a realidade pela sociedade na qual ele foi criado".

O mito aproxima-se da ciência na medida em que ambos buscam compreender a realidade. Diz Feyerabend (1989): "A ciência aproxima-se do mito, muito mais do que uma filosofia científica se inclinaria a admitir". Nessa mesma linha de pensamento, dizia Rezende (1991): "O mito é uma das formas de lidar com o desconhecido, mas um desconhecido que nos diz respeito. Não é científico mas, no entanto, faz muito sentido e nós percebemos que faz sentido apesar de não ser científico".

Para alguns autores, mitologia e história se confundem. Escreve Devereux (1990): "O pai divino devia ser um rei grego que havia engravidado uma princesa pré-grega. A mãe divina era provavelmente uma sacerdotisa seduzida ou violentada por um guerreiro grego".

Wieber (1989) fala da importância dos mitos, citando Mircea

Eliade: "O pensamento simbólico não é privilégio exclusivo da criança, do poeta ou da mente desequilibrada; é consubstancial com a existência humana e precede à linguagem e à razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade - os mais profundos - que iludem toda outra forma do conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique, senão que respondem à necessidade de cumprir uma função, que consiste em iluminar as modalidades mais ocultas do ser". Mitos são portanto produções muito sérias e profundas da mente humana, carregadas de sentidos que podem ser revelados pelas mais variadas interpretações de que nós, humanos, somos capazes.

Os mitos são apresentados sob a forma de narrativas que dizem respeito a algo. Como se vê na Enciclopédia Mirador Internacional: "A narração mitológica envolve, basicamente, pretensos acontecimentos relativos a épocas primordiais, ocorridos antes do surgimento dos homens (história dos deuses) ou com os primeiros homens (história ancestral). Contudo, o verdadeiro objeto do mito não são os deuses nem os ancestrais, mas a apresentação de um conjunto de ocorrências fabulosas com que se procurou dar sentido ao mundo". E é na sequência dos acontecimentos que se vai percebendo o verdadeiro significado de cada mito, desde o seu início, desde o primeiro momento que é relatado.

Por último vou falar um pouco de Bion (1897-1979), de quem adotei as idéias metodológicas de que me estou servindo para desenvolver o meu trabalho. Para ele o mito é fundamental, para se compreender o fenômeno psíquico. Mas, quem é Bion? Opto aqui por deixar de falar dele para fazê-lo no capítulo "Aprendendo com a

teoria psicanalítica", lembrando que Bion (1966), no capítulo três de "Elementos de Psicanálise", dizia que os elementos e objetos psicanalíticos apresentavam as seguintes dimensões: a aplicação ao terreno dos sentidos; a aplicação ao terreno do mito; e a aplicação ao terreno da paixão. Já no capítulo vinte, ele referia-se ao objeto psicanalítico como apresentando três dimensões: os sentidos, a mitologia e a teoria analítica. Assim, os mitos aparecem como um assunto típica e essencialmente psicanalítico. O de Édipo é o mais conhecido por ter sido o privilegiado de Freud, o que o levou à descoberta do Complexo de Édipo. Utilizar-me-ei aqui do mito de Baco em alguns de seus aspectos e, em seguida, apresentarei, de outros personagens míticos, somente aqueles aspectos que mostram diferenças em relação a Baco. Estes mitos confirmam a hipótese levantada por mim, de que a presença ou ausência do desejo dos pais influi na estrutura mental dos filhos.

Início agora uma caminhada semântica por alguns personagens míticos através dos quais procuro compreender o fenômeno da drogadicção, que é o objetivo deste trabalho.

Para tornar a leitura mais atual e também como uma maneira de apresentar a "minha" leitura, vou falar dos personagens míticos como se fossem meus entrevistados. Sei que é uma ousadia de minha parte, mas peço licença a todos os deuses, pois a intenção é boa. Também Camões, em "Os Lusíadas" (1572), fez uso de personagens míticos em seu poema épico. Começo por Baco.

Imagino um "cenário", inspirada no próprio mito, em cenas reproduzidas em Mitologia, (Abril Cultural) e nas viagens à fazenda onde fiz as entrevistas com os drogados. No meu imaginário os

acontecimentos se sucederam assim:

Por várias vezes tentei marcar uma entrevista com Baco. Foi muito difícil porque ele viaja muito. Um dia, finalmente, consegui ir aonde ele estava com sua comitiva. Até chegar lá, percorri estradas, atravessei vales, rios e montanhas; passei por campos cultivados e florestas virgens, ouvindo os sons e silêncios que há nesses lugares. No caminho, tive que atravessar por uma manada de búfalos assustadores e, mais adiante, numa curva da estrada, atropeli uma cobra coral. Pelo espelho retrovisor podia ver dois "novelos" de cobra a enrolar-se. Depois de muito andar, comecei a ouvir um ruído estranho, mistura de vozes humanas, gritos, risadas, cantorias. Mais de perto, via crianças, jovens, adultos, homens e mulheres de idades variadas e alguns velhos. Parecia uma festa em que alguns dançavam desvairadamente, ao som de flautas e pandeiros. Outros estavam embriagados pelo chão e alguns bebiam; viam-se alguns pares em atitudes de promiscuidade sexual e, um pouco afastado do grupo, um jovem corria atrás das moças. Pareciam comemorar algo, numa bacanal. Vi Baco sentado a um lado, sózinho, com uma coroa de hera à cabeça e na mão, o tirso. Parecia observar a pequena multidão com indiferença. Aproximei-me e apresentei-me. Baco, impassível, fez um gesto com a mão, indicando onde deveria sentar-me. Espantada com toda aquela situação e com uma recepção tão vazia de calor humano dei logo início à entrevista:

- Como é seu nome?

- Baco. Mas também me chamam Dioniso. Na verdade, há três Dionisos: Dioniso Zagreu, filho de Zeus e Perséfone, que morreu na infância, devorado pelos Titãs, que foram enviados por Hera, a esposa de Zeus; Dioniso Tebano, filho de Zeus e Sêmele, que seria eu

e Dioniso Eleusiano que é um sincretismo mítico, resultado da fusão de aspectos de vários deuses, com o que se tornou aceito pelos gregos.

- Então o senhor nasceu em Tebas ...

- Sim, contaram-me que lá, Zeus amou Sêmele, uma vaidosa princesa tebana, e jurou realizar qualquer desejo dela. Ela, então, pediu que Zeus se mostrasse em seu verdadeiro aspecto e, ao realizar tal pedido, o palácio incendiou-se e ela morreu queimada. Ai, disseram que Zeus tirou-me do ventre de Sêmele e colocou-me na sua coxa até completar a gestação. Quando chegou o momento certo, saí para a vida.

- Pelo que o senhor está dizendo, a sua concepção deu-se por acaso, numa situação de adultério e parece que seus pais não pensaram no senhor ... No pensamento deles, havia um desejo de ver Zeus em seu verdadeiro aspecto, por um lado e a realização desse desejo por outro lado, mesmo que isso levasse à morte. Na mente deles não havia o desejo de concebê-lo. E o senhor saiu para a vida órfão, sem mãe ...

- Sem mãe e sem pai. Fui entregue aos cuidados de Ninfas, Musas, Sátiros, Bacantes, e de Sileno, que me levaram para o vale do Nisa. Lá eu era cuidado por uns e por outros. Sileno, o responsável por minha educação, era um velho calvo, com chifres, baixo de estatura, corpulento e vivia constantemente embriagado. Um dia, passeando pelo vale, descobri a uva e percebi que dela podia fazer vinho. Descobri também os efeitos do vinho sobre as pessoas. Então, passei a utilizá-lo para impor-me aos homens e aos seres Olímpicos. Quando atingi a maioridade, saí pelo mundo a viajar.

- O senhor está me dizendo que foi criado sem mãe e sem pai,

por uns e outros e tinha como responsável um bêbado?!...

Baco balançou a cabeça em sinal de concordância e continuou:

- Então, eu estava dizendo que saí em viagens pelo mundo. Em todo lugar a esposa de Zeus armava emboscadas para mim. Um dia ela deixou-me louco e andei errante por aí ...

- Além de não ter mãe nem pai para orientá-lo, o senhor ainda tinha alguém a persegui-lo?

- É isso mesmo! Um dia, cansado de tanto peregrinar, voltei à Grécia. E a minha avó, Réia, tratou de mim e devolveu-me a sanidade. Aí, tornei a partir. Fui para as províncias Gregas.

- A sua avó tentou ajudá-lo e o senhor não ficou com ela. Saiu de novo?!...

- É. E por onde passava, eu provocava tragédias homéricas!...

- Como assim?

- Vou lhe contar: Na cidade de Tebas onde fui gerado, reinava Penteu e ele não admitia o cultivo da vinha nos seus domínios e também proibiu os súditos de me acolherem. Mas as mulheres de todas as idades juntaram-se ao meu séquito e levaram-me para dentro da cidade. Vendo o delírio crescente da multidão, Penteu mandou que os guardas prendessem o cortejo embriagado. Eu fui levado à presença de Penteu e tentei persuadi-lo de que apenas queria ser reconhecido como divindade, como filho de Zeus e Sêmele. Em resposta ele lançou-me ao cárcere. Mas consegui ludibriar os guardas e saí de novo ao reencontro da minha comitiva que se havia refugiado nas montanhas. Aí eu os fiz beberem e dançarem desvairadamente; transtornei o raciocínio das mulheres e lhes incuti profundo ódio a Penteu. Assim quando ele apareceu para, mais uma vez, restaurar a ordem, as mulheres enfurecidas caíram-lhe em cima e

despedaçaram-no a dentadas. Agave, a mãe do rei, estava entre elas e, na sua loucura, nada fez para poupá-lo. Quando finalmente me senti vingado dos insultos e venerado como deus, devolvi às mulheres o discernimento e elas reconheceram com horror o que haviam praticado enquanto ébrias.

- O senhor disse que apenas queria ser reconhecido como o senhor é !... e, não sendo reconhecido, o senhor se impunha com o poder do vinho. O seu poder estava no vinho, não estava no senhor, no seu mundo interno. E com o vinho, o senhor transtornava o raciocínio das mulheres fazendo-as cometer loucuras. E depois, disse-me o senhor, que elas reconheciam, com horror, o crime que praticaram. Elas sentiam culpa. E o senhor, o que sentia?

- Eu, nada!... não sentia nada. Continuava a viajar por outros lugares e um dia fui ter à ilha de Naxos, onde encontrei Ariadne.

- Ariadne! quem era ela?

- Era uma princesa que ali fora abandonada por Teseu, o ateniense. Ela ajudou Teseu a vencer o minotauro e a sair do labirinto. Em troca ele prometeu casar-se com ela. Porém, ao ver-se livre, arrastou-a para a solidão de Naxos e enquanto ela dormia, abandonou-a. Logo que a vi expressei-lhe meu desejo de esposá-la. Como presente de casamento, dei-lhe uma coroa de ouro incrustada de pedras preciosas. Mas ela um dia envelhecida e cansada partiu para o reino das sombras. Abandonou-me para sempre.

- O senhor está me dizendo que encontrou uma jovem abandonada e logo casou com ela? sem namoro nem noivado? O senhor, abandonado pelos pais, ela abandonada pelo noivo ... Como é que poderia ser durável, um vínculo desses? E filhos, tiveram?

- Tivemos quatro: Enopião, Toante, Estáfilo e Pepareto, que não tiveram maior expressão na mitologia greco-romana. Mas eu fiz outro filho com Vênus: é Priapo, já ouviu falar? Ele acompanhava-me por onde eu ia. Uma vez fui ter em Orcômeno e lá provoquei mais tragédias. Quer ouvir?

- Sim, continue por favor ...

- A cidade de Orcômeno foi fundada por Minias, que era neto de Poseidon (Netuno) e ele reinou por vários anos. Tinha três filhas: Alcítoe, Arsipa e Leucipa. Viviam felizes até que eu cheguei por lá. Muitas pessoas juntaram-se à nossa comitiva, mas alguns recusaram-se e, entre estes, as três filhas do rei Minias, que, ao invés de participarem das orgias ruidosas, permaneciam em seus aposentos, bordando e tecendo. Eu não aceitei a recusa das princesas e resolvi persuadi-las. Transformei-me em touro, depois em leão, e por fim em pantera. Aterrorizadas com o que viram as três irmãs enlouqueceram, e assim juntaram-se a nós. Muitos crimes cometeram sob o efeito da loucura. Porém o que causou maior pasmo entre os habitantes de Orcômeno, foi terem elas dilacerado Hipaso, o pequeno filho de Leucipa. Depois elas refugiaram-se nas montanhas, inteiramente entregues a constante delírio. Quando julguei que era suficiente a punição, poupei-as de cometer mais atrocidades: transformei-as todas em morcegos.

- Essas transformações em animais mostram a violência com que o senhor se impunha. Por que fazia isso?

- Sei lá. Só sei que fiz. Se quiser saber o significado disso, veja aí no dicionário de símbolos do Chevalier e Gheerbrant (1991).

- Estou vendo: "O touro evoca a idéia de irresistível força

e arrebatamento. Na tradição Grega, os touros indomados simbolizavam o desencadeamento sem freios da violência; leão é símbolo de uma vontade imperiosa e de força incontrolada. A psicanálise fará dele às vezes o símbolo de um impulso social pervertido: a tendência a dominar como déspota, a impor brutalmente a sua autoridade e a sua força". A pantera, não tem nesse dicionário mas eu diria, é sedutora e devoradora. Já o morcego diz aqui no Chevalier e Gheerbrant (1991), "simboliza o ser definitivamente imobilizado numa fase de sua evolução ascendente".

- É isso aí.

- O senhor, como se sente?

- Como assim? eu não sinto nada. Não sei sentir. Não me ensinaram a sentir.

- Em que costuma pensar?

- Pensar, eu? bem, eu penso na minha mãe que não conheci. Acho que gostaria de conhecê-la e levá-la para junto do meu pai. Eu gostaria de viver com eles, no Olimpo. Quem sabe assim todos me reconheceriam e eu não precisasse mais impor-me à força do vinho. Sei lá!...

- Gostaria de dizer mais alguma coisa?

- Queria saber por que me fez tantas perguntas?

- É que estou tentando compreender os drogados e o senhor pode me ajudar nisso.

- Não sei, não!... Será que eu sirvo para alguma coisa?

- Penso que sim e sou-lhe muito grata pelo que me disse.

Algum tempo depois, Baco empreenderia sua última viagem ao Inferno e de lá tirou Sêmele e a conduziu finalmente ao Olimpo, onde ficaram juntos. Agora ele podia ser ele mesmo, podia ser co-

nhecido e reconhecido como filho de Zeus e Sêmele porque eles estavam ao seu lado para apresentá-lo ao mundo. Mas, ainda aí Baco causou transtorno: expulsou Vesta, a deusa do lar e ocupou esse lugar no Olimpo.

Chamou-me a atenção o fato de que ao estar em contato com a narrativa de Baco não percebesse nesse personagem mítico qualquer sentimento, qualquer emoção: nem alegria, nem tristeza, nem ... nada. Indiferente às tragédias que provocava, ele, impassível, continuava a viajar, a levar o mesmo tipo de vida até ao fim.

Por muito tempo fiquei pensando em Baco e nos drogados, nas sequências dos fatos que, em ambos, selecionei. Havia ressonância entre o que senti ao estar com os drogados e o que sentia ao estudar Baco. Poderiam eles ter tido histórias diferentes? Concebidos ao acaso, sem se sentirem como produto ou resposta do desejo de seus pais, sentindo-se abandonados por eles, criados por uns e por outros, por vezes perseguidos. Ainda no amanhecer da vida, descobriram uma droga e o poder dessa droga, em si mesmos e em outros, com os quais foram convivendo e participando de situações trágicas, por vezes quase fatais, para si mesmos. Em algumas épocas passaram por tentativas de tratamento mas a percepção deles era de nunca se sentirem em casa, "é encontrado por toda parte, em nenhum lugar está em casa" (Detienne, 1988), estão sempre viajando, quer saindo para qualquer lugar quer "viajando" através dos efeitos das drogas. Eu diria, não conseguem habitar-se harmoniosamente. As ligações que estabelecem têm essa mesma característica itinerante e mostram semelhanças com a sua própria origem. "Ser errante é para ele tão natural que suas chegadas, idas e vindas" (Detienne, 1988) vão ocorrendo ao acaso, por pouco tempo. Nos seus caminhos, também

vão semeando filhos, ao acaso.

A respeito de viagem, diz Chevalier e Gheerbrant (1991): "A viagem ao inferno representa uma descida às origens, como no sexto canto da Eneida, ou uma descida ao inconsciente, de acordo com interpretações modernas. (...) Essa aspiração à viagem será a busca da mãe perdida, como pensa Jung?" Penso que, no caso de Baco e dos drogados, é a busca da mãe e do pai junto a si. É a busca dos dois que lhe deram origem. Não será esta a necessidade maior de todo ser humano? Conhecer os pais e ser por eles reconhecido? Só então é que, conhecendo-os, pode vir a amá-los e/ou odiá-los. Sem os conhecer como pode sentir por eles qualquer coisa? Baco só satisfaz essa necessidade na última viagem - na morte.

O professor Munhoz (1991) dizia que uma característica de Baco era a tendência à satisfação imediata excluindo a frustração. A frustração é que permite o desenvolvimento do ego. A satisfação imediata impede o seu desenvolvimento. Para Diel (1976), Baco simboliza a ebriedade orgiástica em que pode cair a vida humana.

Mas, onde está a origem da tragédia baquiana? Segundo o mito, Baco não foi desejado e também não viveu com os pais uma experiência que lhe permitisse introjetá-los no seu mundo psíquico. Ele era órfão duplamente: era órfão de fato e psiquicamente. Esse é um aspecto útil do mito de Baco no sentido de dizer que quem é órfão pode ser órfão de fato e psiquicamente. Os drogados, quase todos, tiveram os pais mas eles não tiveram uma experiência que lhes permitisse introjetar as figuras paternas a tal ponto que eles ficaram psiquicamente órfãos. E me parece ser essa a falha essencial dos drogados: na sua mente, eles não foram objeto do desejo dos pais. Os pais não os conceberam primeiro na mente, conce-

beram-nos por acaso, sem pensar, sem querer, e também, na mente dos drogados, os pais os abandonaram desde o início.

Será que é tão importante assim ser objeto do desejo dos pais? Ser amado pelos pais antes mesmo de nascer? São questões profundas para as quais, certamente, não há respostas conclusivas. Entretanto, através de um breve "passeio semântico" por alguns personagens míticos vou procurar reunir elementos significativos que ajudam a pensar, nessas questões.

Em "A Origem da Tragédia" Nietzsche (1988) fala "do extraordinário antagonismo, tanto de origens como de fins, que existe no mundo grego entre a arte plástica ou apolínea e a arte sem formas ou musical, a arte dionisiaca". Esta oposição é compreensível já desde a origem desses mitos.

Usando do mesmo artifício literário que empreguei para Baco, apresento Apolo, fazendo-o contar o início de sua história.

- Chamam-me Apolo. Sou filho de Zeus e Latona, e tenho uma irmã gêmea, Diana. Quando minha mãe ficou grávida, Hera, a ciumentosa esposa de Zeus, começou a persegui-la como, aliás, fazia a todas as amantes de seu marido. Temendo a vingança de Hera, ninguém queria acolher a minha mãe, para que ela pudesse dar à luz em segurança. Ela procurou dias e noites, meses e meses de porta em porta: palácios, cabanas, templos, covis. Depois de muito andar, de muito pedir, Netuno, deus dos mares, compadeceu-se dela e resolveu ajudá-la. Mandou-a para Delos, uma ilha flutuante e estéril. A ilha teve medo. E Latona, minha mãe, teve que convencê-la a aceitá-la, dizendo-lhe que o seu filho lhe traria alegria e prosperidade; que muitas pessoas viriam de longe para vê-lo e a ilha

se tornaria fértil e respeitada. Assim, minha mãe pôde dar à luz, em segurança, a mim e à minha irmã. Disseram-me que, nesse momento, o solo de Delos floresceu porque eu trazia comigo o sol, a vida e a beleza. Eram os desejos de minha mãe que se realizavam. Ela desejou tudo de bom para mim, um bom destino, e o desejou tão sinceramente que assim se cumpriu. Sou o deus da luz e o deus das artes. Era isso o que queria saber de mim?

- Sim, era isso. Percebo que você foi amado já desde o ventre de sua mãe, já desde antes do nascimento. Na mente de sua mãe, você ocupava um lugar especial, cheio de bons augúrios, cheio de bençãos. No desejo profundo de sua mãe, você já começou a ser, o que seria, mais tarde, Apolo. Fico-lhe muito grata por me ensinar acerca destas coisas tão importantes e tão misteriosas.

Eros, o Amor era o meu entrevistado seguinte.

- Sinto muito prazer em conhecê-lo!

- Sou Eros, o filho de Penia, a Pobreza e Poros, o Recurso. Contaram-me que minha mãe vivia à cata de recursos e, num determinado momento de sua vida, tomou uma decisão: conceber um filho de Poros, que estava deitado no jardim, descansando. Ela foi para junto dele, abraçou-o, acordou-o e me fizeram no mesmo dia em que nasceu Afrodite, a deusa da beleza. Para sempre fui seu servo e companheiro. Tenho uma personalidade dupla, porque herdei da minha mãe a carência e o destino de andarilho e, do meu pai, a coragem, a decisão, a energia que o transformavam em caçador astuto, ávido do belo e do bom. Não sou mortal nem imortal. Não sou sábio, mas amo a sabedoria e esforço-me para conhecer. Por isso estou sempre a filosofar. É essa a minha história, segundo Platão. Era isso?!...

- Sim, muito obrigada. Fico pensando nos opostos ligados à sua origem: pobreza e riqueza. O amor tem por um lado a miséria, a pobreza e por outro os recursos, a riqueza com que poderá viver amorosamente a sua vida. Antes de se fazer fecundar, Penia concebeu o filho na mente e concebeu-o como tendo recursos, riquezas no seu mundo interno, através de sua herança paterna. "Eros é a virtude atrativa que leva as coisas a se juntarem, criando a vida. É uma força fundamental do mundo; assegura não somente a continuidade das espécies, como a coesão interna do Cosmos" (Dicionário de Mitologia Greco-Romana, 1973).

E aqueles que se sentem como tendo sido concebidos sem amor? Onde poderão encontrar recursos para viver uma vida verdadeiramente humana? São questões que se colocam e têm por objetivo fazer pensar naqueles que são filhos da miséria, que não têm de quem herdar os recursos afetivos para uma sobrevivência mentalmente sábia, para uma vida amorosa e digna de ser vivida. Assim, me pareceu, são os drogados com quem estive. Não têm recursos afetivos, no seu mundo interno.

Agora eu entrevistava Édipo e preciso dizer que me foi penoso tomar tal decisão. De um lado o próprio Édipo, já tantas vezes interpretado; de outro, o gigantismo dos autores que a ele se referiram. Mas, neste trabalho me acostumei a usar a coragem para ir vencendo os obstáculos que iam aparecendo. Assim, no meu pensamento, perguntei a Édipo:

- O senhor poderia me contar o início de sua história?

Estranha centelha de luz e, talvez, o meu narcisismo me fazem pensar que Édipo gostou de ser de novo perturbado no seu sono

eterno. Ele começou fazendo uma pergunta:

- Será que você também acha que eu explico tudo?

- Não. Penso que o senhor pode nos ajudar em muitas situações mas não em todas.

Édipo fitou-me com aquele semblante de velhinho cego, bondoso e pensativo. Um sábio acostumado a pensar nas coisas que se não vêem. Pareceu querer lembrar-me: "Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas sim nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, enquanto as que se não vêem são eternas" (II Coríntios 4:18). E começou:

- Você quer saber o início de minha tragédia?! Foi bem antes de mim, bem antes de eu ser concebido. Contaram-me que o meu avô Lábdaco morreu quando o meu pai Laio era ainda adolescente. Lico, um fiel seguidor do meu avô, assumiu a regência. Mas ele tinha inimigos, entre eles Anfião e Zeto, que se aproveitaram da situação confusa do reino e tomaram a coroa do regente. Aquele, que seria meu pai, teve que fugir para o reino de Elida onde foi acolhido pelo rei Pélope. Crisipo, que era filho de Pélope ficou radiante quando foi apresentado a Laio e Laio apaixonou-se por ele. E raptou-o para viverem aquele amor homossexual, desenfreadamente. Pélope, quando soube, não sabia onde esconder o rosto, de vergonha. Todos escarneciam o filho. Crisipo, com medo do pai, suicidou-se. E Laio fugiu. Pélope, muito triste com aquela tragédia, estava agora sem herdeiro, sem o seu único filho. Rogou uma praga em cima de Laio com toda a força que o ódio de um ser humano pode ter. Eis aí, nesse momento registrada a minha sina. Passei a existir na mente de Laio a partir desse momento. E o meu destino, traçado por Pélope, seria nascer, sobreviver ao desejo e tentativas

de morte dos meus pais, crescer, matar o meu próprio pai, casar com a minha própria mãe e ter filhos que eram ao mesmo tempo meus irmãos. É muito trágico o que eu vivi. E, a maior lição que os homens podem tirar desta minha tragédia é a seguinte: se o filho já é concebido com uma sina trágica, se ele é abandonado e criado sem os pais verdadeiros, se é privado da verdade em relação à sua origem, ele poderá crescer e vir a matar o próprio pai e casar com a própria mãe. Essa pode ser a grande tragédia de quem vive sem sequer conhecer aqueles que lhe deram origem, de quem vive sem a verdade.

Édipo percebeu que fiquei por demais pensativa e me perguntou:

- Em que está pensando?

- É tão cheio de mistérios o que o senhor está me revelando que me sinto perturbada e me faz pensar muito. O destino! então ele é determinado pelos pais? Não pode ser. Não posso atribuir aos pais toda a responsabilidade pelo destino do filho.

- Você está certa. Não se pode dizer que a culpa é dos pais. "Tudo vem de mais longe e vai mais longe que nós" (Yourcenar, 1983). Lembre-se que cada filho tem dois pais, quatro avós, oito bisavós, dezesseis trisavós, trinta e dois tetravós e assim por diante. Todos eles de algum modo estão presentes no código genético e na mente de cada um. Mire-se no meu caso: você pode ver em Hefestos ou Vulcano, (aquele que, por ter nascido feio, foi rejeitado pela mãe, Hera, ao nascer), um possível início para a tragédia de que fui vítima. Para se vingar da rejeição materna, Hefestos ofereceu à mãe um trono de ouro em que ela ficaria para sempre aprisionada se, por intermédio de Baco, que levou Hefestos embria-

gado até o Olimpo, onde estava Hera, não a libertasse da armadilha em troca de casar-se com a bela Afrodite. Esta consentiu, porém traía inúmeras vezes o disforme marido. Para punir a infidelidade da esposa, que o traía com Ares (Marte), Hefestos confeccionou uma rede de ouro, invisível com que envolveu os amantes adormecidos e depois chamou os companheiros para que testemunhassem o adultério de Afrodite. Não satisfeito, no dia do casamento de Harmonia (filha de Afrodite e Ares) e Cadmo, Hefestos presenteou-os com um colar dotado de grande força maléfica que causou a desgraça de todos os seus descendentes. A primeira vítima foi Sêmele, mãe de Baco, que morreu fulminada pela luz de Zeus. A seguir, foram vítimas, Ino e seu marido Atamante que, por terem escondido Baco, foram punidos por Hera e, transtornados, mataram os próprios filhos. Ino suicidou-se. A terceira vítima foi Agave, que, enlouquecida por Baco, arremessou-se contra seu próprio filho, Penteu, e junto com as bacantes, dilacerou-o com unhas e dentes. A quarta, foi Autônoe, mãe de Acteão que teve seu filho esfaqueado pelos próprios cães, açulados por Artemis, quando Acteão a surpreendeu, tomando banho na fonte. Polidoro, o quinto filho, nada sofreu na própria carne mas, a maldição do colar se abateria com toda a força em seu descendente, que era eu, Édipo. Polidoro era o pai de Lábdaco, meu avô. Como vê, há uma teia semântica de relações, invisível aos olhos, mas não ao pensamento sensível. Basta poder ver com os olhos da sabedoria. Perceber-se-á que no fundo, todo o Universo contribui para cada destino humano. "Ó Universo, eu sou - te ..." dirá o poeta Fernando Pessoa. Fique atenta aos poetas, aos artistas, eles têm acesso direto à verdade. Eles podem ajudar muito a humanidade a perceber a sua verdade mais profunda, a sua essência.

Quando você estiver em contato com alguma coisa ou situação que lhe desperte emoções, preste atenção: aí deve haver algo de verdadeiro. E você, sendo pesquisadora, poderá iluminar seu trabalho com a luz da arte, da poesia, da música e ele se tornará, certamente, mais autêntico. E terá um destino melhor que apenas ir mo- far nas estantes de uma universidade. Atente ao que diz Bion(1992): "um trabalho científico deveria te lembrar pessoas reais; não deveria ser tão entediante, tão antiestético que o ato da leitura se torne uma dor em sua mente". Aproxime-se de bons professores, leia bons autores, desenvolva o hábito de admirar boas obras de arte, dedique-se a praticar alguma atividade artística e deseje coisas boas para os seus filhos e os filhos de seus filhos ... e para o Universo inteiro. "Cada um de nós possui mais poder sobre o mundo do que imaginamos possuir" (Yourcenar, 1983).

- E aqueles que não foram desejados, que não tiveram quem lhes desejasse qualquer destino?

- Provavelmente passarão pela vida como Zumbis, desorientados ("estar desorientado é entrar no caos, de onde não se pode sair, a não ser pela intervenção de um pensamento ativo, que atua energeticamente no elemento primordial", Brandão 1987), vagando de um lado para outro, sem saber de onde vêm nem para onde vão. Se não tiveram um pensamento organizador na mente dos pais e dos antepassados, poderão ficar aprisionados num caos primitivo e daí não sairão, a menos que algum milagre aconteça.(Para Drewermann (1984), a taxa de sucesso no tratamento de viciados é de 5% e estes casos são considerados verdadeiros milagres).

Eu estava cada vez mais perplexa com os pensamentos que me vinham à mente através de Édipo. E perguntei:

- Mas então qual é a participação do próprio indivíduo na sua história?

- Depende do que ele tem registrado em seu memorial, depende do que ele aprendeu com a sua própria experiência de vida. Se aprendeu o bem, fará o bem, naturalmente. Se não aprendeu o bem poderá fazer o mal sem sequer saber que é mau o que está fazendo. Ele não aprendeu sobre isso. Na sua interação com o mundo não lhe foi possível aprender.

- Os drogados, aqueles com quem estive, me passavam essa impressão: não sabiam distinguir o que era bom, e o mal que a si mesmos causavam parecia ser por ingenuidade. Faziam-me lembrar o paradoxo Socrático: "ninguém faz o mal voluntariamente, mas por ignorância, pois a sabedoria e a virtude são inseparáveis".

Do mesmo modo que me foi penoso "entrevistar" Édipo, estava difícil interromper a nossa "conversa" mental. Mas, precisava continuar o "passeio semântico" a que me propusera. Agradei silenciosamente a Édipo por sua colaboração e prossegui no meu caminho, meio atônita.

Agora eu estava em João. João bíblico. Embora João não pertença à Mitologia Grega, eu faço uma leitura mito-poética de alguns aspectos interessantes que ajudam a pensar. Também Campbell (1992), caminha livremente por todos os mitos e personagens bíblicos. Assim, referindo-se ao Credo dos Apóstolos, ele explica: "padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, constituem as únicas declarações históricas contidas nessa sentença. O resto é mitologia".

Interessava-me aqui o início de João. É São Lucas quem con-

ta:

- Zacarias era já velho e sua mulher, além de ser idosa era também estéril. Mas ele desejava ter um filho com tal intensidade que fez um pedido. E, quando estava no santuário teve uma revelação: vou ter um filho e lhe porei o nome de João. Ele não beberá vinho, nem bebida forte e será abençoado já desde o ventre de sua mãe. E irá adiante do Senhor para preparar-lhe o caminho. Zacarias duvidou do que estava pensando e perguntou: Como, se sou velho e minha mulher também. Como resposta e como castigo por duvidar, ele ficou mudo. Voltou para casa e alguns dias depois concebeu o filho com sua esposa Isabel. Assim é o início de João.

Aí está: antes de conceber o filho no ventre da esposa, Zacarias concebeu-o na mente. E deu-lhe nome e pensou em características de personalidade e até num destino para seu filho. Tudo antes de concebê-lo propriamente. E, assim se fez.

Por último vou falar da origem de Jesus. É também São Lucas quem me inspira.

- Maria era uma graciosa jovem que um dia teve uma revelação: terás um filho e lhe chamarás Jesus. Como? perguntou Maria, se ainda não casei? E, continuando a revelação: também Isabel, tua parenta, espera um filho e está já no sexto mês. Para Deus nada é impossível. Maria acedeu com bondade a estes pensamentos. E ela já tinha na mente, além do nome, o destino grandioso do ser que ia conceber. Na mente de Maria, tudo já tinha sido concebido. Mas, era necessário também preparar um pai. É São Mateus quem revela:

- Antes de se ajuntar ao esposo, José, Maria contou-lhe os seus pensamentos. Sem compreender muito bem o que Maria lhe disse-

ra, José pensou em deixá-la, secretamente. Mas, em sonho, teve a revelação: Será teu filho mas é também filho de Deus. Ao acordar, José compreendera e aceitou à sua esposa e a seu filho primogênito. José acolheu o filho na mente e esperou que nascesse. Há uma citação de São Bernardo, segundo Rezende (1992): *Prius concepit mente quam corpore* (concebeu primeiro na mente do que no corpo). E Jesus, como se pode ver em outros relatos bíblicos teve os pais enquanto precisou, enquanto ia-se tornando ele mesmo.

Para ser humano, o filho de Deus precisava de pai e mãe humanos, desde o início. Não bastava ser apenas filho de Deus. Para desenvolver-se bem, precisava de ter os pais junto de si. Pai e mãe juntos a cuidarem do filho, a dar-lhe proteção, condições de sobrevivência, a interpretar-lhe o mundo que iria introjetando em sua mente, a servir-lhe de modelo humano.

Há um outro episódio bíblico que me tem feito pensar muito. É a visita de Maria a Isabel, pelo relato de São Lucas. Eis os pensamentos que me ocorreram, durante a leitura desse texto:

- Maria estava nos primeiros dias de gravidez e foi visitar Isabel, que estava no sexto mês. Ao ouvir a saudação de Maria, disse Isabel: "ao chegar aos meus ouvidos a voz de tua saudação, a criancinha saltou de alegria no meu ventre".

Isabel sentiu que seu bebê saltou no ventre e que era de alegria. Com quem se comunicou João ainda no ventre de sua mãe? Com Isabel, sua mãe? Com Maria, ouvindo diretamente a sua saudação? Ou diretamente com Jesus, no ventre de Maria?

As duas primeiras possibilidades podem ser levantadas no contexto das pesquisas citadas por Verny (1989). Ele menciona essa passagem bíblica, assim traduzida: "No momento em que tua saudação

tocou minhas orelhas, a criança pulou de alegria em meu ventre", para exemplificar como textos antigos fazem alusão às influências pré-natais. E ele cita três canais de comunicação que "parecem poder veicular as mensagens da criança à mãe e da mãe à criança: O da comunicação fisiológica; o da comunicação comportamental e o da comunicação por simpatia. O da comunicação fisiológica é o único que se pode medir, e, num certo sentido, é inevitável; mesmo uma mãe que rejeita o filho comunica-se com ele, mesmo que seja só para fornecer-lhe alimentos. O da comunicação comportamental é aquela que compreendemos melhor e que observamos com mais facilidade. Centenas de estudos mostraram que o feto manifesta por pontapés seu desconforto, seu medo, sua ansiedade e sua incerteza. O terceiro, continua Verny(1989), é o que chamo a comunicação por simpatia. O amor é um bom exemplo". Outro exemplo que ele cita neste tipo de comunicação por 'simpatia' é o fato de os bebês chineses já chorarem menos, nas horas que se seguem ao nascimento, que os bebês americanos. Refere-se também aos abortos medicamente inexplicáveis que poderiam estar relacionados aos sentimentos maternos de medo e abandono. Em seu livro, Verny (1989) relata ainda observações e pesquisas acerca da escuta de sons pelo bebê não nascido, tanto sons do organismo materno como sons vindos do ambiente como músicas, conversas, etc. A meu ver, Verny (1989) dá ênfase acentuada, quase exclusiva ao papel da mãe. Escreve ele mais adiante: "em última análise, o sucesso ou insucesso da formação, tanto antes como após o nascimento, depende da mãe".

Entretanto essa passagem bíblica me faz pensar também numa terceira possibilidade - a de João ter-se comunicado diretamente com Jesus, ambos ainda nos ventres maternos. Não será isso o que

quer dizer: "... e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe" (Lucas, 1:15)? Eles foram desejados, tiveram no próprio ser o desejo. Eles se sentiram como respostas a um desejo, o que lhes dava uma possibilidade de serem ... resposta, portanto, serem comunicativos. Daí a comunicação entre Jesus e João. Eles tinham o que se dizer: eu sou objeto do desejo, eu fui amado antes mesmo de nascer, antes mesmo de ser concebido. Isso me dá uma qualidade de vida que eu posso comunicar aos outros. E posso comunicar já desde o início, desde a minha concepção.

Para prolongar esse tipo de reflexão, trago algumas hipóteses da Física Moderna que parecem corroborar, por analogia, algumas intuições da Psicanálise, como esta de Bion (1966): "Para perceber a paixão, não dependemos dos sentidos. Apenas uma mente se necessita para que os sentidos atuem. Já a paixão evidencia que duas mentes se ligaram, e que, para haver paixão, não se poderá talvez contar com menos que duas mentes". Limito-me a apresentar essas hipóteses, conforme uma sequência que me pareceu interessante, uma associação livre.

Capra (1982): "O Universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico". Mais adiante, Capra (1982) citando Henry Shapp, escreve: "Uma partícula elementar não é uma entidade não analisável que tenha existência independente. É, em essência, um conjunto de relações que se estendem a outras coisas".

Ladrière (1977): "O homem é um ser natural. É feito, em definitivo, de partículas elementares, de moléculas, de células, e

não há razão alguma para supor que todos estes elementos não continuem a obedecer às suas leis próprias quando se acham reunidos num corpo humano".

Chardin (1955): "Essa descoberta fundamental de que todos os corpos derivam, por ordenação de um só tipo corpuscular inicial, é o clarão que ilumina ao nosso olhar a história do Universo".

Danah Zohar (1990), citando Nigel Calder: "Em certo sentido, a carne humana é feita de poeira de estrelas. Cada átomo do corpo humano, exceto apenas os átomos de hidrogênio primordiais, foram confeccionados em estrelas que se formaram, envelheceram e explodiram violentamente antes que o Sol e a Terra viessem a ser".

Charon (1977): "Somos feitos de partículas materiais, e essencialmente de prótons, de nêutrons e de elétrons. (...) Somente o elétron possui uma duração de vida quase eterna. (...) O elétron forma um verdadeiro universo por si só, cujo espaço está completamente isolado do espaço exterior. (...) O microuniverso eletrônico não está vazio (senão o espaço que o encerra não estaria curvado); ele contém, como nosso próprio Universo, matéria e radiação. E contém, principalmente, o que chamamos radiação "negra", uma espécie de gás de fótons tendo todas as velocidades e todas as direções ... (...) Esta radiação contida no microuniverso eletrônico não permanece sempre numa pura radiação negra: ela é capaz de aumentar, sem cessar, sua ordem (os físicos dirão aumentar sua neguentropia), coletando uma informação cada vez mais rica, informação que se traduz, precisamente, por certos estados definidos da radiação encerrada no universo eletrônico. (...) o elétron vai ser capaz de trocar esta informação à distância com outros elétrons (... ..) qualquer que seja a distância". Mais adiante, Charon

qualifica estas trocas de informação como "interações psíquicas".

Para Fredkin (apud Wright, 1989), "a informação é mais fundamental do que a matéria ou a energia". E ele foi o primeiro a considerar o ADN "uma forma de informação".

Para Jean Guitton (1992) "o universo é um vasto pensamento" e "a próxima etapa, que ainda está por vir, será a da física semântica, a das significações".

Fazendo a passagem para um outro nível, o psíquico, penso que o que ocorreu no episódio bíblico pode também ser interpretado como trocas de informações ou "interações psíquicas" entre os dois fetos que viriam a ser João e Jesus.

O que os mitos, sobre os quais apresentei alguns aspectos, me fazem pensar é que todas as informações que cada parte - óvulo e espermatozóide - carrega em si no ato da fecundação, vão sendo transmitidas ao novo ser que se forma, incluindo o desejo prévio ou não de conceber aquele filho. Não é isso que nos fazem pensar Apolo, Édipo, Eros, João e Jesus?

E aqui podemos pensar: o que pode acontecer àquele feto que não mais conseguirá comunicar-se com a parte pai ou com a parte mãe, ou com ambos? Em outras palavras, àqueles fetos que ninguém mais pensa neles?

Para quem trabalha com crianças em Psiquiatria e inclui na história de vida os aspectos da gestação e de antes mesmo da concepção não há nisso exagero algum. Muitas crianças não foram desejadas nem planejadas. Outras sobrevivem a várias tentativas de aborto como uma que atendi em que a mãe dizia: "Fiz de tudo pra abortar. Tomei até chá de pinga com nós moscada". Algumas são esquecidas, outras ignoradas. Cito como exemplo o caso de uma crian-

ça recentemente atendida no Setor de Saúde Mental Infantil, da UNICAMP: "A mãe não sabia que estava grávida. Teve uma dor nas costas e foi internada por causa da dor. Depois de dez minutos saíram os "quistos". Chamou a enfermeira, que disse: mas tem uma criança aqui!" O comentário a seguir veio da aluna que colheu estes dados: "Tenho a impressão de que a criança só nasceu porque a mãe não sabia que estava grávida". De fato, esta senhora tivera antes um aborto e três filhos que morreram nos primeiros dois meses. Se ela não sabia, podemos pensar que o pai também não sabia. Pensemos nas mães solteiras: alguns dos homens que as fecundaram nem sabem que se tornaram pais. Pensemos nas fecundações in vitro, especialmente aquelas em que há um doador anônimo. Pensemos nos espermatozóides e nos embriões congelados! Por enquanto só podemos pensar. Ainda não temos respostas.

No entanto, o que parecem revelar os mitos e o que parecem apontar essas hipóteses da moderna Física, é que no ser de cada um há também um registro mental de tudo que lhe aconteceu desde o seu início e desde o início de todos os seus antepassados. E o conhecimento desse registro mental é um dos campos da investigação psicanalítica, através da interpretação dos mitos pessoais e coletivos.

4. APRENDENDO COM A TEORIA PSICANALÍTICA.

Freud concebeu a psicanálise como teoria,
como instrumento de pesquisa e como método de
tratamento.

Stolorow e Lachmann (1983)

O leitor já terá percebido que este trabalho, desde o início, é de inspiração psicanalítica. O título é inspirado no "O Aprender com a Experiência" de Bion (1966) e a estrutura também segue as sugestões desse autor que, ao falar dos objetos psicanalíticos, aponta a sua extensão ao terreno dos sentidos, do mito e da paixão que foram aqui usados como "Aprendendo com os Sentidos, Aprendendo com as Paixões e Aprendendo com os Mitos". No último capítulo de sua obra "Elementos de Psicanálise", Bion (1966) aponta a teoria Analítica como uma das dimensões e é assim que batizei este capítulo como "Aprendendo com a teoria Psicanalítica". Devo aqui e agora tentar responder à questão: "Quem é Bion?" que deixei em aberto no capítulo anterior. Rezende (1991) fez essa mesma pergunta e é o desenvolvimento das suas idéias e alguns textos do próprio Bion que estão servindo aqui como referência à minha tentativa de resposta.

Wilfred Ruprecht Bion nasceu em 1897 e morreu em 1979. Nasceu na Índia e teve uma babá indiana que deve ter povoado o seu imaginário com a língua, os mitos, os ritos indianos. Foi para a Inglaterra, aos oito anos, onde se desenvolveu e frequentou a Universidade de Oxford. Era oficial do exército inglês, jogador de futebol, matemático, pintor, filósofo, da escola de letras clássicas, médico, professor, estudioso de chinês, grego, latim e hebraico.

Bion foi analisado por John Rickman e depois por Melanie Klein mas, no entanto, foi mais longe que ela, na psicanálise como, provavelmente, os filhos vão além dos pais. E ele pôde mostrar isso quando esteve no Brasil a convite da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Inovando no exercício da sua profissão de psicanalis-

ta, sofreu pressão de seus colegas da British School of Psychoanalysis e acabou indo para Los Angeles, nos Estados Unidos. Bion propõe uma psicanálise grande, aberta, ao contrário dos Kleinianos para quem o mundo aparece como uma relação boca/seio ou uma relação mãe/bebê. Ele "nos faz colocar os pés na terra e a cabeça no infinito". Mas, adverte Rezende (1992), quando entramos em contato com os textos de Bion, a primeira impressão é de estranheza. É como poesia, poesia não é para entender, poesia é para sonhar, é para pensar.

Bion produziu uma trilogia inicial composta por "O Aprender com a experiência"; "Elementos de Psicanálise" e "As Transformações" e uma trilogia final formada por "Uma Memória do Futuro"; "The Past Presented" e "The Dawn of Oblivion". A trilogia inicial, esclarece Rezende (1992), é uma espécie de introdução, rigorosa, metódica, sintética, racional; a final, à qual se acrescenta "O Longo Fim de Semana" é poética, sonhadora, fala do inconsciente e pode ser encarada como a auto-análise de Bion. Entre as duas há como uma transformação... de Bion.

"Dividimos previamente o domínio da investigação em religioso, científico e estético. Em qualquer estágio determinado, uma ou outra dessas categorias se mostra predominantemente manifesta, mas isso não significa que as outras não sejam perceptíveis". É assim que Bion (1974) começa a Terceira Conferência Brasileira. Ele se serve desse três modelos - científico, religioso e estético - juntos, para fazer psicanálise, mas não deixa de ser científico mesmo quando se serve do modelo místico, nem deixa de ser estético, quando se serve dos outros dois modelos. Respondendo à última questão dessa mesma conferência, Bion (1974) dá um exemplo: "po-

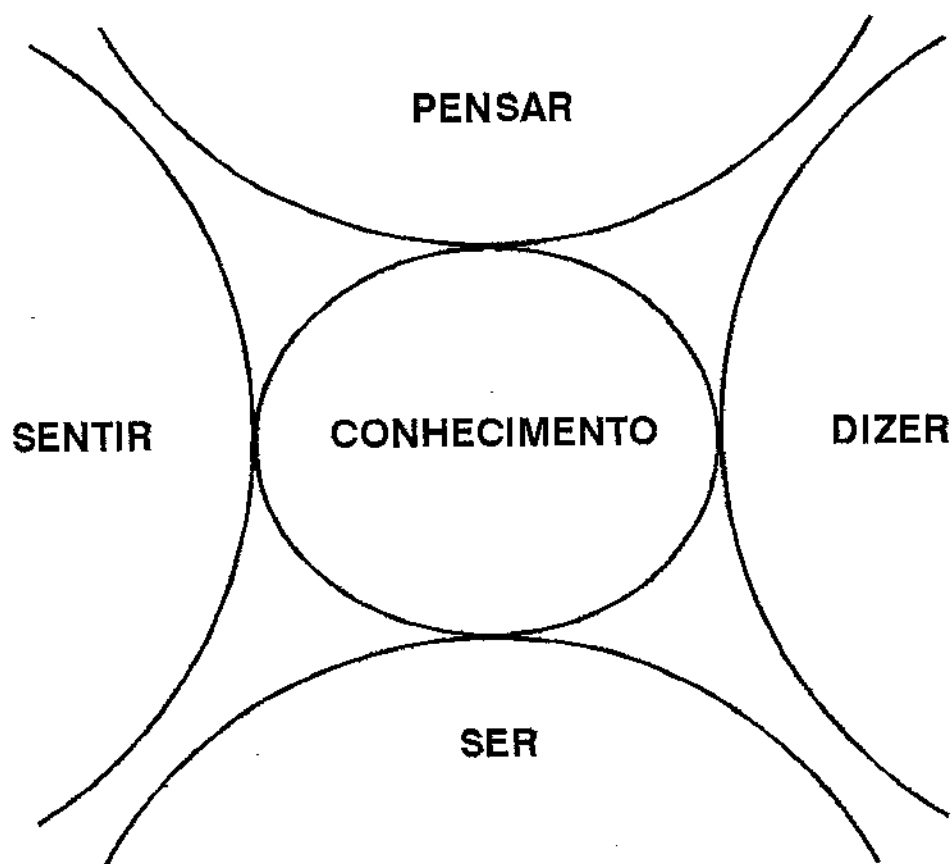
de-se considerar o próprio vértice como uma variável e usar uma medida que indique unidades angstrom ou anos-luz (o científico). Utilizando uma escala de tempo estético, poderíamos citar 'O tempo, como uma corrente incessante, carrega para longe todos os seus filhos'; ou 'Da eternidade para a eternidade tu és Deus' - como uma escala de tempo religioso".

Para falar da mente nós podemos nos servir de modelos. O modelo serve para se ter uma intuição, para chegar a uma abstração, para simbolizar. Depois de simbolizar, não se precisa mais do modelo. O modelo serve e depois de usado pode ser deixado de lado. Rezende (1992) cita, entre outros, o modelo da procriação. Segundo este modelo, a mente é fecundada. Ela é como um útero, que é fecundado e concebe. Concebe os conceitos mentais que, em seguida, são proferidos. O verbo latino pro-ferre, proferir, significa pôr para frente, nomear, dar nome às coisas. Mas, é bom lembrar que a mente é maior do que tudo que possamos dizer sobre ela. A mente transcende qualquer modelo, qualquer teoria.

Bion é conhecido como o psicanalista que privilegiou o pensar. Ele fala dos "pensamentos em busca de um pensador". Com isso, ele privilegiou o desconhecido, a incógnita. Ao contrário do conhecido, do "eu já sei", que pára o pensamento, o desconhecido, a incógnita dispara o pensamento, faz pensar. E fazer pensar é levantar hipóteses, em função de uma teoria, e em função da criatividade do pesquisador. O pensamento apresenta-se no início, como intimamente relacionado com a livre associação e, na sua evolução, vai produzindo o encadeamento das hipóteses e das suas consequências.

Lembra Rezende (1991) que, além do pensar, nós temos um ou-

tro mundo que é o do sentir, das emoções. E há um outro espaço fundante, ou fundamental que é do ser. Diz Bion (1989): "ser é mais importante do que entender". Só depois disso é que surge o dizer. Pensar, sentir, ser, dizer. Rezende (1991) propõe um esquema interessante para mostrar as relações entre esses "mundos" humanos: um pequeno círculo, fechado, ao centro com o conhecer (o conhecimento tem os seus próprios limites) e ao redor, nas posições dos pontos cardeais, sob a forma de semi-círculos de maior diâmetro tangendo o círculo central e abertos para fora, para o infinito, o pensar, ao norte; o ser, ao sul; o sentir, ao leste; e o dizer, a oeste. Para aumentar a esfera do conhecimento é necessário pensar, sentir, ser, dizer. Mas,



Rezende, 1991. Reproduzido com autorização do autor.

diz ele, "o que nós conhecemos é como o horizonte ao qual nos dirigimos, sem nunca chegar lá". Em psicanálise o sentir, o ter sensibilidade para perceber o fenômeno, a incógnita é fundamental, senão fica-se aprisionado no conhecido, ouvindo e percebendo o sensório, o factual... do mundo externo. É necessário passar do sensorial para o não sensorial, para o psíquico, para o mental. A interpretação se faz necessária porque não lida com o manifesto, nem com a evidência. Não lida com um sentido só mas com múltiplos sentidos (é polissêmica). A interpretação psicanalítica, diz Rezende (1991), "tem que ter algo de poético. O psicanalista precisa ser poeta para entender o dito e o não dito na forma mítica da fantasia do paciente". E, continua Rezende (1991): "Também o psicanalista estará atento à verdade (do paciente) apresentada através do elogio dos fatos e feitos de que se recorda com gratidão ou de que se esquece por força da censura e da inveja. Neste sentido mito-poético, Melanie Klein e Heidegger são os que melhor nos ajudam a entender a escuta mito-poética como sendo a sintonia com a verdade vivida pelo paciente". Um bom analista precisa ser inteligente, sensível e autêntico para pensar, sentir e ser. Só então poderá dizer... alguma coisa. Os mitos, como já disse antes, aparecem como um assunto tipicamente psicanalítico. "Os mitos, disse-me Rubem Alves, (1992) estão para a psicanálise, assim como as leis de física estão para a física".

Diz Bion (1966): "Torna-se mais difícil fornecer uma explicação satisfatória do que denomino extensão ao terreno do mito. Sem ele não consigo admitir a possibilidade da invenção do modelo componente do equipamento imprescindível do psicanalista". O mito aparece aqui como um instrumento epistemológico, mas é mais do que

isso: ele corresponde a uma experiência que é tanto individual quanto coletiva. Continua Bion (1966): "Para mim formulações desse teor fazem parte do processo científico-analítico e de seu equipamento. Não constituem enunciações do fato observado, nem formulações da teoria que se destina a representar a realização. São antes asseverações do mito pessoal. A menos que a experiência do objeto psicanalítico se acompanhe da formulação, pelo analista, de uma afirmação que encerra esse tipo de componente, faltar-lhe-á uma necessária dimensão. Referir-me-ei a esta dimensão como mito, ou como um componente como se". É "como se" fossemos Édipo, Laio, Jocasta, etc. Vale lembrar aqui a frase de Pierre Fédida, citado por Rezende (1991): "Quando se pretende fazer uma psicanálise 'científica', com perda da dimensão mito-poética, nem se faz psicanálise nem se faz ciência". O mito, diz Rezende (1991), nos situa num espaço semântico dentro do qual "faz sentido" e que permite ao psicanalista encontrar os seus referenciais. Bion (1966) nos ensina a usar mitos. Ele se servia dos mitos de Édipo, de Babel e do Eden, mas também podemos nos servir dos mitos de Baco, de Apolo, de Eros, e de outros mitos, que nos ajudam a entender e a dizer sobre aspectos profundos e coletivos da condição humana, que continuam desafiando o homem até hoje. "Os mitos fornecem a versão abreviada das teorias psicanalíticas, importantes para auxiliar o analista tanto a perceber o crescimento como a dar interpretações que iluminem aqueles aspectos dos problemas dos pacientes que se referem ao crescimento", diz Bion (1966).

Ao fazer Psicanálise, Bion (1973) servia-se dos três modelos epistemológicos: científico-matemático; estético-artístico e místico-religioso. Em relação ao modelo científico-matemático, Bion

acompanha o próprio desenvolvimento da ciência, especialmente da física e da matemática. Vale lembrar aqui os três princípios da teoria quântica (Capra, 1982): o princípio da relatividade de Einstein em que "espaço e tempo são conceitos relativos, reduzidos ao papel subjetivo de elementos da linguagem que um determinado observador usa para descrever fenômenos naturais"; o princípio da incerteza de Heisenberg que diz que "quanto mais enfatizamos um aspecto em nossa descrição, mais o outro se torna incerto"; e o princípio da probabilidade de Niels Bohr que revela: "em nível subatômico, a matéria não existe com certeza em lugares definidos. Em vez disso, mostra "tendências para existir", e os eventos atômicos não ocorrem com certeza em tempos definidos e de maneiras definidas, mas antes mostram "tendências para ocorrer. ... Nunca podemos prever com certeza um evento atômico; apenas podemos prever a probabilidade de sua ocorrência". Diz Capra (1982): "A característica fundamental da teoria quântica é que o observador é imprescindível não só para que as propriedades de um fenômeno atômico sejam observadas, mas também para ocasionar essas propriedades. Minha decisão consciente acerca de como observar, digamos um elétron, determinará, em certa medida, as propriedades do elétron. Se formulo uma pergunta sobre a partícula, ele me dá uma resposta sobre a partícula; se faço uma pergunta sobre a onda, ele me dá uma resposta sobre a onda. ... Nunca podemos falar da natureza sem, ao mesmo tempo, falarmos sobre nós mesmos". Essas idéias têm sido divulgadas na célebre frase: "o observador faz parte do observado" e acrescentaria: o que o observador sente também faz parte do observado pois o que sente é no contexto daquela situação que está observando. Em outra parte observa Capra (1982): "os mo-

delos que os cientistas observam na natureza estão intimamente relacionados com os modelos de sua mente - com seus conceitos, pensamentos e valores". Em "O TAO da Física", Capra (1983), cita Wheeler que falando acerca da observação de um elétron por um observador, conclui: "Para descrever o que aconteceu, temos de cancelar a velha palavra 'observador', substituindo-a por 'participante'. Num estranho sentido, o universo é um universo participante". De seu vértice psicanalítico, Bion (1974) parece dizer algo parecido quando na primeira conferência Brasileira ele começou: "Procurarei, nestes seminários, fornecer um esboço da área em que me sinto preparado para expor minha ignorância, e responder às perguntas que desejarem formular. Façam a mesma pergunta sempre que quiserem, e responderei, se puder, ainda que, provavelmente, de cada vez, de um modo diferente".

Só mesmo um grande pensador, em sintonia com as idéias de seu tempo, para dizer, com tanta humildade e sabedoria, uma coisa dessas. Bion (1974) sugere que, na resposta, há a participação de quem faz a pergunta no contexto em que é feita. Diz ele: "Teremos que continuar fazendo a mesma pergunta, porque, embora esta possa, amanhã como hoje, estar formulada nas mesmas palavras, ela não será a mesma, porque o dia será diferente."

Quanto ao modelo estético-artístico, muito resumidamente eu diria, seguindo a Rezende (1992): "Nós olhamos as mesmas coisas mas não vemos as mesmas coisas". A diferença entre o que vê o artista e o que vê um não artista (não sensível) é a arte. A diferença entre o que percebe um bom psicanalista e um não psicanalista, é a psicanálise. A sensibilidade artística é uma das características necessárias ao bom psicanalista. E Bion a tinha.

Para dizer alguma coisa sobre o modelo místico-religioso de Bion, continuo servindo-me do próprio Bion e dos textos de Rezende (1991), elaborados ao longo do curso, "Fundamentos Filosóficos da Clínica Psicanalítica" e em especial do texto referente ao tema: "Modelo místico-religioso - o ser e a verdade" "O Modelo místico, diz Rezende (1991), é muito menos citado que os dois outros, provavelmente por causa do descrédito com que se recebe a sugestão religiosa ou mística". Ao adotar o vértice místico-religioso, Bion enfoca o ser e o Pensamento. Na teologia do Mestre Eckhart, lembra Rezende (1991), há um momento em que o pensar e o ser se identificam.

Diz Bion (1973), no capítulo nono de "Atenção e Interpretação": "Por mais completa que seja uma análise, quem se submete a ela só é revelado parcialmente. ... Há uma coisa-em-si que nunca é sabida. ... Em qualquer objeto, material ou imaterial, reside a realidade última incognoscível, a coisa-em-si." Mais adiante, Bion (1973) chama de "O" esta realidade última incognoscível e corresponde, no vértice místico, ao fundo da mente. "A mente é aquilo que fica além de tudo que podemos descobrir a seu respeito", diz Rezende (1991).

Servindo-se do modelo teológico, para pensar a mente, Bion propõe um modelo psicanalítico: At-ONE-Ment, que significa comunhão com a mente, com a minha própria mente e com a mente do paciente. Rezende (1991) esclarece: "O vértice é este: reconhecer que o objeto psicanalítico só pode ser conhecido se eu me unir a ele, e me unir de tal forma que o insight aconteça como uma experiência que não é de identificação, (eu não sou o outro) mas de aproximação e de união."

Rezende (1991) termina essa magnífica aula comentando psicanalítica e filosoficamente a expressão: "eu sou grato". "Entendendo-a com a ajuda de Bion, Melanie Klein e Heidegger, diria que ser é ser grato. O ser é o ser da gratidão. É a gratidão que me dá a identidade. Eu sou aquele que é reconhecido por alguém que me dá nome ou que me chama pelo nome". Continua Rezende (1991): "O reconhecimento no contexto da filosofia heideggeriana e de uma psicanálise kleiniana é reconhecimento da identidade por meio da gratidão". E mais adiante: "Na medida em que sou grato, eu conservo em mim a presença do objeto - pessoa amada". E conclui: "Ser é ser grato".

É-me particularmente preciosa essa contribuição Rezendeana do Ser Grato como reconhecimento da identidade no ser.

Nos drogados, com os quais estive "participando" durante este estudo, não percebia gratidão, não tinham a quem ser gratos, não conservavam na mente nenhuma lembrança de pessoas amadas. Era como se fossem órfãos, psiquicamente. A questão da drogadicção daqueles indivíduos que, a meu ver, dificilmente sairão daquela condição, (mas não impossível pois como diz Rezende (1991), repetindo Santo Agostinho: "qualquer passado poderá vir a ser o passado de um santo") poder-se-ia colocar como uma questão de identidade ligada à origem do ser, ligada à não internalização de figuras parentais, a partir das quais pudessem ser reconhecidos e ser gratos. Em suas mentes não ficou o registro de seu reconhecimento, de sua gratidão, de sua identidade. A falta de identidade é a falta de pessoas a quem ser grato. Eu não sei quem eu sou porque ninguém me amou. Eu não sei quem eu sou porque eu não fui objeto do amor gratificante de ninguém. Em suas mentes ficou um grande vazio, on-

de reina o caos. É voltar ao caos original, numa última viagem, através da ação de drogas, quer seja por overdose, por acidente fatal, homicídio, suicídio... parece ser o destino daqueles seres com quem fiz minhas observações. É trágico o que senti ao estar com eles. Muito trágico.

Com suas idéias, acerca dos modelos científico, artístico e religioso, Bion (1973) e Rezende (1992) ajudam a pensar que também os cientistas, os artistas e os místicos ou teólogos, usam sempre esses modelos juntos. Senão vejamos:

O cientista para "descobrir" algo (prefiro dizer constatar ou interpretar algo que já existe na natureza, antes mesmo de existir aquele cientista), ele precisa ter sensibilidade tanto para perceber aquele fenômeno, de seu ponto de vista, quanto para transmiti-lo depois a seus semelhantes, e também precisa estar ligado àquele fenômeno, de tal forma que possa percebê-lo, ou nas palavras de Capra (1982), para que possa ocasionar as propriedades daquele fenômeno.

Também um artista precisa conhecer ciência para utilizar nas suas criações e talvez mais do que outro precisa estar re-ligado ao objeto de sua arte. É assim que quase sempre o artista está à frente do cientista; o místico, à frente do artista. Para ilustrar aqui o que estou pensando, e também para "embelezar" o meu texto, cito o rubai (quarteto) 83, de Omar Kháyyám (1040 - 1125) que, além de poeta, foi grande matemático e astrônomo:

"É loucura aspirares à paz neste mundo.

Loucura é creres num repouso eterno: depois

de tua morte, teu sono será breve e renascerás

num tuto de ervas, que será pisado, ou
numa flor que o sol crestará."

Para mim, Kháyyám intuiu a eterna transformação de tudo. Do Big Bang ao Universo em Expansão, há uma transformação contínua, dizem os cientistas em nossa era (Ecos do Big Bang, Veja, 29 de abril, 1992).

E, cerca de dois milênios antes de nós foi escrito: "Porque a terra que embebe a chuva, que muitas vezes cai sobre ela, e produz erva proveitosa para aqueles por quem é lavrada, recebe a bênção de Deus." Hebreus 6:7. Ou como escreveu, inspirado no Eclesiastes, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) em Carta a Octavio Tarquinio de Sousa, reproduzida ao final de Rubáiyát, de Omar Kháyyám: "... os rios correm ao mar, e as águas do mar sobem às nuvens, e as nuvens alimentam as fontes, e as fontes geram os rios..."

Aí está a eterna transformação, de tudo, nos vértices artístico, científico e místico. E o que fazemos em psicanálise senão vasculhar a mente à procura dos sentidos ocultos à consciência, tanto os do indivíduo quanto os da humanidade, através da interpretação dos mitos pessoais e coletivos? Não fazemos outra coisa senão atualizar e integrar esses sentidos na experiência de vida de cada um e de cada época. E as buscas que fazemos têm sempre as mesmas motivações: quem sou? de onde vim? para onde vou? E permanecem sem resposta, porque há uma realidade última, um "O", como diz Bion (1973), que é incognoscível. A verdade, "o sentido pleno é aquele que nunca encontramos e ao qual, no entanto, nunca podemos renunciar. O senso do sentido que falta, do mais sentido que ainda há, é que dinamiza toda a nossa procura e relativiza todas

as nossas descobertas" (Rezende, 1990).

Na medida em que torna consciente o inconsciente individual e coletivo, a psicanálise apresenta-se como instrumento importante para aumentar o conhecimento da humanidade. A mente humana, à semelhança do genoma, é um fóssil vivo de informações perenes. Como diz Jung (1987): "de acordo com a lei filogenética, a estrutura psíquica, da mesma forma que a anatômica, deve conter os degraus percorridos pela linhagem ancestral. No que concerne ao inconsciente, isto de fato se verifica". A psicanálise é um dos meios de que dispomos para ter acesso a essas informações "vivas" ao longo da existência humana, através da interpretação dos mitos pessoais e coletivos. Assim, ela pode formar junto com a ciência, a arte e a religião, uma espécie de quaternidade de conhecimento. Inspirada no esquema proposto por Rezende, na relação do conhecimento com o pensar, sentir, ser e dizer, imagino um pequeno círculo ao centro com o já conhecido, o conhecimento de que dispomos e, em semi-círculos abertos para fora, para o infinito e tangenciando o círculo central, a ciência ao norte, a arte a leste, a religião ao sul e a psicanálise a oeste. Mas "dotaria" esse esquema de um dinamismo que lhe permitisse circular de tal modo que cada vértice pudesse ocupar cada ponto cardinal. Assim o norte para o psicanalista será a psicanálise; para o artista, a arte. Cada um será "norteado" pelo seu próprio vértice, pelo seu próprio ponto de vista, mas estará sempre servindo-se dos demais em proporções variadas. Como diz von Franz (em "O Homem e Seus Símbolos", Jung, 1964): "As poderosas forças do inconsciente manifestam-se não apenas no material clínico mas também no mitológico, no religioso, no artístico e em todas as outras atividades culturais através das

quais o homem se expressa".

Tudo isso me ajuda a pôr ordem em minhas idéias. Da mesma forma que o Universo da ciência é hoje visto como uma grandeza quadridimensional (três coordenadas espaciais e uma quarta referente ao tempo), também o ser humano necessita sentir-se integrado nas quatro dimensões: a dimensão dos sentidos; a dimensão da sensibilidade, a dimensão religiosa e a dimensão mítica, atuando sempre juntas para desenvolver o ser em toda sua plenitude. Os sentidos e a sensibilidade nos permitem perceber os fenômenos num certo nível superficial; a dimensão religiosa nos permite percebê-los como parte de nós mesmos no sentido de que estamos re-ligados ao universo inteiro (o que perturba o universo, perturba a cada um de nós); e a dimensão mítica nos permite reconhecer que viemos de um pai e de uma mãe humanos e voltaremos a um pai e uma mãe míticos, originais: Céu e Terra.

Nesse sentido, a religião, o desenvolvimento de um sentimento de ser re-ligado a tudo que nos cerca e uma mitologização da própria vida, através do conhecimento dos mitos familiares ligados à origem de si e de todos, e, também, à ritualização através dos cuidados, dos vínculos, das estórias, dos convívios intrafamiliares, dos rituais domésticos, parece-me serem fundamentais para o desenvolvimento mental satisfatório de cada ser humano.

Aqueles drogados que entrevistei pareciam-me sofrer de uma quase ausência das dimensões mítica e religiosa. Passaram-me a impressão de que se sentiam "jogados" num mundo ao qual não pertenciam e ao qual não aprenderam a respeitar. E isso valia em relação

ao seu mundo interno e ao seu próprio corpo, que eles procuravam entorpecer com o uso constante de drogas. Talvez aqui se encontre alguma compreensão ao fato de que eles, como disse no início, não puderam beneficiar-se com os tratamentos a que foram submetidos e também a abordagem psicanalítica pareceu não mostrar resultados.

De que mitos, o drogado trataria, na análise? Volto a Bion (1966): "Os psicanalistas chamam fantasias, em alguns casos pelo menos, os remanescentes atuais do que outrora foram modelos que o paciente formou para unir suas experiências emocionais. A este respeito, o mito de Édipo é a sobrevivência do modelo que se destinava a unir a experiência emocional da criança. Se o caso apresenta um distúrbio do pensamento, descobrir-se-á que o modelo nunca se formou adequadamente. Em consequência, a situação edipiana mostrar-se-á imperfeitamente desenvolvida ou inexistente". Aqui Bion admite que, em casos de distúrbio de pensamento, o modelo edípico e a situação edipiana inexistem. Penso que o mesmo ocorreu àqueles indivíduos que se sentem psiquicamente orfãos, como os drogados com os quais venho aprendendo. Mesmo que se admita a pré-concepção (o saber a priori do indivíduo) edipiana inata para todos os indivíduos, na medida em que não introjetam na mente os pais, o conceito de pais, realização do encontro da pré-concepção com a experiência, não se formará e eles ficarão psiquicamente orfãos.

Se a situação edipiana ou mesmo a concepção edípica não se realizou, talvez necessitemos, no movimento vivo da psicanálise, começar a recorrer a mitos anteriores a Édipo ligados à origem de tudo, ao Caos, a Urano e Géia, a Crono e Réia, a Zeus e Sêmele..., ligados aos "casamentos amorosos" entre prótons e elétrons para

formar átomos; aos "casamentos" de átomos para formar moléculas; ao das moléculas para produzirem... DNA. E trabalharmos com a suspeita de que, em algum nível não ocorreu um casamento amoroso, e isto poderia ter acontecido no encontro do espermatozóide e do óvulo que originou aquele indivíduo que não consegue sentir-se integrado à sua vida. É claro que, na psicanálise, trabalharíamos com os registros afetivos, com os conteúdos mentais de tudo isso e não com as partículas propriamente - isso pertence à Física quântica, à Genética. Assim talvez pudéssemos compreender essas "viagens" a que se dedicam os drogados: para mim pareceu a busca de uma situação anterior à concepção, pareceu-me que o movimento de suas vidas se dirige a uma volta ao pai Céu e à mãe Terra, os primitivos pais de sua e de toda origem.

Não sei!... Com alguma frequência, tem-me ocorrido a idéia de que colocar no mundo seres que não foram desejados ou pelo menos aceitos e cuidados, com bondade, afeto, pode ser um verdadeiro genocídio, tal como interromper-lhes a vida, ainda no início. Uma verdadeira irresponsabilidade dos seres humanos em relação às gerações futuras. Já sabemos como ocorre a fecundação. Devemos usar esse conhecimento para o bem da humanidade, ou seja, conceber os filhos conscientemente, desejando-os, amando-os antes mesmo de concebê-los. Propiciar condições de desenvolvimento em que eles possam sentir-se amados, respeitados verdadeiramente. E isto vai depender do vínculo que se vai estabelecendo desde o início. "Em última análise, a imagem dos pais amados é preservada na mente inconsciente como seu mais precioso patrimônio, uma vez que ele protege o seu possuidor contra o sofrimento da solidão absoluta," diz Klein (1975).

É indiscutível que o sentir-se amado, querido, estimado por alguém, é fundamental para se ter uma vida verdadeiramente humana. E esses sentimentos, esses vínculos provavelmente têm início nas mentes dos futuros pais e mães, em relação a cada filho, antes mesmo de concebê-lo.

5 . REPENSANDO (Second Thoughts) .

... e termina com uma interrogação: "Valeu a pena? ..."

"... Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o Céu."

Fernando Pessoa

Tentei fazer uma reflexão, inspirada na psicanálise, a respeito da drogadicção. Isto significou para mim, refletir acerca dos conflitos da existência, ligados à origem, ao pai e mãe, no sentido da própria humanização, ligados à vida e à morte, servindo-me dos mitos como modelos que ajudam a compreender o desenvolvimento da personalidade de quem se está analisando. E o que, ao longo deste estudo pude verificar, através dos mitos, é que, aqueles que foram desejados, que tiveram no ser o desejo dos pais, puderam realizar o seu destino. Aqueles que não foram desejados, que não se sentiram como objetos do desejo dos pais, como revelam o mito de Baco e os drogados com quem estive aprendendo, não puderam viver uma vida verdadeiramente humana pois "ser homem é encarnar sentido" (Rezende, 1990), e eles pareciam não ter sentido algum para o uso de suas vidas. Ocorre-me que indivíduos assim "desnor-teados", como os drogados, sofrem de uma espécie de "Complexo de Baco" em que se sentem psiquicamente órfãos e passam pela existência como zumbis, de um lado para outro, sempre "viajando", nos vários sentidos, até à última viagem, a morte, ao encontro dos pais primordiais: Céu e Terra. Neste sentido, penso diferente de Emediato (1987) que interpreta nos jovens abandonados, e ele refere-se aos drogados, o "Complexo de Telêmaco" em que o filho abandonado sai em busca da figura paterna. Para mim, os drogados pas-

sam pela vida em busca dos pais primitivos, Céu e Terra, no Caos primordial, uma vez que aos pais humanos não puderam sentir-se "ligados". Assim o "Complexo de Baco", como o descrevi, parece representar melhor o desenvolvimento mental dos drogados.

Não posso deixar de ilustrar com alguns exemplos a minha "teoria". Começo por "Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituida...", um exemplo literário, de onde extraí alguns fragmentos, em que se pode observar:

- A ausência do desejo de ter um filho;
- O uso da gravidez para satisfazer outro desejo;
- A ausência constante de mãe e de pai em suas funções maternas e paternas, no tocante a desenvolver vínculos afetivos;
- O mundo interno (os conteúdos da mente) de Christiane sem futuro, só, perdida, incapaz de sentir algo verdadeiro, sem sentido para a vida. A leitura do livro mostra as idas e vindas e as várias tentativas de tratamento. Mostra a tragédia humana de seus vários personagens. Alguns morrem, ainda bem jovens.

A mãe de Christiane: "Tive um pai extremamente severo... Sua maneira de educar consistia em estabelecer proibições... Minha mãe tinha um coração de ouro, mas ela não era ouvida para nada... Foi nesta época que encontrei Richard, que seria meu futuro marido... É claro que meu pai quis me impedir de vê-lo... Por fim encontrei a solução para conquistar a minha liberdade: ficar grávida e ser obrigada a casar... Nosso casamento foi um fracasso total... Ele só pensava no seu Porsche e em seus grandes projetos... Eu ganhava a maior parte do dinheiro necessário para vivermos... Nossas brigas se tornaram cada vez mais freqüentes, cada vez mais violentas...

tas. Tínhamos feito várias tentativas de separação... Meu coração sofria pelo fato de não poder dar às crianças um lar confortável. Agora que estava divorciada, eu gostaria que isso mudasse. Finalmente gostaria de ter um apartamento bonitinho onde nós três nos sentíssemos bem. Eu trabalhava para realizar este sonho para poder comprar um presente para as crianças, comprar roupas bonitas e sair alguns fins de semana sem me preocupar com as despesas. Este objetivo, eu o persegui com entusiasmo e muita garra. Ganharam um belo quarto com o papel de parede escolhido por elas e móveis ao gosto delas. Em 1975 pude dar um aparelho de som a Christiane. Tudo isso me enchia de alegria; estava tão alegre de poder, finalmente, dar-lhes um pouco de bem-estar! À tarde, ao voltar do trabalho, eu lhes trazia presentinhos... Hoje, é claro, sei que era um meio de aliviar minha consciência, uma compensação pelo fato de eu não cuidar suficientemente delas... De tanto me esforçar por ter um lar arrumadinho, perdi completamente de vista as verdadeiras prioridades. Por mais que eu pense e repense sobre o assunto, no final das contas sempre chego à conclusão de que deixei as crianças por conta delas mesmo..."

Christiane: "O carro, um Porsche, era a coisa que meu pai mais amava no mundo. Ele lhe dava brilho todos os dias... Simplesmente ele não tinha uma vida que correspondesse ao seu nível! A ambição o devorava e ele sempre fracassava. Seu pai o desprezava por causa disso... Mas minha mãe ficou grávida, ele então parou de estudar e casou-se com ela. Depois disso ele pôs na cabeça que minha mãe e eu, que estava no ventre de mamãe quando se casaram, éramos as responsáveis pelo seu fracasso. Não somente odiava a família como ainda pura e simplesmente a rejeitava. Isto chegava a

tal ponto que nenhum dos seus amigos deveria saber que ele era casado e pai-de-família. Quando os encontrávamos ou quando algum deles vinha buscá-lo em casa, devíamos chamá-lo de 'tio Richard'. Eu, de tanto apanhar, aprendi muito bem e nunca errava: na presença de estranhos ele era meu tio... Naquela época eu não tinha consciência de nada... não pensava no futuro, não tinha projetos. Que projetos poderia eu ter tido? Não falávamos nunca de futuro... A gente está sempre só. A vida é uma bosta... Sentia-me totalmente perdida. Não sabia porque ia ao Sound, não sabia porque me drogava, não sabia o que fazer da vida; enfim, eu não sabia de mais nada... Era incapaz de sentir algo verdadeiro... Para mim, e acho que para muitos dos de minha geração, estas coisas materiais, este pequeno conforto é o mínimo vital. Precisamos de algo mais. O que dá um sentido para a vida..."

De maneira semelhante ao mito de Baco, não há expresso o desejo de ter um filho, mas sim o desejo de "conquistar a minha liberdade" através da gravidez. O filho é concebido para satisfazer outros desejos que não a concepção de filho, propriamente. O pai, nem ao menos, se mostra receptivo; ao contrário, proíbe a filha até de chamá-lo de pai e a condena, junto com a mãe, como responsável pelo seu fracasso. Não desejada, não aceita como poderia ela desenvolver a auto estima e a capacidade de se ligar afetivamente a algo ou a alguém?

"A tragédia final. O assassinato de Michel Frank encerra uma vida de desastres e sepulta o caso Cláudia Lessin". É com esse título, que Veja, Ano 22 - Nº 38, apresenta uma reportagem, entre as páginas 58 e 60 sob o título: "Crime". Extraio alguns fragmentos

que compõem a estória vivida de M.F.: "Tinha sempre muito dinheiro no bolso - às vezes, até exibía dólares para os colegas. ... Gostava de faltar às aulas, mas conseguia passar de ano com notas acima da média. ... Reclamava do pouco contato com o pai ... dono de um patrimônio calculado em 6 milhões de dólares, e também da falta de cuidados da mãe... que separada do marido, vive na Austrália. Aos 13 anos de idade ... ele teve um problema mais sério - foi apanhado com um cigarro de maconha, o que lhe valeu uma reprimenda por parte do diretor da escola. ... 'Agora eu cheiro cocaína' ... era um viciado, que consumia a droga em grandes doses diárias ... era capaz de oferecer a droga a qualquer pessoa, minutos depois de ter sido apresentado a ela. Entre a maconha aos 13 anos de idade e a cocaína que consumia de forma obsessiva, ocorreu com M.F. aquela passagem dramática - a do viciado que, para levantar dinheiro para adquirir a droga que consome, acaba transformando-se em traficante. ... A suspeita maior era a de que fosse um 'avião', que é como são chamados os traficantes de baixo escalão, que entregam a droga diretamente para os consumidores. ... M. F. era o tipo de personagem ideal para esse tipo de atividade - a pessoa sem profissão definida. ... Outra especialidade ... era receber brasileiros para festas numa casa de seu pai ... 'Era uma coisa de orgia e drogas ... A casa era uma grande boca-livre e o M.F. oferecia bebida, comida e cocaína'... ...Seu irmão ... pouco contato teve com ele nos últimos anos ... 'não poderia receber em minha casa uma pessoa que tinha a folha corrida de Michel'... O pai também se afastou do filho e não o via há pelo menos dois anos. ...esteve casado na Suíça com uma brasileira ... Divorciado ... voltou a casar-se com outra brasileira, ... com quem tinha um fi-

lho de 1 ano. Nos últimos dois meses Michel vivia sozinho. ... freqüentava também os bares tradicionais de homossexuais e viciados em drogas ... 'Parecia meio louco'... 'não me pareceu estar muito preocupado com o caso' ... Encerrada com uma saraivada de tiros, a biografia de Michel Frank é o retrato de um ser humano transformado em ruína ... ele teve mais de uma chance para tratar-se e livrar-se da dependência da cocaína - mas não conseguiu". Eis aí, nas palavras de um repórter, a estória, a tragédia de um drogado que reclamava do pouco contato com o pai e da falta de cuidados da mãe. Passou ao uso constante de drogas e ao tráfico para poder sustentar o seu vício. A falta de uma profissão, as orgias, o pouco contato com os familiares, os "casamentos" superficiais, a solidão, a indiferença ... tudo isso vai conduzindo à morte trágica, que parece ser o único final possível.

Em virtude de andar eu a estudar a questão da drogadicção, várias outras estórias me foram contadas, acerca de drogados, em que se podiam perceber, com mais ou menos clareza, os aspectos de sentir-se abandonado, sózinho, perdido, sem rumo nem esperança. Alguns referiam ter sido aquele filho concebido ao acaso e até pensado em abortar.

Poderíamos estudar a biografia de alguns personagens famosos e drogados como Fernando Pessoa, de cujos versos me servi, ao longo deste estudo. Em sua obra aparecem esses sentidos de que estou falando e muitos mais, já que ele, poeta, fala por metáforas. Mário de Sá Carneiro, seu amigo, também como ele, fala desses sentimentos ligados à sua existência e, assim como Fernando Pessoa morreu em decorrência do uso de drogas. Fernando Pessoa morreu por

insuficiência hepática aos 47 anos. Mário de Sá Carneiro suicidou-se aos 26 anos.

Outro famoso e drogado foi Modigliani (1884 - 1920). Em sua biografia (Mestres da Pintura, Modigliani, Abril Cultural, 1977) "pesquei" alguns fragmentos: "As minhas personagens... não exprimem mais do que muda aquiescência à vida. ... Modigliani ... sentiu-se particularmente atraído pela gente do povo... retratadas com suas grossas mãos cruzadas sobre o ventre, os ombros arriados e o olhar de profunda desesperança. ... Roído pela tuberculose, destruído pela bebida e pelas drogas... Tinha 36 anos de idade e suas últimas palavras apenas murmuradas foram: Cara, cara Itália." Aqui, parece-me clara a sua alusão à mãe pátria, à terra primitiva onde nasceu.

Também Freud, o pai da Psicanálise, entrou em contato com a cocaína, mas não se tornou drogado. Eis alguns fatos que ajudam a compreender isso.

Em "Vida e Obra de Sigmund Freud", de Ernest Jones (1975), há um capítulo dedicado ao episódio da cocaína, ocorrido entre 1884 e 1887. Ali ficamos sabendo como Freud entrou em contato com a cocaína a fim de estudar sua ação fisiológica, e tornar-se alguém, através da descoberta de alguma coisa importante. "Experimentou imediatamente o efeito com um vigésimo de grama; descobriu que a droga transformava o mau humor em que se achava em estado de euforia e dava-lhe a sensação de ter jantado regaladamente de modo que não há realmente nada com que a gente se deva preocupar. Ao mesmo tempo, decidiu-se a oferecer a droga a seu amigo Fleischl". Mais adiante: "Tomo doses muito pequenas regularmente, contra a

depressão e a indigestão, com o mais brilhante sucesso". E ainda: "Enviou à Martha alguma porção da droga a fim de fortalecê-la e de dar um colorido vermelho às maçãs de seu rosto; ofereceu-a aos amigos e colegas, para uso deles e de seus pacientes, oferecendo-a também às irmãs. Em poucas palavras, olhada a coisa sobre o nosso ângulo de hoje, ele estava se convertendo rapidamente numa ameaça pública. ... dois anos mais tarde Freud havia de ser menosprezado por haver posto em circulação o que os seus detratores chamavam de o terceiro flagelo da Humanidade (álcool e morfina são os outros dois) ... Além de tudo, havia ele de se incriminar pelo fato de ter apressado a morte de um amigo querido (Fleischl) que era ao mesmo tempo um seu benfeitor, ao incucar-lhe um grave vício de cocaína."

Por que Freud não se tornou um drogado? A resposta pode ser encontrada nos seguintes fatos relatados por Jones: "Freud observou que era uma réplica do pai, fisicamente, e, em certa medida, mentalmente. Descreveu-o como alguém que sempre esperava que alguma coisa acontecesse". Percebemos aqui que o modelo paterno estava presente e o filho pôde identificar-se fortemente com o pai, como segue: "De seu pai, Freud herdou o senso de humor, seu agudo pessimismo quanto às vicissitudes da vida, seu hábito de ilustrar uma questão moral através de uma anedota judaica, o seu liberalismo e a sua atitude de livre pensador e, talvez, a concentrada afeição à sua mulher. De sua mãe herdou, de acordo com a sua própria observação, a sentimentalidade." Também a mãe tem presença marcante e constante na vida de Freud. Alimentava expectativas grandiosas em relação ao seu primogênito, como vemos a seguir: "Nasceu envolto em membrana amniótica, ocorrência que foi tomada como asseguradora

de sua futura felicidade e fama. E quando certa vez, uma velha senhora, a quem sua jovem mãe encontrara por acaso numa pastelaria, reforçou aquela suposição, informando-lhe que havia trazido um grande homem ao mundo; a mãe orgulhosa e feliz passou a acreditar firmemente na predição. Outro efeito do orgulho materno e de sua afeição amorosa para com o seu primeiro filho deixou uma impressão mais intensa, na verdade indelével, no menino em crescimento. Como escreveu ele mais tarde: Um homem que tenha sido o inequívoco favorito de sua mãe conserva por toda a vida o sentimento de um conquistador, uma confiança no sucesso pessoal que muitas vezes leva ao sucesso verdadeiro". Esses dados sobre a vida de Freud nos revelam que ele sempre ocupou um lugar importante no seio familiar. Era amado e respeitado. Haveria de tornar-se grande, de acordo com as expectativas familiares.

Vale a pena lembrar outro nome, outro modelo, que aparece com freqüência na vida de Freud: José. Embora Freud tivesse cinco tios, o único a quem se refere nominalmente é o tio Josef. Seus anos de estudante (1875-1883) foram passados na kaiser Josefstrasse em Viena. Josef Paneth (meu amigo Josef que aparece no livro *A Interpretação dos Sonhos*) foi seu amigo e colega no Instituto de Fisiologia e seu sucessor aí, e Joseph Breuer foi, durante muitos anos, um personagem de importância junto a Freud - o homem que o conduziu rumo às avenidas da Psicanálise. Joseph Popper-Lynkeus foi quem mais se aproximou em antecipá-lo na sua teoria dos sonhos. E, acima de tudo, o Joseph (José) bíblico, na sua qualidade de famoso intérprete de sonhos, foi a figura por trás da qual Freud freqüentemente se disfarçava, no desenvolvimento de seus próprios sonhos".

Assim podemos compreender a trajetória de um ser humano, tornado grande, graças à sua constituição herdada e graças a todas as circunstâncias que lhe permitiram tamanho desenvolvimento. No início, Freud teve os pais, pode sentir-se amado e respeitado o suficiente para introjetar este modo de se relacionar consigo mesmo e com os demais pela vida afora. E, embora não tenhamos registro sobre as expectativas anteriores à concepção, o que se sucedeu depois nos faz crer que tenha sido muito desejado.

De acordo com Max Schur (1981): "Freud sustentava, com acerto, que somente uma pessoa com determinadas características mentais seria capaz de fixar-se num vício de cocaína e estas características, afortunadamente, ele não as tinha." Dentre essas características mentais, o sentir-se objeto do desejo dos pais, o sentir-se amado, respeitado, o sentir que há nos pais expectativas em relação ao uso de sua vida, ao seu futuro - tudo isso, parece-me, constitui os recursos internos indispensáveis para evitar que um ser humano, ao entrar em contato com a droga, se transforme em drogado.

Tudo isso me permite pensar que as posições que estão sendo adotadas no tratamento da drogadicção têm sido tomadas a partir de um enfoque secundário, deixando de lado o cerne da questão. Por exemplo: vejo no Jornal (Folha de São Paulo, 17 de Outubro de 1990 C-1) uma foto de alguns especialistas internacionais ligados à Luta contra as drogas, sob o título: "Especialista é contra campanhas e prega 'prazer' no combate à droga". Transcrevo alguns fragmentos: "o toxicômano é uma pessoa em sofrimento e, por isso, o combate às drogas passa, necessariamente, por mudanças na política

de habitação, lazer, esporte e empregos... Entendemos que campanhas publicitárias não mudam nem melhoram uma sociedade cujo problema básico é falta de prazer." Pareceu-me que estes especialistas pregam o tratamento da drogadicção a partir da habitação, lazer, esporte emprego... ou seja, a partir do mundo externo do drogado. E, mais adiante, respondendo à pergunta: "A distribuição gratuita de seringas, realizada em países como Holanda, é um método eficaz de prevenção contra a doença?" (a doença, aqui referida, é a AIDS). Um dos especialistas respondeu: "Penso que sim. Na França, optamos por eliminar as restrições que, até 87, existiam para a compra de seringas. Elas só podiam ser vendidas mediante a apresentação de receita médica, como ainda ocorre nos EUA. Hoje, em Paris, temos também centros onde os viciados podem adquirir uma seringa nova devolvendo a sua, usada, em troca". No pensamento destes especialistas as medidas a serem tomadas são a partir de fora, a partir de seringas descartáveis... e isso de fato foi implantado em alguns países, seguindo a esses pensadores. Recentemente, em reportagem pela televisão, fiquei sabendo que num desses países, (não me lembro qual deles) a distribuição gratuita de seringas descartáveis, num determinado local, transformou-o no antro preferido dos usuários, o ponto de encontro de traficantes e dependentes e o local onde novos drogados iam-se iniciando. Não me causou surpresa o fato de que eles continuavam a usar uma mesma seringa por vários. O resultado foi um grande aumento de usuários e de contaminados por AIDS. A medida - distribuição de seringas descartáveis - foi então suspensa nesse país. O cerne do problema da drogadicção está no mundo mental do drogado, no fato de nunca ter-se sentido desejado, amado, pelos seres que o trouxeram a este

mundo. Não têm recursos mentais com que possam contar em suas vicissitudes da vida.

Também os governantes de vários países se reuniram para elaborar acordos antidrogas, como recentemente, no Texas (Correio Popular, 28 de Fevereiro de 1992) e parecem esquecer que, se há produção e tráfico é porque há consumidores e que este é o âmago da questão da drogadicção. Por que está aumentando tanto o número de usuários e dependentes? Não será porque estamos vivendo num mundo desumano e desumanizante? Não estaremos deixando as gerações do presente e do futuro abandonadas? Nós nos preocupamos em dar-lhes o que necessitem no mundo externo, no mundo material e não lhes damos o alimento essencial das suas mentes: o desejo de tê-los como filhos, o afeto nos cuidados, a presença necessária e suficiente, o exemplo de uma vida vivida com dignidade, com algum sentido verdadeiro pelo qual valha a pena continuar vivendo.

O que fazer? Com os que já são drogados, não sei. Convido a todos, especialmente os trabalhadores em Saúde Mental, a pensar. Para isso, trouxe aqui alguns aspectos da drogadicção, revelados pelo conteúdo mental de meus entrevistados e pelos personagens míticos de que aqui me servi. A quem quiser ouvir eu diria: "Não façam filhos como quem faz cocô". Miremo-nos em Apolo, Eros, João e principalmente em Jesus. Eles nos revelam que antes de conceber o filho no ventre é importante concebê-lo na mente. Na mente do pai e da mãe. Talvez seja o mais valioso presente que a vida possa dar a um ser humano: Um bom pai e uma boa mãe, no seu mundo mental.

É o que andei pensando desde o dia em que um colega sugeriu-me que estudasse a drogadicção. E aqui, faço minhas as pala-

bras de Jung (1992): "Eu digo o que sei, aquilo em que acredito, como vejo as coisas. Mas sei muito bem que a verdade é inefável e todas as abordagens dela, rudimentares e grosseiras".

Finalmente!... a obra finda não é mais minha. Digo-lhe adeus, nos versos de Fernando Pessoa:

"Da mais alta janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a Humanidade.

E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos.

Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a côr,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como que na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.

Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.
Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar triste.

Ide, Ide de mim!

Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.

Murcha a flor e o seu pó dura sempre.

Corre o rio e entra no mar e a sua água

é sempre a que foi sua.

Passo e fico, como o Universo."

6. O MÉTODO.

"O método é o caminho a ser percorrido, demarcado, do começo ao fim, por fases ou etapas." (Rudio, 1985). Se é o caminho percorrido, devo descrevê-lo ao fim: "este é o caminho que percorri". Refaço-o, agora mentalmente para apresentá-lo ao leitor. Inspiro-me em Rosseau (1986) que faz uso de "caminhadas" semânticas. Aqui, mais modestamente, vou-me servir de "passos" para descrever o percurso semântico que fiz até aqui.

O primeiro "passo" foi o contato com a idéia de estudar a drogadicção. Deixei que a minha mente fosse fecundada por essa idéia. Evoquei a minha pouca experiência ao lembrar de dois pacientes que tentei tratar. Perguntei a alguns colegas sobre as suas experiências e, então, depois de muito pensar e meditar sobre o assunto, decidi aprender sobre esta questão. O enigma a que me propus decifrar era: O que aconteceu aos drogados? Por que não conseguimos ajudá-los? Tomei a decisão de não ler nada sobre drogadicção e drogados até ter ultrapassado a fase de coleta de dados, a fase de realização das entrevistas. Queria estar livre de teorias (pré-conceitos). Queria aprender com meus sentidos e minha sensibilidade numa experiência de encontro, de união, com cada entrevistando. Queria aprender nos "textos" vivos. O modelo de entrevista que utilizei foi desenvolvido por outros colegas*. Introduzi algumas questões sobre o desenvolvimento infantil e também, ao final, eu perguntava: "Gostaria de dizer mais alguma coisa?" Essa pergunta, eu a faço sempre que estou com um paciente pela primeira vez. Já me acostumei. "... a entrevista é a situação 'natural' em que se dá o fenômeno que precisamente nos interessa es-

* Prof.Dr.Isac Germano Karniol e Proi.Dr.Neury José Botega.

tudar: o fenômeno psicológico. Desta maneira, o enfoque ontológico e gnosiológico coincidem e são a mesma coisa" (Bleger, 1980). Outra decisão importante foi pegar um caderno longo e batizá-lo de: "Diário de uma pesquisa", seguindo a sugestão de meu primeiro professor de Psicologia, a quem sou muito grata.

O passo seguinte foi o de iniciar o contato com a instituição onde realizaria as entrevistas. Fui anotando tudo, no meu "diário", e desse material venho-me servindo ao longo deste texto. Nas entrevistas, fui anotando tudo o que cada entrevistando dizia, com as suas próprias palavras. A vantagem de não se ir ao encontro de uma experiência com um método já estabelecido é que, como o "participante" dessa experiência não sabe o que vai encontrar, ele fica atento a tudo, com os seus sentidos e a sua sensibilidade. Assim eu pude atentar ao ambiente, ao "clima" que havia ali, nos momentos em que realizei as entrevistas. Creio ter aprendido esse modo de investigar, de fora para dentro, na Anatomia Patológica, com o professor José Lopes de Faria (1979), quando, sob sua orientação, desenvolvi o trabalho: Necrotic Changes of the Adrenal Cortex Following Orthostatic Collapse in Rabbits.

Num terceiro passo, eu li e reli as entrevistas, inúmeras vezes. O que fazer com 50 respostas de 53 entrevistados, ou seja, 2650 respostas? Havia ainda as anotações livres, feitas nas entrevistas, e todos os registros do diário. Para ter uma idéia de conjunto, copiei as respostas em seqüência, ou seja, a cada questão eu copiava 53 respostas e em todas deixava um espaço para "observações", onde anotava também as falas ou comentários espontâneos que cada um fizera. Quantifiquei o que dava para quantificar. Fiz muitas tabelas. Ao analisá-las, eu não sentia os meus entrevista-

dos. Naqueles números eu não via os sentimentos que percebi ao estar com eles. E o que eles me passaram, me disseram, precisava ser comunicado. Para o quê, então, eles me teriam dito tantas coisas? Era imperioso comunicar o que vi ao olhar os drogados; o que ouvi ao escutá-los; o que senti ao tocá-los. Até decidir que faria um estudo qualitativo, e não quantitativo, passei por períodos de sofrimento, de hesitação, de encontros e desencontros que serviram para me mostrar, cada vez mais profundamente, a riqueza da variedade humana. Participamos das mesmas experiências, mas não apreendemos os mesmos resultados. Falamos das mesmas coisas, mas não significamos as mesmas coisas. "Nossos processos de pensamento, ensina Fredkin (apud Wright, 1989), são basicamente processamento de informações". E ele, como já disse antes, foi o primeiro a considerar o ADN uma forma de informação. E o ADN é único para cada ser humano.

Outro passo foi a revisão bibliográfica. Dirigi-me aos tratados de Psiquiatria e a muitos outros textos que se referiam à drogadicção e aos drogados. Fiz o levantamento bibliográfico, por computador, através das seguintes bases de dados: MEDLINE, no período de 1989 a 1992; LILACS, de 1982 a 1992 e EXCERPTA MEDICA, de janeiro a junho de 1992. Nesse levantamento usei e cruzei os termos: abuso ou dependência de substâncias, psicanálise, mitologia, mitos, Baco e Dioniso. Não encontrei nenhum artigo que houvesse utilizado as idéias de Bion, como método, para compreender os drogados nem que tivesse usado os mitos como modelos de desenvolvimento mental que nos pudessem ajudar a entender a questão da drogadicção. A minha sensação, ao ler muitos dos textos, é a de que os autores não estiveram com drogados, mas pensaram neles à dis-

tância. Não apertaram suas mãos, não comeram da comida que eles prepararam, não respiraram do mesmo ar. Encontrei na Revista Brasileira de Psicanálise, um artigo "O Núcleo de Mágoa Crítica" em que a autora (Gomes, M. C.), no material clínico II, fala de uma paciente drogada. Diz ela: "... e presenciei impactada uma das vivências de maior terror, solidão e orfandade já experienciada por mim durante uma sessão analítica." Aí está: ao entrar em contato com uma pessoa drogada não se pode deixar de perceber a solidão, a orfandade, o caos que a habitam. Com todos esses pensamentos me perturbando, levantei a hipótese de que tamanha tragédia humana poderia ter origens remotas, anteriores ao nascimento e até à própria concepção. Foi então que mergulhei nos mitos e intuitivamente dirigi-me a Baco.

Num outro passo, o professor Rezende me introduziu no universo psicanalítico de Bion onde tenho "andado" nos últimos anos, titubeante, às vezes, confiante em outras - mas em estado de contínua fascinação. Bion é fascinante! Rezende (1992) refere-se a Bion como o psicanalista do futuro, o psicanalista do século XXI, como Freud foi, para o século XX. Epistemologicamente, o meu método seguiu as sugestões de Bion (1966) que, ao falar do objeto psicanalítico, aponta a sua extensão ao domínio dos sentidos, dos mitos, das paixões e da teoria psicanalítica. Estas orientações metodológicas encontram-se no capítulo três e no capítulo vinte de "Os Elementos da Psicanálise" (Bion, 1966), e foram elas que permitiram a organização do meu material nos quatro itens que ele menciona: os sentidos, os mitos, as paixões e a teoria psicanalítica.

No passo seguinte, (melhor seria, no pulo seguinte) eu deve-

ria escrever sobre tudo isso e escrever de tal modo que o leitor também pudesse ir pensando, percebendo e aprendendo através do que eu lhe mostrasse.

Consegui? Não sei. Devo dizer que vivenciei, ao produzir o meu texto, uma estranha experiência de desassossego que só se acalmava quando tinha colocado no papel todas as idéias que ao longo deste estudo me propusera a dizer. É como se as idéias que aqui expressei, eu diria, exigissem ser expressadas. Como numa frase bonita, contada por uma amiga que, por sua vez, a ouvira de alguém: "o poeta é o sonho do poema", o autor é o sonho da obra. O meu modo de escrever, venho-o desenvolvendo ao longo da vida e a fonte de inspiração maior está principalmente nos textos que tenho lido. Aqui, Ismail Kadaré (1991), ao fazer antropologia sob a forma literária, inspirou-me no início; Barthes (1991) com o seu "Fragmentos de um Discurso Amoroso", veio em seguida; Yourcenar (1983), no seu "De Olhos Abertos", feito de perguntas e respostas; Machado de Assis (1991), no seu estilo impecável; Rousseau (1986), nas suas "Caminhadas", para citar alguns. No fundo, o que eu já li, de algum modo, influencia tudo o que faço, ora procurando seguir o exemplo, ora esforçando-me para não imitar alguma obra que não me faz sentir bem ao lê-la. Sim, a obra deverá ser escrita com inteligência, mas também com sensibilidade e autenticidade, dirigida à razão e ao coração das pessoas. Assim, será mais verdadeiramente humana e terá mais poder para atingir a outros seres humanos.

Inspiro-me em Rezende (1990) e em Sousa (1992) para resumir o meu método, que compreende três vertentes básicas e realiza-se em dois momentos fundamentais. As vertentes são:

1. Uma visão psicanalítica da drogadicção, inspirada em Bion (1966), que ao referir-se ao objeto psicanalítico aponta a sua extensão ao domínio dos sentidos, do mito, da paixão e da teoria psicanalítica.

2. Uma tomada de posição existencial, e a recusa de toda forma de dogmatismo. Vi o drogado e sua doença, como um fenômeno único, do qual, naquele momento, eu estava "participando".

3. Um processo de auto-organização textual em que uma frase vai pedindo outra, um capítulo vai complementando o outro, de modo contínuo, ao longo de um fio semântico.

Os dois momentos fundamentais são: o da vivência com a instituição e com os drogados, e o da escritura do texto.

Acerca deste último ponto, origem e motivo desta obra, diria ainda: em todos os momentos estamos continuamente aprendendo, tanto sobre o objeto do nosso estudo quanto sobre nós mesmos e o mundo que nos rodeia. Assim é, porque o observador e o que ele sente também fazem parte do resultado. É uma observação participante. Ao observar o objeto de meu estudo, também me observo e vou refletindo sobre isso, vou levando para a análise, ou comentando com colegas, e, principalmente com o orientador. O meu modo de entrevistar foi se desenvolvendo ao longo da vida acadêmica tanto como aluna, quanto como professora, como pesquisadora e principalmente com a vivência de quem deita no divã, como analisanda, e de quem senta na poltrona como terapeuta. A minha observação de um paciente ou de um entrevistando inicia-se na sala de espera ou na situação de encontro e não termina com o apêto de mão, à despedida. Continua em mim, no que ficou, no que senti, no que aprendi. E fica para sempre, num processo de contínua transformação, de contínuo des-

lumbramento perante a riqueza da variedade humana, a riqueza das manifestações de todos os seres, a individualidade de cada um, num universo que permanece e do qual fazemos parte, desde sempre e para sempre.

Na apresentação do meu texto procurei seguir as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), Cunha (1991) e Herani (1990).

Foi o acaso que me pôs em contato com a questão da drogadicção. Procurei empenhar-me em aprender e transmitir fielmente o que vi ao olhar; o que escutei ao ouvir; o que senti ao tocar; o que pensei ao perturbar-me com tamanha tragédia humana.

Não dei respostas às questões iniciais que formulei. "A resposta é a desgraça da pergunta", como diz Blanchot (apud Bion, 1992). Antes, mostrei o percurso semântico que percorri desde que entrei em contato com a idéia de estudar a drogadicção.

Num último momento, desta escritura, ofereço ao leitor alguns versos que, no percurso deste trabalho, me fizeram bem em momentos de desânimo e solidão.

QUALQUER CAMINHO leva à toda parte,
Qualquer caminho
Em qualquer ponto seu em dois se parte
E um leva aonde indica a `strada
Outro é sozinho.

Um leva ao fim da mera `strada, pára
Onde acabou.
Outro é abstrata margem

Ah! Os caminhos `stão todos em mim.
Qualquer distância ou direção, ou fim
Pertence-me, sou eu. O resto é a parte
De mim que chamo o mundo exterior.
Mas o caminho deus eis se biparte
Em o que eu sou e o alheio a mim
[...]

Fernando Pessoa

E para quem, como eu, deseja fazer uma tese, diria ainda:

Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.

Antônio Machado

A seguir, um atalho do caminho, que percorri no início.

A N E X O

O meu caminho principiou por uma pesquisa estatística e posteriormente é que tomei consciência de que, para o material que dispunha, o melhor tratamento do tema dos drogados não era o quantitativo mas uma reflexão qualitativa. No entanto, o que foi feito faz parte do meu caminho. Percorri essa etapa e não gostaria de perdê-la. Assim, incluo-a também para que o leitor possa fazer esse percurso comigo. É um atalho, que confirma as idéias desenvolvidas ao longo deste trabalho.

As entrevistas foram realizadas no período de fevereiro a outubro de 1985, numa instituição que trata de drogados, situada na região de Campinas, estado de São Paulo, Brasil. Cincoenta e três indivíduos, todos do sexo masculino, de idades variando entre dezoito e cinquenta e quatro anos, foram entrevistados. O tempo de cada entrevista variou de vinte e cinco a cem minutos, tendo dado quarenta e seis minutos, em média.

Para facilitar a leitura, vou agrupar os dados nas seguintes categorias:

- A) Características Sócio-Econômicas
- B) Situação Familiar
- C) Hábitos
- D) O Uso de Drogas

E) Tratamentos Utilizados

Apresento, em seguida, os resultados, sob a forma de tabelas.

A) Características Sócio-Econômicas

Tabela 1. Distribuição segundo a idade dos indivíduos entrevistados.

Idade	Freqüência
18/--/20	5
21/--/23	10
24/--/26	6
27/--/29	5
30/--/32	4
33/--/35	5
36/--/38	5
39/--/41	8
42/--/44	2
45/--/47	2
48/--/50	0
>50	1
Total	53

A idade calculada pela mediana é 30 anos.

Tabela 2. Distribuição segundo o estado civil.

Estado Civil	Freqüência
Solteiros	29
Casados	10
Separados	10
Amasiados	3
Viúvos	1
Total	53

Tabela 3. Distribuição segundo a região de nascimento.

Região de Nascimento	Frequência
Sudeste	41
Sul	5
Nordeste	5
Centro-Oeste	1
Outra	1
Total	53

Dos nascidos na região Sudeste, 27 nasceram no estado de São Paulo e destes apenas 4 nasceram em Campinas.

Tabela 4. Distribuição segundo a região de procedência.

Região de Procedência	Frequência
Sudeste	41
Sul	4
Nordeste	3
Centro-Oeste	1
Ignorado	4
Total	53

Tabela 5. Indivíduos pertencentes à instituição, que informaram ter ou não telefone para contato.

Telefone	Frequência
Têm	30
Não têm	23
Total	53

Tabela 6. Distribuição segundo a religião dos entrevistados.

Religião	Frequência
Católica praticante	16
Católica não praticante	32
Outras religiões	5
Total	53

Quanto ao serviço militar dos entrevistados, 40 não fizeram e 13 fizeram.

Quanto aos motivos porque não fizeram serviço militar, apenas um foi por ser viciado

Tabela 7. Escolaridade dos entrevistados.

Escolaridade	Frequência
Primário incompleto	17
Primário completo	8
Secundário incompleto	11
Secundário completo	8
Universitário incompleto	8
Universitário completo	1
Total	53

B) Situação Familiar

Tabela 8. Distribuição da idade dos pais por ocasião do seu nascimento.

Idade	Pai	Mãe
Até 19	1	3
20/--/29	18	30
30/--/39	19	14
40 e +	7	2
Sem informação	8	4
Total	53	53

Tabela 9. Distribuição dos indivíduos entrevistados segundo ter pais vivos, mortos ou ignorados.

Pais	Vivo(s)	Morto(s)	Ignorado	Total
Pai	31	21	1	53
Mãe	42	10	1	53
Ambos	25	4	-	29

Dos que têm pai morto, 17 têm a mãe viva.

Tabela 10. Distribuição segundo a ocupação dos pais.

Ocupação dos pais	Pai	Mãe
Não qualificada	3	2
De nível inferior	19	3
De nível médio	11	6
De nível superior	9	2
De alta renda	2	0
Não enquadrados no critério Guidi-Duarte	9	40
Total	53	53

Como pais não enquadrados consideramos: 6 aposentados; 1 pastor de Igreja; 1 traficante; e 1 sem informação.

Como mães não enquadradas consideramos: 38 prendas domésticas e 2 sem informação.

Tabela 11. Distribuição quanto ao número de filhos das famílias de origem.

Número de filhos	Frequência
1	1
2	7
3	13
4	3
5	6
6	10
7	4
8	2
9	3
10	2
11	2
Total	53

Tabela 12. Posição na irmandade dos indivíduos entrevistados.

Posição na irmandade	Frequência
Unico	1
Caçula	20
Primeiro	19
Segundo	6
Terceiro	7
Quarto	5
Quinto	2
Sexto	0
Sétimo	1
Oitavo	2
Total	53

Tabela 13. Número de irmãos mortos dos indivíduos entrevistados.

Número de irmãos mortos	Frequência
0	44
1	4
2 ou +	3
Ignorado	2
Total	53

Tabela 14. Distribuição segundo a(s) pessoa(s) indicadas pelos entrevistados quanto a por quem foi criado.

Por quem foi criado	Frequência
Pai e mãe	22
Pai, mãe e instituição	2
Pai, mãe e parentes	1
Mãe e instituição	7
Mãe e parentes	5
Somente a mãe	14
Somente parentes	1
Somente o pai	1
Total	53

Tabela 15. Distribuição segundo a forma de aleitamento dos indivíduos entrevistados.

Aleitamento	Frequência
Materno	21
Artificial	6
Misto	20
Ama de leite	1
Não sabe	5
Total	53

Tabela 16. Distribuição segundo o tempo de aleitamento dos indivíduos entrevistados.

Tempo de aleitamento em anos	Frequência
0/--/2	4
3/--/4	8
5/--/6	2
7 e +	5
Não sabe	34
Total	53

Tabela 17. Distribuição segundo o estado civil dos pais dos indivíduos entrevistados.

Estado civil dos pais	Frequência
Estavam casados	20
Estavam separados	9
A mãe estava viúva	15
O pai estava viúvo	5
Os pais estavam mortos	4
Total	53

Dos que tinham os pais separados, essa separação deu-se em diferentes etapas do desenvolvimento infantil para a quase totalidade dos casos. Em apenas 2 a separação dos pais ocorreu quando um entrevistado tinha 17 e outro 23 anos.

Tabela 18. Forma de convivência dos indivíduos entrevistados.

Forma de convivência	Frequência
Com os pais	13
Sozinho	11
Com a mulher e filhos	10
Com a mãe e outros familiares	9
Com outros familiares	5
Com amigos	1
Com colega	1
Sem moradia	3
Total	53

Tabela 19. Pessoas de apoio dos indivíduos entrevistados.

Pessoas de apoio	Frequência
Nenhuma	13
A família	15
Psicólogas ou colegas da instituição	12
Amigos	11
Outros	2
Total	53

Em "outros", havia um padre e um entrevistado não quis responder quem era.

Tabela 20. Relação dos entrevistados com suas famílias.

Relação com as famílias	Frequência
A família o tem aceito, procura ajudar, estão unidos.	9
Há muita discussão, desentendimentos. Pode até ter havido umas saídas breves de casa, mas com retorno. Há união ainda.	9
Situação mais grave de relacionamento. Abandono do lar por longos períodos nos quais fica em casa de conhecidos, pensões, ou mais tempo em hospitais que em casa, mas com retornos ao lar.	15
Família desfeita. Sem residência fixa. Perambula.	17
Abandonou a família. Mora em república com certa organização.	3
Total	53

Tabela 21. Tipos de situações ocupacionais referidas pelos entrevistados.

Situações ocupacionais	Frequência
Desempregado	36
Afastado pelo INPS	13
Afastado sem INPS	3
Licenciado	1
Total	53

C) Hábitos

Tabela 22. Distribuição segundo o uso ou não de chupeta.

Uso ou não de chupeta	Frequência
Sim	22
Não	15
Não sabe	16
Total	53

Tabela 23. Tempo de uso de chupeta.

Tempo de uso de chupeta em anos	Frequência
Até 2	2
3/--/4	3
5/--/6	4
7 ou +	2
Não sabe quanto tempo	11
Total	22

Tabela 24. Hábitos mencionados pelos entrevistados.

Hábitos	Frequência
Nenhum	32
Rói unha	12
Chupava dedo	3
Mexe com as pernas	2
Rói unha e masturba-se	1
Fuma	1
Chorava demais	1
Chupava dedo e rói unha	1
Total	53

D) O Uso de Drogas.

Tabela 25. Modelos de ambiente em que os entrevistados se desenvolveram.

Modelos	Sim	Não	Total
Alcoolismo	45	8	53
Drogadicção	31	22	53
Internações psiquiátricas	21	32	53
Problemas com polícia ou justiça	26	27	53
Tentativas de suicídio	12	41	53
Suicídio	3	49	53

Tabela 26. Distribuição dos entrevistados quanto à idade em que tiveram o primeiro contato com drogas.

Idade	Frequência
6/--/10	4
11/--/15	26
16/--/20	22
21 e +	1
Total	53

Tabela 27. Razões mencionadas pelos entrevistados do uso de drogas pela primeira vez.

Razões	Frequência
Pra ser aceito no grupo	6
Pra ficar mais sociável	7
Pra buscar prazer	3
Pra diminuir a tensão	4
Por outros motivos	33
Total	53

Observação: Em outros motivos, 27 relataram curiosidade e 6 referiram motivos variados como raiva, hábito de família, o pai deu por brincadeira, e etc.

Tabela 28. Tipo de droga relatada pelos entrevistados no seu primeiro contato.

Droga	Frequência
Alcool	23
Maconha	21
Lança perfume	4
Glucoenergan	1
Mandrix	1
Desbutal	1
Preludin	1
Desobesi	1
Total	53

Tabela 29. Via de administração, usada no primeiro contato com drogas, mencionada pelos entrevistados.

Via	Frequência
Oral	46
Nasal	4
Intravenosa	3
Total	53

Tabela 30. Pessoa(s) indicada(s) pelos entrevistados que os acompanharam no uso de droga pela primeira vez.

Pessoa(s)	Freqüência
Amigos (1)	22
Colegas(2)	14
Sozinho	9
Parentes	7
"Paquera"	1
Total	53

Observações: (1) Amigos do convívio do entrevistado; (2) Colegas de escola ou de trabalho.

Foram várias as situações em que usaram drogas pela primeira vez como festas, grupos de escola ou de vizinhança, esporte ou mesmo sozinho.

Tabela 31. Sensações dos entrevistados ao usarem drogas pela primeira vez.

Sensações	Freqüência
Bem	11
Mal	10
Alegria entusiasmo	9
Nada	8
Louco	4
Muito leve	2
Engraçado	1
Como um herói	1
Realizado	1
Sem timidez	1
Muito forte	1
Via polícia atrás de mim	1
Desbaratinado	1
Paz	1
Medo	1
Total	53

Tabela 32. Distribuição dos entrevistados na época (idade) do uso de drogas por via endovenosa.

Idade	Freqüência
Nunca usou	29
11/--/15	5
16/--/20	14
20 ou +	5
Total	53

Tabela 33. Drogas endovenosas mencionadas pelos entrevistados.

Drogas endovenosas	Freqüência
Glucoenergan	6
Cocaína	4
Pervitin	4
Desbutal	3
Algafan	1
Catovit e provegil	1
Ketalar, inoval e morfina	1
Preludin e desbutal	1
Anfetamina	1
Reativan e glucoenergan	1
Cocaína e glucoenergan	1
Total	24

Tabela 34. Pessoas indicadas pelos entrevistados que os acompanharam no uso de drogas por via endovenosa.

Pessoas	Freqüência
Grupo	13
Sozinho	5
Um amigo	6
Total	24

Tabela 35. Idade dos entrevistados na época em que a droga constituiu-se num problema.

Idade	Freqüência
14/--/18	16
19/--/23	18
24/--/28	9
29/--/33	3
34 e +	7
Total	53

Tabela 36. Época (idade) de alto consumo de drogas mencionada pelos entrevistados.

Idade	Freqüência
15/--/19	14
20/--/24	15
25/--/29	8
30/--/34	6
35/--/39	8
40 ou +	2
Total	53

Quanto à ameaça de vida por overdose, 31 indivíduos responderam negativamente mas é significativo que 15 mencionaram ameaça de morte até 2 vezes e 7, até 3 vezes ou mais.

Quanto a algum acidente grave em que se pudesse presumir a influência do uso de droga, 34 responderam que sim e 19, que não.

Tabela 37. Tipos de acidentes mencionados pelos entrevistados.

Acidentes	Freqüência
Acidentes com veículos motorizados	26
Acidente com veículo não motorizado	1
Acidente no lar	1
Acidente no mar	1
Quedas	3
Perfurações	1
Tentativa de suicídio	1
Total	34

Tabela 38. Dificuldades ou facilidades mencionadas pelos entrevistados quanto à obtenção das drogas.

Dificuldade de se obter	Maconha	Anfetamínicos	Cocaína	Heroína	Diazepínicos
Muito fácil	39	22	16	2	33
Fácil	7	15	14	2	8
Difícil	1	3	13	7	2
Muito difícil	-	1	-	27	-
Impossível	-	-	-	3	-
Não sabe	6	12	10	12	10
Total	53	53	53	53	53

Tabela 39. Opiniões dos entrevistados sobre os indivíduos que usam drogas. (Ver questão número 17)

Opiniões	Ambicioso	Anti-social	Instável	Sensível	Promiscuo sexual	Um perdedor
Menos	33	4	2	3	3	1
Igual	2	4	2	1	7	6
Mais	18	45	49	49	43	46
Total	53	53	53	53	53	53

Tabela 40. Opiniões dos entrevistados quanto à desaprovação do uso de drogas.

Opiniões	Desaprova		Total
	Não	Sim	
Fumar 20 cigarros ou + por dia	18	35	53
Fumar maconha ocasionalmente	7	46	53
Fumar maconha diariamente	7	46	53
Usar cocaína ocasionalmente	5	48	53
Usar cocaína diariamente	2	51	53
Usar heroína ocasionalmente	3	50	53
Usar heroína diariamente	2	51	53

Tabela 41. Influência da drogadicção no estudo, mencionada pelos entrevistados.

Influência da drogadicção no estudo	Frequência
Parou de estudar antes do uso de drogas	10
Aparentemente não influenciou em seu rendimento escolar (notas, relacionamentos, frequência, comportamento)	11
Houve alguma interferência de leve à moderada como algumas notas baixas ou faltas, mas que não impediram a progressão do estudo	6
Houve interferência grave (repetência, suspensão, expulsão, abandono da escola)	26
Total	53

Tabela 42. Idade em que os entrevistados pararam de estudar.

Idade em que parou de estudar	Frequência
10/--/15	11
16/--/21	20
22/--/27	15
28/--/33	5
34 e +	2
Total	53

Tabela 43. Influência da drogadicção no trabalho, mencionada pelos entrevistados.

Influência da drogadicção no trabalho	Frequência
Não há evidência de que a droga influiu no trabalho	3
Alguma influência como admoestação por falta, ser preterido numa promoção, preocupação dos chefes pelo uso de drogas, sem perigo de demissão	10
Impacto sério no trabalho. Despedido. Negada uma promoção. Perdeu o emprego. Está para ser despedido	39
Não há resposta	1
Total	53

Tabela 44. Influência da drogadicção nas uniões conjugais dos entrevistados.

Tipo de influência	Frequência
Não há evidência de que a droga influiu neste ou em casamentos anteriores	2
A droga teve influência apenas leve neste ou nos casamentos anteriores	2
A droga teve impactos muito sérios neste e em prévios casamentos	8
Nunca casou	32
Total	53

Tabela 45. Historia criminal devida à drogadicção mencionada pelos entrevistados.

História criminal	Sim	Não	Total
Vendeu objetos da família ou desviou dinheiro para comprar drogas	33	20	53
Traficou drogas	23	30	53
Nunca foi condenado ou preso	19	34	53
Foi preso 1 ou 2 vezes	13	40	53
Foi preso 3 vezes	7	46	53
Foi preso mais de 3 vezes	11	42	53
Roubou ou assaltou e nunca foi preso	10	43	53
Brigou ou matou por tóxicos,mas nunca foi preso	16	37	53

Tabela 46. Tipos de "drogas" mencionadas pelos entrevistados de uso atual.

"Drogas" usadas atualmente	Frequência
Cigarros	28
Cigarros e café	17
Cigarros, haldol e fenergan	1
Cigarros e diazepam	1
Café	1
Nada	5
Total	53

Tabela 47. Quantidade diária de cigarros mencionada pelos entrevistados usada à época da entrevista.

Quantidade diária de cigarros	Frequência
Nenhum	6
10 ou menos	7
11/--/20	28
21/--/30	7
31/--/40	4
40 ou mais	1
Total	53

Tabela 48. Distribuição segundo o tempo do uso de drogas dos entrevistados.

Tempo do uso em anos	Frequência
Até 5	1
6/--/10	16
11/--/15	10
16/--/20	7
21/--/25	11
26/--/30	5
30 e +	3
Total	53

Nota: O tempo foi calculado a contar do início do uso de drogas até o momento da entrevista.

E) Tratamentos Utilizados

Tabela 49. Tratamentos alternativos, já utilizados pelos entrevistados.

Tratamentos alternativos	Frequência
Nenhum	19
AA (Alcoólicos Anônimos)	12
AA, umbanda, simpatias	10
Espiritismo	2
Umbanda	2
Outros	8
Total	53

Em "outros" incluímos: fazenda de pastor, centro espírita, banho de cheiro, rezas da mãe, simpatias, homeopatia, yoga, naturalismo, terapia individual, terapia em grupo.

Tabela 50. Tempo que os entrevistados mencionaram ter ficado sem drogas.

Tempo em meses	Frequência
Nunca	11
1 e menos	7
1/--/3	14
4/--/6	5
7/--/9	6
10/--/12	4
12 e mais	6
Total	53

Quanto a internações psiquiátricas devidas ao uso de drogas, 29 mencionaram positivamente e 24, negativamente.

Tabela 51. Número de internações psiquiátricas devidas ao uso de drogas, mencionadas pelos entrevistados.

Número de internações	Frequência
1	7
2	9
3	6
4	1
6	1
8	2
18	1
20	1
30	1
Total	29

Quanto a internações psiquiátricas não devidas ao uso de drogas, apenas 1 mencionou positivamente, embora o motivo tivesse sido pelo uso de bebida.

Quanto a consultas a médicos (clínicos, psiquiatras) não devidas a drogas, apenas 1 nunca tivera consultas e os 52 restantes mencionaram que já haviam consultado.

Tabela 52. Forma de conhecimento dos entrevistados, sobre a instituição.

Meio de comunicação	Frequência
Televisão	7
Jornal ou revista	1
Folheto	-
Ex-dependente	6
Amigo da família	11
Médico	-
Outro	28
Total	53

Em "outro" tivemos: irmão, 6; parente, 5; mãe, 3; pai, 1; filha, 1; esposa, 1; padre, 2; assistente social, 2; amigo íntimo, 1; namorada, 1; irmã de ex-dependente, 1; mãe de recuperando, 1; freguês da loja, 1; livro, 1; mãe de ex-dependente, 1.

Tabela 53. Pessoas indicadas pelos entrevistados que querem o tratamento.

Quem mais quer	Freqüência
Só ele	15
Só a família	4
Ele e a família	31
Ele, a família e outro	1
Ele e outro	2
Total	53

Quanto ao que é mais importante no tratamento oferecido pela instituição, os entrevistados valorizaram mais a oração e trabalho, 20; somente a oração, 9; somente o trabalho, 2; e 22 valorizaram outros motivos.

Tabela 54. Participação dos entrevistados em grupos.

Tipo de grupo	Freqüência		
	Sim	Não	Total
Esporte	26	27	53
Clube social	22	31	53
Religião	7	46	53
Drogados	53	-	53

Tabela 55. Drogas já utilizadas algum dia pelos entrevistados de acordo com relato espontâneo.

Drogas	Frequência
Tabaco	49
Alcool	50
Cannabis	39
Anfetaminas	13
Cocaína	26
Barbitúricos	4
Alucinógenos	14
Solventes	27
Sedativos com receita	29
Sedativos sem receita	17
Opio	3
Outras *	103

* Correspondem a 56 nomes diferentes de drogas que os entrevistados não associaram com os tipos anteriores ou seja, eles conhecem as drogas mais pelo nome comercial ou apelido. Exemplos: Cogumelo; líquido de isqueiro; pirâmide; catedral; haxixe; yellow grafite; coraçãozinho; fanta; christmas tree; black beautiful; molikort; gasolina branca; clorofórmio; morfina; queijinho; melhoral no cigarro; algafan; tonopan; heroína; e etc.

A seguir, o modelo de entrevista utilizado neste trabalho.

1. Nome _____ Número _____
2. Idade ____ 3. Sexo ____ 4. Cor ____ Data ____/____/____
5. Estado Civil: _____ Hora - in. _____
 () Solt. () Casado fim _____
 () Desq. () Divorciado Entrev. _____
 () Viuvo () Amasiado Duração _____
6. Data de nascimento ____/____/____
7. Local de nascimento _____
8. Endereço _____
9. Telefone _____
10. Constituição familiar (inclue falecidos, com data, desde que nasceu)

SEXO	PARENTESCO	IDADE	PROFISSAO	EST.CIVIL
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____

11. Por quem foi criado? (mãe, substituta, creche) em que período? _____

mamou no seio? _____ Quanto tempo? _____ Mamadeira,
 até quando? _____ Chupeta, até quando? _____
 Hábitos: _____

12. Pais: () casados
 () amasiados

() separados, quando você tinha _____ anos

13. Religião (P = praticante; NP = não praticante)

pai _____ mãe _____ você _____

14. Com quem você mora atualmente?

SEXO	PARENTESCO	IDADE	PROFISSAO	EST.CIVIL
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____

15. Há quanto tempo? _____

16. Pai, mãe, _____, _____, _____, modelos até 18 anos

	Pai	Mãe	_____	_____	_____
alcoolismo	_____	_____	_____	_____	_____
drogadicção	_____	_____	_____	_____	_____
int.psiquiát.	_____	_____	_____	_____	_____
polícia/just.	_____	_____	_____	_____	_____
tent.suicíd.	_____	_____	_____	_____	_____
suicídio	_____	_____	_____	_____	_____

17. A maior parte das pessoas de minha idade acha que quem usa droga é _____ do que os outros.

	Muito menos	Menos	Igual	Mais	Muito mais
ambicioso	_____	_____	_____	_____	_____
anti-social	_____	_____	_____	_____	_____
instável	_____	_____	_____	_____	_____
sensível	_____	_____	_____	_____	_____
promisc.sex.	_____	_____	_____	_____	_____
um perdedor	_____	_____	_____	_____	_____

18. Você desaprova uma pessoa maior do que 18 anos:

	Não	Sim	Muito
fumando 20 cigarros ou mais/dia	___	___	___
fumar maconha ocasionalmente	___	___	___
fumar maconha diariamente	___	___	___
cocaína ocasionalmente	___	___	___
cocaína diariamente	___	___	___
heroína ocasionalmente	___	___	___
heroína diariamente	___	___	___

19. Como foi o primeiro contato com droga

idade _____ droga _____ via _____
com quem _____ local (situação) _____

o que sentiu _____

20. Qual a razão pela qual usou a primeira vez

- () para ser aceito no grupo
- () para ficar mais sociável
- () buscando prazer
- () melhorar o sexo
- () tratamento médico
- () diminuir a tensão.
- () diminuir frio, fome, fadiga
- () outro _____
- () não sei.

21. Quando começou a sentir que a droga constituía-se num problema:

idade _____ o que aconteceu? _____

22. Uso EV -IM:

idade _____ droga _____

com quem _____ local (situação) _____

preparação _____

qual a diferença _____

23. Descrição de um dia típico numa época de alto consumo de droga.

época _____

descrição (ATRAS)

24. Já teve sua vida ameaçada por overdose?

() Não () 1 - 2 vezes () 3 ou mais

descrever _____

25. Algum acidente grave em que se pode presumir a influência da droga?

() Não () Sim O quê? _____

26. Internações psiq. devido a drogas (em hospital psiquiátrico).

() Não () Sim

total _____

data de última ____/____/____

impressão _____

27. Internação psiquiátrica não devido a droga.

() Não () Sim

total _____

data de última ____/____/____

motivo _____

28. Consultas a médicos (clínicos, psiquiatras, dentistas),
não devidas a droga

() Não () Sim

total _____

data de última ____/____/____

motivo _____

29. Tratamentos alternativos (AA, umbanda, simpatias, yoga,
naturalismo, homeopatia) _____

30. Já conseguiu ficar (o maior tempo) _____ sem drogas.

Como? _____

31. Como soube do Pe. Gregório?

() TV () ex-dependente
() jornal/revista () amigo da família
() folheto () médico
() outro _____

32. Quem mais quer o tratamento.

() você () família () outro _____

33. O que é mais importante neste tratamento? _____

34. Em relação a dificuldade de se obter _____

	m.fácil	fácil	difícil	m.difícil	impos.
maconha	_____	_____	_____	_____	_____
anfetamínicos	_____	_____	_____	_____	_____
cocaína	_____	_____	_____	_____	_____
heroína	_____	_____	_____	_____	_____
diazepínicos	_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____	_____

35. Droga mais usada atualmente _____
36. Como voce fica sob sua ação _____
37. Serviço militar
() Não () Sim considerações _____
38. Com quantas pessoas você pode se abrir, comentar seus problemas mais íntimos, pedir ajuda? _____ Quantas dessas usam droga? _____(quem).
39. Participo de grupos de
() esporte () religião
() clube social () de drogadictos
() outros _____
40. Drogadicção e habitação:
() a família o tem aceito, procurado ajudar. Estão unidos.
() há muita discussão, desentendimentos, pode até ter havido umas saídas breves de casa, mas com retorno. Há união ainda.
() situação mais grave de relacionamento. Abandono do lar por longos períodos, nos quais fica em casa de conhecidos, pensões, ou mais tempo em hospitais que em casa, mas com retornos ao lar.
() família desfeita. Sem residência fixa. Perambula.
() abandonou a família. Mora em república, com certa organização.
() não dá para responder.
41. Estuda atualmente?
() Não () Sim o quê? _____ série _____
42. Estudou no passado?
() Não () Sim o quê? _____
parou com _____anos na _____série
() Analfabeto

43. Como a drogadicção influiu no estudo

- ☐ parou de estudar antes do uso de drogas
- ☐ aparentemente não influiu em seu rendimento escolar (notas, relacionamento, freqüência, comportamento...)
- ☐ houve alguma interferência, de leve para moderada como algumas notas baixas, ou faltas, mas que não impediram a progressão no estudo
- ☐ houve interferência grave (repetência, suspensão, expulsão, abandono da escola).
- ☐ não foi possível a avaliação.
- ☐ não se aplica.

44. Trabalha atualmente?

- ☐ Não ☐ Sim Onde? _____
- tempo _____
- ganho _____

45. Trabalho

- ☐ nunca trabalhou
- ☐ desempregado
- ☐ afastado INPS
- ☐ aposentado INPS

46. Outros rendimentos que não os de trabalho.

- ☐ Não ☐ Sim Tipo, valor _____

47. Drogadicção e trabalho

- ☐ não há evidência de que a droga influiu no trabalho (emprego)
- ☐ alguma influência, como admoestação por falta, ser preterido numa promoção, a preocupação dos chefes pelo uso de drogas, sem perigo de demissão.
- ☐ impacto sério no trabalho. Despedido. Negada uma promoção. Perdeu o emprego. Está para ser despedido
- ☐ nunca trabalhou
- ☐ não há resposta

48. Drogadicção e história criminal?

- ☐ vende objetos da família ou desvia dinheiro para comprar drogas.
- ☐ trafica
- ☐ nunca condenado ou preso
- ☐ uma vez
- ☐ duas
- ☐ três
- ☐ mais
- ☐ roubos, assaltos e nunca preso
- ☐ briga, (tent.) homicídio por tóxicos, mas nunca preso

49. Drogadicção e história conjugal

- ☐ não há evidência de que a droga influiu neste ou em casamentos anteriores
- ☐ a droga teve influência apenas leve neste ou nos casamentos anteriores
- ☐ a droga teve impactos muito sérios neste e em prévios casamentos
- ☐ a droga está implicada na separação ou desquite atual
- ☐ nunca casou
- ☐ não foi possível obter respostas.

BIBLIOGRAFIA

Há o que vem de uma leitura regular...
Há o que vem de leituras insistentes (... a
psicanálise, certos místicos...). Há o que
vem de leituras ocasionais. Há o que
vem de conversa de amigos. Há enfim o
que vem de minha própria vida.

Barthes, (1991).

AGOSTINHO, S. - *Confissões*. 3.ed. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.

418p.

AJURIAGUERRA, J. DE - Las toxicomanias y la personalidad del toxicomano. In: _____ - *Manual de psiquiatria infantil*. 4.ed. Barcelona, Toray-masson, 1977. p.917-26.

ALEXANDER, F.G. & SELESNICK, S.T. - Alcoolismo e toxicomania. In: _____ - *História da psiquiatria*. São Paulo, IBRASA, 1968. p.439-47.

ALVES, R. - *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo, Brasiliense, 1988. 211p.

AULAGNIER, P. - O Problema da origem. In: _____ - *A Violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro, Imago, 1979. p.180-184.

ASSIS, M. DE - *Dom Casmurro*. São Paulo, F.T.D., 1991. [Coleção *Grandes leituras*].

AULAGNIER, P. - A Relação passional. In: _____ - *Os Destinos do prazer: alienação - amor - paixão*. Rio de Janeiro, Imago, 1985. p.150-165.

BARBOSA, L.M. - *Estudo sobre as condições externas que cercam o farmacodependente e o alcoolista*. Campinas, 1989. [Tese - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Campinas]

- BARTHES, R. - Fragmentos de um discurso amoroso. 11.ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1991. 200p.
- BASTOS, F.I. & GONÇALVES, O. - Só socialmente: os fatores psíquicos ativos nas relações humanas através dos tempos. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1992. 136p.
- BERGERET, J. - Toxicomania e personalidade. Rio de Janeiro, Zahar, 1983. 110p.
- BERQUO, E.S. [et al.] - Levantamento de dados. In: _____ - Bioestatística. 1.ed. rev. São Paulo, EPU, 1981. p.11-45.
- BIANCHEDI, E.T. [et al.] - Bion, esse conhecido/desconhecido. Uma memória do futuro da psicanálise. Rev. Bras. Psicanál. 26(3): 353-64, 1992.
- BION, W.R. - Atenção e interpretação: uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos. Rio de Janeiro, Imago, 1973. 143p.
- _____ - Conferências brasileiras: 1 - São Paulo 1973. Rio de Janeiro, Imago, 1974. 137p.
- _____ - Conversando com Bion. Rio de Janeiro, Imago, 1992. 244p.
- _____ - Os Elementos da psicanálise (inclui O Aprender com a

experiência). Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1966. 211p.

_____ - Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts). Rio de Janeiro, Imago, 1988. 154p.

_____ - Uma Memória do futuro: I - O Sonho. São Paulo, Martins Fontes, 1989. 254p.

_____ - As Transformações: a mudança do aprender para o crescer. Rio de Janeiro, Imago, 1991. 194p.

BLEANDONU, G. - Wilfred R. Bion. A vida e a obra. Rio de Janeiro, Imago, 1993. 267p.

BLEGER, J. - A Entrevista psicológica: seu emprego no diagnóstico e na investigação . In: _____ - Temas de psicologia: entrevista e grupos. São Paulo, Martins Fontes, 1989. p.7-41.

BOWLBY, J. - Cuidados maternos e saúde mental. São Paulo, Martins Fontes, 1981. 225p.

_____ - Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo, Martins Fontes, 1982. 165p.

BRANDAO, J. DE S. - Mitologia grega. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1987, v. 1, 2 e 3.

BUSCAGLIA, L. - Vivendo, amando e aprendendo. Rio de Janeiro, Re-

cord, 1982, 275p.

CAMÕES, L. - Os Lusíadas. 2.ed. São Paulo, Melhoramentos, s.d.

CAMPBELL, J. - O Herói de mil faces. São Paulo, Cultrix, 1992. 414p.

_____ - O Poder do mito. São Paulo, Palas Athena, 1990. 242p.

_____ - As Transformações do mito através do tempo. São Paulo, Cultrix, 1992. 246p.

CAPRA, F. - O Ponto de mutação. São Paulo, Cultrix, 1982. 447p.

_____ - O Tao da física. São Paulo, Cultrix, 1983, 260p.

CARDOSO, S., et. al. - Os Sentidos da paixão. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. 508p.

CARLINI, E.L.A. - Uso ilícito de drogas lícitas pela nossa juventude: é um problema solúvel? Rev. Bras. Cres. Des. Hum., São Paulo, 2(1):129-43, 1992.

CHARDIN, T. DE - O Fenômeno humano. São Paulo, Cultrix, 1988, 393p.

CHARBONNEAU, P.E. - Drogas: Prevenção, escola. 2.ed. São Paulo, Paulinas, 1988. 162p.

CHARON, J.E. - O Espírito, este desconhecido. São Paulo, Melhoramen-

tos, 1990. 194p.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - Dicionário de Símbolos. 4.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991.

CORREA, R.A.Q. - A Lenda do labirinto: da clínica ao mitológico. J. bras. Psiq., 30 (1): 47-56, 1981.

CUNHA, A.C. DA - Estrutura e apresentação de dissertações e teses. Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. São Paulo, Serviço de Biblioteca e Documentação, 1991. 48p.

CUNHA, A.G. DA - Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. - O Anti-édipo. Rio de Janeiro, Imago, 1976. 514p.

DETIENNE, M. - Dioniso a céu aberto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988. 152p.

DEVEREUX, G. - Mulher e Mito. São Paulo, Papirus, 1990. 328p.

DICIONARIO DE MITOLOGIA GREGO-ROMANA. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

DIEL, P. - El Simbolismo en la mitologia griega. Barcelona, Labor, 1976. 241p.

- DODDS, E.R. - Menadismo. In: _____ - Os Gregos e o irracional. Lisboa, Gradiva, 1988. p.289-99.
- DOLTO, F. - O Complexo de Edipo. In: _____ - Psicanálise e pediatria. 3.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. p.69-115.
- DOLTO, F. - O Complexo de Edipo: Suas etapas estruturantes e seus acidentes. In: _____ - No jogo do desejo. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1984. p.157-95.
- DOLTO, F. - A gênese do sentimento materno: esclarecimento psicanalítico da função simbólica feminina. In: _____ - No jogo do desejo. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1984. p.196-213.
- DOLTO, F. - No jogo do desejo: dados viciados e cartas marcadas. In: _____ - No jogo do desejo. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1984. p.214-59.
- DREWERMANN, E. - An den grenzen des lebens. In: Psychoanalyse und moraltheologie. 3:22, 85-97, 1984.
- DROGAS: guia de orientação para pais, jovens e professores. Rev. Vital, 7(1), s.d.
- DUPETIT, S. - La Adicción y las drogas. Buenos Aires, Salto, s.d.
- ECO, U. - Como se faz uma tese. São Paulo, Perspectiva, 1983. 170p.

ECOS do Big Bang. In: Veja, São Paulo, 29 abr., 1992. p.60-66.

EDINGER, E.F. - A Criação da consciência. O Mito de Jung para o homem moderno. São Paulo, Cultrix, 1984.

ELIADE, M. - Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

_____ - Mito do eterno retorno. São Paulo, Mercuryo, 1992.
147p.

EMEDIATO, L.F. - Geração abandonada. 7.ed. São Paulo, EMW Editores, 1984. 124p.

EU, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída... São Paulo, Difel, 1982, 322p.

EY, H.; BERNARD, P.; BRISSET, CH. - La Alcoholomania, In: _____
_____ Tratado de psiquiatria. 7.ed. Barcelona, Toray-masson, 1975. p.353-67.

EY, H.; BERNARD, P.; BRISSET, CH. - Toxicômanos e toxicomanias. In: _____
_____ Tratado de psiquiatria. 7.ed. Barcelona, Toray-masson, 1975. p.345-53.

FENICHEL, O. - Perversões e neuroses impulsivas. In: _____ -
Teoria psicanalítica das neuroses. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981. p.303-59.

FERRARI, A.T. - Metodologia da pesquisa científica. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1982. 318p.

FERREIRA, A.B.H. - Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.

FEYERABEND, P. - Contra o método. Rio de Janeiro, F. Alves, 1989. p. 447.

FONTANELLA, B.J.B. - Tratamento das toxicomanias: impasses na medicina, tentativas de respostas - dados sobre Campinas (SP). Campinas, 1991. [Tese - Mestrado - Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp]

FORDHAM, F. - Introdução à psicologia de Jung. São Paulo, Verbo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

FREUD, S. - Uma Breve descrição da psicanálise. In: _____ - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.19, p.239-59. (ed. original, 1924).

FREUD, S. - Cinco lições de psicanálise. In: _____ - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1970, v.11, p.13-51. (ed. original, 1909).

FREUD, S. - A Dissolução do Complexo de Edipo. In: _____ - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago,

1976, v.19, p.215-24. (ed. original, 1924).

FREUD, S. - Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: _____ - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.12, p.277-286. (ed. original, 1925).

FREUD, S. - Os Instintos e suas vicissitudes. In: _____ - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1974, v.14, p.128-62. (ed. original, 1915).

FREUD, S. - O Mal-estar na civilização. In: _____ - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1974, v.21, p.81-104. (ed. original, 1930).

FREUD, S. - Prefácio à juventude desorientada, de Aichhorn. In: _____ - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.19, p.339-43. (ed. original, 1950).

FREUD, S. - Sobre a psicanálise. In: _____ - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1969, v.12, p.265-270. (ed. original, 1913).

FREUD, S. - O Tema dos três escrínios. In: _____ - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1969, v.12, p.367-379. (ed. original, 1925).

GARCIA, J.A. - Origem e desenvolvimento das toxicomanias. In: _____

- _____ - Psicopatologia forense. 3.ed. Rio de Janeiro, Forense, 1979. p.444-62.
- GARCIA, J.A. - Os Tóxicos no contexto da patologia social. In: _____
_____ - Psicopatologia forense. 3.ed. Rio de Janeiro, Forense, 1979. p.463-91.
- GEETS, C. - Os Primeiros estádios do conflito edipiano. In: _____
___ - Melanie Klein. São Paulo, Melhoramentos, 1977. p.41-84.
- GOMES, M.C.A.P. - O Núcleo de magoa crita. Rev. Bras. Psicanál., 20 (1):19-67, 1986.
- GRANDE ENCICLOPEDIA DELTA LAROUSSE: Baco, Dioniso, Mito. Rio de Janeiro, Delta, 1978. p.670, 2206, 4557.
- GRANDE ENCICLOPEDIA DELTA LAROUSSE: Dioniso, mito, mitologia. São Paulo, Nova Cultura, Círculo do Livro, 1991. p.1947, 4088, 4089.
- GREENBLATT, D.J. & SHADER, R.I. - Dependência de barbitúricos e sedativo - hipnóticos: Tratamento. In: _____
_____ - Manual de terapêutica psiquiátrica. Rio de Janeiro, Atheneu, 1978. p.171-77.
- GREENBLATT, D.J. & SHADER, R.I. - Más viagens (Tipo particular de efeito psicodisléptico). In: _____ -
Manual de terapêutica psiquiátrica. Rio de Janeiro, Atheneu, 1978. p.163-70.
- GROF, S. - A Natureza da realidade: o alvorecer de um novo paradigma

- ma. In: _____ - Além do cérebro: Nascimento, morte e transcedência em psicoterapia. São Paulo, McGraw-Hill, 1987. p.1-66.
- GUIDI, M.L.M. & DUARTE, S.G. - Um Esquema de caracterização sócio-econômica. Rev. Bras. Est. Pedag., 52:67-92, 1969.
- GUITION, J., [et. al.] - Deus e a ciência. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992. 158p.
- HALL, J.A. - Alcool e drogas. In: _____ - Jung e a interpretação dos sonhos. São Paulo, Cultrix, 1985. p.102-104.
- HERANI, M.L.G. - Normas para apresentação de dissertações e teses. São Paulo, BIREME, 1990. 45 p.
- HESSE, H. - O Poeta. In: _____ - Contos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. p.25-33.
- HOIRISCH, A. - Cocaína. Psicorama, 6(1): 2, 1985.
- HUMBERT, E.G. - Jung. São Paulo, Summus, 1985. 149p.
- IMPrensa BIBLICA BRASILEIRA: O Evangelho segundo Mateus; O Evangelho segundo Lucas; Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios. Rio de Janeiro, 1967. p.3-78; 127-208; 410.
- INSTITUTO SOCIAL MORUMBI - (Folhetos sobre tóxicos): - Campanha antitóxico; - Recuperação e reabilitação de dependentes em tóxi-

cos; - Toxicomania; - As Drogas e a sociedade; - Personalidade e drogas; - As Perguntas mais freqÜentes II; - Causas da toxicomania I; - Causas da toxicomanias II; - Opiáceos; - Maconha; - Psicolépticos - depressores; - Drogas psicoanaléticas. Estimulante - "bolinhas".

JELLOUSCHEK - Sêmele, Zeus e Hera. O papel da amante no triângulo amoroso. São Paulo, Cultrix, 1987. 133p.

JONES, E. - Vida e obra de Sigmund Freud. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 779p.

JUNG, C.G. - O Eu e o inconsciente. Petrópolis, Vozes, 1982. 184p.
(Obras completas de C.G.Jung, v.7, t.2).

_____ - Entrevistas e encontros. Coordenação de William McGuire e R.F.C. Hull. São Paulo, Cultrix, 1982.

_____ - O Espírito na arte e na ciência. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____ - O Homem e seus símbolos. 5.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

JUNG, C.G. - Psicologia e religião. In: _____ - Obras completas de C.G. Jung. Petrópolis, Vozes, 1984. V. 11(1)

_____ - Sincronicidade. Petrópolis, Vozes, 1971. 109p.

- KADARE, I. - *Abril despedaçado*. São Paulo, Companhia da Letras, 1991. 191p.
- KHAYYAM, O. - *Rubáiyát*. 10.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1952. 186p.
- KLEIN, M. & RIVIERE, J. - *Amor, ódio e reparação*. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1975. 162p.
- KOLB, L.C. - Dependência de drogas. In: _____ - *Psiquiatria clínica*. 8.ed. Rio de Janeiro, Interamericana, 1976. p.479-97.
- KOLB, L.C. - Psicoses alcoólicas e alcoolismo. In: _____ - *Psiquiatria clínica*. 8.ed. Rio de Janeiro, Interamericana, 1976. p.193-209.
- KUHN, T.S. - *A Estrutura das revoluções científicas*. 3.ed. São Paulo, Perspectiva, 1990. 257p.
- KUSINITZ, M. - *Tudo sobre drogas: famosos e drogados*. São Paulo, Nova Cultural, 1988. 94p.
- LADRIÈRE, J. - *A Articulação do sentido*. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. 244p.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. - *Vocabulário da psicanálise*. 3.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1970.

- LAURENTI, R. [et al.] - Classificação internacional de doenças. In:
_____ - Estatísticas de saúde. São Paulo, EPU, 1985. p.91-
99.
- LOPES DE FARIA, J. [et. al.] - Necrotic changes of the adrenal
cortex following orthostatic collapse in rabbits. Path. Res.
Pract. 165: 301-10, 1979.
- MARTINS, J. & BICUDO, M.A.V. - A Pesquisa qualitativa em psicologia:
fundamentos e recursos básicos. São Paulo, Moraes, 1989. 110p.
- MASUR, J. - O que é toxicomania. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.
67p. (Coleção primeiros passos, 149)
- _____ - A Questão do alcoolismo. São Paulo, Brasiliense, 1984.
78p. (Coleção QualE)
- MAYER-GROSS, W.; SLATER, E.; ROTH, M. - Alcoolismo, adição à drogas
e outras intoxicações. In: _____
- Psiquiatria clínica. São Paulo, Mestre Jou, 1969. p.405-64.
- MELTZER, D. - Além da consciência. Rev. Bras. Psicanál., 26(3): 397-
408, 1992.
- MERTON, T. - A Montanha dos sete pilares. São Paulo, Editora Mérito,
s.d. 462p.
- MITOLOGIA - São Paulo, Abril Cultural, 1973, v.1, 2 e 3.

MODIGLIANI - São Paulo, Abril Cultural, 1977. 59p.

MUNHOZ, M. - **Enfoque psicanalítico do mito grego.** São Paulo, 1991.

[Apostilado]

NATIONAL INSTITUTE ON DRUG ABUSE - Theories on drug abuse: Selected contemporary perspectives. NIDA Research Monograph 30, 1980. 488p.

N.A. WORLD SERVICE OFFICE, INC. - Toxicômanos anônimos. São Paulo, Edições Loyola, 1982. 55p.

NEW LAROUSSE ENCYCLOPEDIA OF MYTHOLOGY: Greek mythology. 20.ed. Middlesex, Hamlyn Publishing Group, 1985. p.90-192.

NICOLA, J. & INFANTE, U. - Como ler Fernando Pessoa. São Paulo, Scipione, 1988. p.17.

NIETZSCHE, F.W. - A Origem da tragédia. 5.ed. Lisboa, Guimarães Editores, 1988. p.35.

ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD - Comité de expertos de la OMS en farmacodependência. Ginebra, OMS, 1989. p.50 (Série de Informes Técnicos, 775)

ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD - Los Problemas de la droga en el contexto sociocultural. Ginebra, OMS, 1981. 300p.

PAIVA, L.M. - Psicofisiopatologia dos milagres. Associação Médica do Paraná, Edições Garatuja, Abril, 1989. 44p.

PELICIER, Y. - As Toxicomanias e o alcoolismo. In: _____ - A Psiquiatria ao alcance de todos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. p.169-183.

PESSOA, F. - Poemas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. 162p.

_____ - Poesias coligidas. 5.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. 207p.

_____ - Seleção poética. 2.ed. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar, 1972. 288p.

PORTO, J.A. DEL & LACKS, V. - Suicídio e uso de drogas em jovens. Bol. de Psiqu., São Paulo, 24(1/2): 5-7, 1991.

PROGROFF, I. - Jung, sincronicidade e destino humano. A Teoria da coincidência significativa de C.G. Jung. São Paulo, Cultrix, 1973.

RAHM, Pe.H.J. & LAMEGO, M. - Cristo não aceitou tóxicos. São Paulo, Edições Loyola. 1984. 77p.

REZENDE, A.M.de - Apostila do curso de pós graduação: Fundamentos filosóficos da clínica psicanalítica, 1991. (Apostilado)

_____ - Bion e o futuro da psicanálise. São Paulo,

Papirus, 1993. 300p.

_____ - Bion e os três vértices: o modelo científico-matemático. São Paulo, SBPSP, 1992. (Apostilado)

_____ - Bion e os três vértices: o modelo estético-artístico. São Paulo, SBPSP, 1992. (Apostilado)

_____ - Conceção fenomenológica da educação. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1990. 96p. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 38)

_____ - Heidegger e Melanie Klein: o pensar e a gratidão. 1990. (Apostilado)

_____ - O Pensamento de Bion: um universo em expansão. Rev. Bras. Psicanál., 26(3): 273-84, 1992.

_____ - A Transferência: passado e futuro no presente. s.d. (Apostilado)

ROCHA, E.P. - O Que é mito. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. 98p.

ROUSSEAU, J.J. - Os Devaneios do caminhante solitário. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986. 136p.

RUDIO, F.V. - Introdução ao projeto de pesquisa científica. 10.ed. Petrópolis, Vozes, 1985. 124p.

RYCROFT, C. - Dicionário crítico de psicanálise. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

SALEM, T. - O Domínio privado. In: _____ - O Velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis, Vozes, 1980. p.117-203.

SCANLAN, R.T. - The Myths of Greece and Rome. Edina, Bellwether Press, 1986. 227p.

SCHNEIDER, M. - Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise, e o pensamento. Campinas, Editora da Unicamp, 1990. 503p.

SERRAT, S.M. & PIERI, H.S.C. - Causas da farmacodependência: um estudo preliminar. Revista do Instituto de Psicologia da PUCCAMP, 1(2):75-84, 1984.

SEVERINO, A.J. - Metodologia do trabalho científico. 3.ed. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978. 159p.

SHINYASHIKI, R. - Senhor ou escravo ... de si mesmo. In: _____ - A Carícia essencial: Uma psicologia do afeto. 9.ed. São Paulo, Gente, 1987. p.90-91.

SCHUR, M. - As Origens. In: _____ - Freud: vida e agonia. Vol.1. Rio de Janeiro, Imago, 1981. v.1. p.23-48.

- SIMO, J. - Consideraciones sobre la cuestion del diagnóstico. New York, 1992. (Apostilado).
- SOARES, C.A. - Estudo das repercussões em filhos da ausência paterna e da desarmonia conjugal através de comparações entre grupos. Campinas, 1986. [Tese - Doutorado - Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp]
- SOFOCLES - Rei Edipo. In: SOUZA, J.B.M. - Tragédias gregas. Rio de Janeiro, Ediouro, s.d. p.17-68.
- SOIFER, R. - Prólogo. In: _____ - Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo. Petrópolis, Vozes, 1983. p.11.
- SOUSA, P.R.de - Os Sentidos do sintoma: psicanálise e gastroenterologia. São Paulo, Papirus, 1992. 186p.
- SPITZ, R.A. - O Primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais. São Paulo, Martins Fontes, 1979. 345p.
- STEIN, E. - O Conhecimento da história. In: _____ - História e Ideologia. Porto Alegre, Movimento, 1972. p.21-29.
- STEIN, E. - Consciência histórica. In: _____ - História e Ideologia. Porto Alegre, Movimento, 1972. p.31-38.

- STOLOROW, R.D. & LACHMANN, F.M. - *Psicanálise das paradas do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Imago, 1983. p.13.
- TAVARES, I.M. - *Perseu - o mito e o complexo*. Uma variante do complexo de Edipo. *Rev. Bras. Psicanál.*, 26(2): 303-16.
- TELLES, L.F. - *As meninas: romance*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. 266p.
- VERNY, T. & KELLY, J. - *A Vida secreta da criança antes de nascer*. São Paulo, C.J. Salmi, 1989. 214p.
- YOURCENAR, M. - *De Olhos abertos: entrevistas com Matthieu Galey*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983. 309p.
- WHITMONT, E.C. - *A Busca do símbolo. Conceitos básicos de psicologia analítica*. São Paulo, Cultrix, 1969. p.66-91.
- WINNICOTT, D.W. - *O Papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*. In: _____ - *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p.153-62.
- WRIGHT, R. - *O Universo é um computador?* *Diálogo*, 22 (Suppl. 3): 42-51, 1989.
- ZOHAR, D. - *O Ser quântico*. 2.ed. São Paulo, Editora Best Seller, 1990. 305p.